

Versão Online    ISBN 978-85-8015-040-7  
Cadernos PDE

VOLUME II

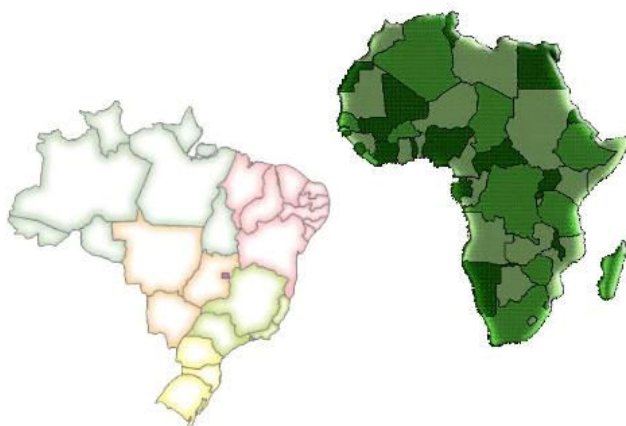
O PROFESSOR PDE E OS DESAFIOS  
DA ESCOLA PÚBLICA PARANAENSE  
Produção Didático-Pedagógica

2008

**MARISTELA IURK BATISTA**

**CADERNO PEDAGÓGICO**

**CONHECENDO A ÁFRICA QUE ESTÁ ENTRE NÓS:  
UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICO-  
RELIGIOSAS AFRO-BRASILEIRAS**



**PDE - 2008**

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE**

**CONHECENDO A ÁFRICA QUE ESTÁ ENTRE NÓS: UM ESTUDO  
DAS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICO – RELIGIOSAS AFRO –  
BRASILEIRAS**

Trabalho apresentado como pré -  
requisito parcial para o PDE, a ser  
desenvolvido no plano de intervenção  
pedagógica no Colégio Estadual Prof.  
Júlio Teodorico, sob a orientação da prof<sup>a</sup>  
Ms. Angela Ribeiro Ferreira (UEPG).

**SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO – SEED  
SUPERINTENDÊNCIA DA EDUCAÇÃO – SUED  
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO EDUCACIONAL – PDE  
PLANO DE TRABALHO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

**1- IDENTIFICAÇÃO**

1.1- Professora PDE: **MARISTELA IURK BATISTA**

1.2- Área: HISTÓRIA

1.3- N.R.E. de Ponta Grossa

1.4- Professora Orientadora: Ms. ANGELA RIBEIRO FERREIRA

1.5- IES vinculada: UEPG

1.6- Escola de implementação: Colégio Estadual Prof. Júlio Teodorico

1.7- Público e objeto da intervenção: alunos do Ensino Médio e Técnico do Turismo.

**2- TEMA DE ESTUDO DA INTERVENÇÃO: CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

**3- TÍTULO**

**“CONHECENDO A ÀFRICA QUE ESTÁ ENTRE NÓS”: UM ESTUDO DAS MANIFESTAÇÕES FOLCLÓRICO-RELIGIOSAS.**

## AGRADECIMENTOS

Ao findar o nosso caderno pedagógico não poderíamos deixar de agradecer as inúmeras pessoas que contribuíram de diferentes formas para sua viabilização.

Nosso agradecimento especial à professora orientadora Ms. Angela Ribeiro Ferreira (UEPG), pela confiança depositada em nosso trabalho, pela presença vigilante e firme comigo, em todos os momentos de incertezas no estudo.

Ao meu esposo Miguel que desenhou o bumba-meu-boi, dando idéias enriquecedoras para montagem do boi-bumbá, bem como, ao meu filho Carlos Miguel que me deu todo o assessoramento nas pesquisas de imagem na Internet. Fica registrado o meu especial agradecimento.

À equipe gestora do Colégio Estadual Professor Teodorico representada pela professora Ivete Zarochinski, e do diretor auxiliar professor Josmael de Jesus Klazura, que aceitaram a implementação do Projeto PDE na escola a ser desenvolvido com os alunos do Ensino Médio Noturno e o Curso Técnico em Turismo o nosso reconhecimento.

A equipe pedagógica do Colégio bem como, a Coordenação do Curso de Turismo um carinho e agradecimento especial pelo apoio dado a nossa iniciativa.

Aos professores, meus colegas e amigos que estarão desenvolvendo o projeto de intervenção no Colégio Estadual Professor Júlio Teodorico a minha eterna gratidão por abraçarem essa nova experiência e acreditarem no nosso trabalho apoiando incondicionalmente o Projeto PDE: “Conhecendo a África que está entre nós”: um estudo das manifestações-folclórico-religiosas.

Um agradecimento especial a professora de Educação Artística Meiri Marques de Camargo, que nos auxiliou quanto ao material que deveria ser utilizado para a melhor performance na montagem do boi-bumbá.

Ao professor Marcos Aurélio Viatroski; representante do PDE, no Núcleo Regional de Ensino e ao assessor pedagógico professor Anselmo Fabrício Portela (CRTEC) nossa gratidão pelos ensinamentos repassados com muita competência nos Cursos Sacir e Moodle e pela amizade construída ao longo desse ano.

A amiga Maria de Fátima Mello de Almeida companheira de trabalho no Centro de Inclusão Digital da Escola Municipal Professor Plauto Miró Guimarães meu carinho e agradecimento especial pela sua colaboração na montagem da

Cruzadinha de Revisão da Unidade 2 desse caderno, no Software Educacional HOTPOTATOES – Nº 6, enriquecendo assim as atividades propostas.

À amiga professora Edinéia Aparecida Calistro, meu reconhecimento e agradecimento por sempre apoiar e acreditar em minhas iniciativas pedagógicas e pela demonstração de carinho e amizade.

À professora Isabel Stanik, Coordenadora da área de Ensino de História do Núcleo Regional de Ponta Grossa o nosso agradecimento especial pelos CDs com imagens e textos interessantes e sugestivos sobre a África.

Aos amigos professores da Escola Estadual Padre Pedro Grzelczaki pelo carinho, amizade e contribuição enriquecedora ao nosso trabalho através do Grupo de Estudos sobre a África e Cultura-Afro-brasileira, do qual faço parte com eles, fica registrado o nosso reconhecimento, pelas calorosas discussões sobre as temáticas propostas pelos textos do DEDI (Departamento da Diversidade – SEED), das quais foram surgindo novas idéias para a construção do caderno pedagógico.

As digitadoras Aurea Santos e Silmara Aparecida Santos pelo esmero na digitação do trabalho nosso reconhecimento.

*“A Educação é a mais poderosa arma pela qual se pode mudar o mundo”...*

***(Nelson Mandela)***

**LISTA DE FIGURAS**

<b>FIGURA 01 - A ÁFRICA NO FINAL DO SÉCULO XIX .....</b>	<b>07</b>
<b>FIGURA 02 – ÁFRICA - GRANDES GRUPOS LINGÜÍSTICOS .....</b>	<b>08</b>
<b>FIGURA 03 - ÁFRICA - RELIGIÕES PREDOMINANTES .....</b>	<b>08</b>
<b>FIGURA 04 - ÁFRICA – LÍNGUAS OFICIAIS .....</b>	<b>09</b>
<b>FIGURA 05 – CONTINENTE AFRICANO .....</b>	<b>11</b>
<b>FIGURA 06 - MULHERES QUE LUTARAM CONTRA A DISCRIMINAÇÃO E A ESCRAVIDÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>FIGURA 07 – PAISAGENS NATURAIS DA ÁFRICA .....</b>	<b>15</b>
<b>FIGURA 08 – CULTURA AFRICANA .....</b>	<b>16</b>
<b>FIGURA 09 - PIGMEUS.....</b>	<b>18</b>
<b>FIGURA 10 – ALGUMAS PAISAGENS DA ÁFRICA .....</b>	<b>20</b>
<b>FIGURA 11 – ARGOLAS DOS ORIXÁS .....</b>	<b>24</b>
<b>FIGURA 12 – IEMANJÁ – A RAINHA DOS MARES .....</b>	<b>26</b>
<b>FIGURA 13 - FESTA DE IEMANJÁ EM COPACABANA – PASSAGEM PARA O ANO NOVO .....</b>	<b>27</b>
<b>FIGURA 14 - IGREJA DE NOSSO SENHOR DO BONFIM.....</b>	<b>33</b>
<b>FIGURA 15 – BAIANAS CARREGANDO ÁGUA DE CHEIRO PARA LAVAGEM DAS ESCADARIAS DA IGREJA .....</b>	<b>33</b>



## SUMÁRIO

Apresentação do caderno pedagógico aos professores .....	1
<b>Unidade 1: “Conhecendo a África que está entre nós”: a diversidade cultural no Brasil e na África.....</b>	<b>02</b>
<b>Seção 1 : A diversidade cultural no Brasil .....</b>	<b>02</b>
<b>Seção 2: A diversidade cultural na África .....</b>	<b>03</b>
Conhecendo a África através de Mapas .....	07
Vamos as Atividades .....	10
Para Refletir: Texto 1 – A rainha africana que disse não aos portugueses combatendo o tráfico de escravos .....	12
Texto 2: O Egito dos Faraós (atividades) .....	14
<b>Painel 1: Observe as diferentes paisagens da África(atividade).....</b>	<b>15</b>
<b>Painel 2: Atividades .....</b>	<b>16</b>
Análise do filme Hotel Ruanda (atividade) .....	17
Texto Jornalístico: Pigmeus na Floresta (atividade) .....	18
Algumas paisagens da África .....	20
<b>Unidade 2: As manifestações folclórico- religiosas no Brasil: .....</b>	<b>21</b>
<b>Seção1 : As manifestações religiosas Afro –brasileiras: o sincretismo religioso .....</b>	<b>21</b>
<b>Seção 2: Principais Religiões Afro – Brasileiras .....</b>	<b>23</b>
<b>2.1 Candomblé.....</b>	<b>23</b>
<b>2.1.1 – O culto à Iemanjá: A Rainha das Águas .....</b>	<b>25</b>
2.1.1.1 Lenda de Iemanjá.....	25
<b>UMBANDA E CATOLICISMO: a integração das datas festivas .....</b>	<b>25</b>
<b>2.2. Umbanda .....</b>	<b>28</b>
<b>2.3 Tambor-de-mina .....</b>	<b>29</b>
<b>Seção 3: As festas religiosas católicas populares .....</b>	<b>29</b>
<b>3.1 A festa de Nossa Senhora do Rosário na Paraíba .....</b>	<b>30</b>
<b>3.2 São Benedito de Filadelfo .....</b>	<b>31</b>
<b>3.3 Festa de Nosso Senhor do Bonfim na Bahia .....</b>	<b>31</b>
<b>3.4 . A Festa de São Jorge .....</b>	<b>34</b>
<b>3.5 . Santa Bakita: uma Santa Africana .....</b>	<b>35</b>
<b>Vamos as atividades .....</b>	<b>37</b>

<b>Para ler e responder: texto Fé alegria e devoção renovadas .....</b>	<b>38</b>
<b>Caça – palavras .....</b>	<b>40</b>
<b>Exercícios .....</b>	<b>41</b>
<b>Cruzadinha de Revisão .....</b>	<b>42</b>
<b>Seção 4: As manifestações folclórico populares Africanas no Brasil .....</b>	<b>45</b>
<b>4.1 O bumba-meu-boi e sua representação cultural em alguns estados brasileiros .....</b>	<b>45</b>
<b>4.1.1 A Festa do Boi-Bumbá de Parintins no Amazonas .....</b>	<b>48</b>
<b>ATIVIDADE 1 - Dicas para fazer o bumba-meu-boi em miniatura .....</b>	<b>52</b>
<b>ATIVIDADE 2 - Para montar o boi maior siga os seguintes passos .....</b>	<b>55</b>
<b>ATIVIDADE 3: SUGESTÕES .....</b>	<b>57</b>
<b>4.2 A Congada na Lapa .....</b>	<b>58</b>
<b>ATIVIDADE 4 – .....</b>	<b>61</b>
<b>Unidade 3: A musicalidade e a dança que alegra a alma .....</b>	<b>63</b>
<b>3.1 Introdução: uma pequena história do samba .....</b>	<b>63</b>
<b>3.2 O Frevo .....</b>	<b>65</b>
<b>3.3 Dança do Coco .....</b>	<b>66</b>
<b>3.4 Olodum na Bahia e o Batuque da Umbigada em São Paulo .....</b>	<b>66</b>
<b>3.5 Danças Afro-brasileiras do Folclore Amazônico .....</b>	<b>68</b>
<b>3.5.1 Obaluaiê .....</b>	<b>68</b>
<b>3.5.2 O Batuque Amazônico .....</b>	<b>69</b>
<b>3.5.3 Banguê no Pará .....</b>	<b>69</b>
<b>3.6 A Capoeira .....</b>	<b>71</b>
<b>3.7 Instrumentos musicais .....</b>	<b>75</b>
<b>VAMOS ÀS ATIVIDADES .....</b>	<b>78</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>86</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>88</b>
<b>SITES ACESSADOS .....</b>	<b>91</b>
<b>PARA SABER MAIS .....</b>	<b>93</b>

## **Apresentação**

### **Olá Professores (as)!**

Nas últimas décadas a sociedade brasileira tomou consciência da questão da exclusão social: a existência de grupos que, historicamente têm enfrentado dificuldades para o acesso aos bens coletivos.

Para superar essas dificuldades, têm sido propostas políticas afirmativas que dão ênfase à cidadania e à dignidade da pessoa humana. Nesta perspectiva, a educação é considerada um veículo privilegiado no processo de inclusão social. A educação é o ponto de partida no processo de transformação da sociedade, cabendo a escola estimular a construção de valores, hábitos e comportamentos que contribuam de forma democrática e comprometida para a formação integral do ser humano.

A política afirmativa para a promoção da inclusão social e da universalização da cidadania elegeu como uma das prioridades a valorização de nossa diversidade étnica cultural. Portanto, a diversidade cultural brasileira deve permear as discussões na área educacional e na composição das diretrizes curriculares das diferentes disciplinas, principalmente no que diz respeito à cultura africana e afro-brasileira e sua contribuição na formação de nosso país.

Assim, a necessidade da implementação da lei Federal nº 10.639 de 09 de janeiro de 2003, que determinou a obrigatoriedade nas escolas brasileiras do ensino da História e Cultura Afro – brasileira, bem como, da Deliberação 04/2006 do Conselho Estadual da Educação do Paraná, que instituiu normas complementares às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico – Raciais e para o Ensino de História Africana e Cultura Afro- brasileira a serem desenvolvidas pelas instituições de ensino público e privado no Estado Paranaense é que, esse Caderno Pedagógico foi idealizado como um recurso didático para auxiliar o trabalho do professor no tocante a essa temática tão importante no contexto educacional. Também, como professora PDE ao refletir uma proposta de trabalho fiz opção por essa temática no plano de ação de intervenção na escola de origem, por acreditar que a produção desse material e a utilização dele na escola poderão abrir novos caminhos, novas formas de se trabalhar essa temática, bem como a confecção de novos materiais e também abrir espaço para a reflexão de como se trabalhar com esses temas transversais que muitas vezes são desafiadores para nós educadores.

O Caderno Pedagógico está dividido em três unidades inter-relacionadas, contextualizando a África e o Brasil na primeira unidade, na segunda e terceira unidades enfatizando as manifestações folclórico–religiosas afro-brasileiras. Ao final de cada unidade estão elencadas algumas sugestões de atividades a serem trabalhadas com seus alunos e, na terceira unidade sugerimos algumas fontes e sites, que poderão ser consultados.

Ao trabalhar com um dos aspectos culturais da cultura africana e afro-brasileira, espera-se contribuir para a desconstrução da “ideologia eurocêntrica” que por muitas décadas permeou a produção historiográfica brasileira e também ressaltar a importância do trabalho com diversas fontes históricas em sala de aula para a construção do conhecimento histórico.

***Bom trabalho a todos.  
A autora.***

## **Unidade 1: Conhecendo a África que está entre nós: a diversidade cultural no Brasil e na África**

- **Seção 1: A diversidade Cultural no Brasil:**

Quando afirmamos que o Brasil é o país do contraste e da diversidade cultural, o primeiro pensamento que nos vem na mente são as diferenças regionais das cinco regiões que compõem o país. Do Brasil urbano e rural, dos estados brasileiros mais ricos economicamente e daqueles mais pobres, alguns deles localizados na região do Nordeste e castigados pelas “intempéries da seca”, dos grandes centros universitários e daquelas regiões denominadas “bolsões da pobreza”, que ainda, não chegou energia elétrica. Enquanto, algumas famílias nos centros urbanos estão conectadas 24 horas na Internet banda larga, outras nem sequer tem um aparelho de televisão, ou um chuveiro elétrico e água encanada.

O Brasil passou por um recente processo de urbanização, comandado pelo desenvolvimento industrial, sua economia expandiu principalmente a partir da segunda metade do século XX (após a segunda guerra mundial).

As indústrias que, historicamente se concentram em São Paulo, no Rio de Janeiro e em Belo Horizonte, nas últimas décadas vem se ampliando ao redor dos grandes centros e também pelo interior dos Estados.

Não poderíamos deixar de mencionar as riquezas minerais do país, como a bauxita, o ouro de Serra Pelada (Pará), o petróleo da Bacia de Campos, entre outras já exploradas em outros tempos, como, por exemplo, a borracha.

Outro elemento que compõem a o patrimônio brasileiro é a biodiversidade da Amazônia, do Pantanal, das Cataratas do Iguaçu, dos arenitos de Vila Velha que encantam pela sua bela paisagem natural.

Ainda, pode ser destacada a diversidade cultural da sociedade brasileira, no país que domina o futebol, que seduz com o carnaval, a ginga do samba que contamina a alma com o seu ritmo e Melodias.

Nas festas religiosas (de Nossa Senhora Aparecida, de Fátima, do Rosário, Nosso Senhor do Bonfim entre tantas outras) que demonstram o fervor religioso de nosso povo. Hábitos, costumes e tradições culturais que foram legadas pelas três matrizes dos povos formadores da cultura brasileira: o europeu, o índio e o africano.

Sendo assim, ao falarmos da cultura brasileira não podemos deixar de dar ênfase ao continente Africano, local de onde foram trazidos cerca de 3,8 milhões de pessoas para trabalhar como escravos no Brasil. Segundo o historiador Luis Felipe de Alencastro (2000) “dez milhões de escravos africanos desembarcaram no continente americano entre os séculos XVI e XIX”. Portanto, só por esse dado já podemos perceber o impacto cultural desse povo na formação da cultura do Brasil. Além do mais os africanos vieram de diferentes regiões da África trazendo consigo seus hábitos, costumes, crenças e perspectivas.

Da África Ocidental, também conhecida como Costa Oeste, vieram os povos iorubás (nagôs), os jejes e os malês, que exerceram forte influência, social e cultural no Nordeste brasileiro, em especial na Bahia. Já os bantus teriam vindos da região Centro Oeste e nordeste da África.

Durante três séculos em que os portugueses controlavam o tráfico no Atlântico, o mais antigo, de mais longa duração e maior em termos numéricos, a proporção de escravos embarcados no oeste, no centro-oeste e no sudeste da África oscilou bastante. Ao avaliarem registros de viagens dos “navios negreiros”, os pesquisadores Herbert Klein, da Universidade da Columbia e David Eltis, da

Universidade Emory, calcularam que no total, 10% dos escravos teriam vindo da região oeste da África e 17% do Sudeste.

O principal fornecedor de escravos seria mesmo o Centro-Oeste, onde ficava a Colônia portuguesa de Angola, que teria contribuído com 73% dos africanos enviados para o Brasil amontoados no porão de pequenos navios. “Os dados sobre o tráfico de escravos ainda são incompletos e os historiadores aceitam que maior parte veio da região de Angola”, é o que comenta Marina Mello Souza professora da Universidade de São Paulo – USP, especialista em história africana.

- **Seção 2: A diversidade cultural na África:**

O continente Africano, assim como a América é uma região de contrastes sociais, econômicos e de uma diversidade cultural muito grande.

Os principais grupos africanos que vieram para o Brasil foram os: iorubás ou nagôs, jejes, malês e bantus que, efetivamente, a partir de 1530, começaram a formar a população brasileira de africanos e de afro-descendentes:

- **Bantu** é um grupo lingüístico e inclui 274 línguas e dialetos afins. Os bantus povos rurais, provenientes de Angola, Moçambique e Congo, subdividiam-se em: cambindas, benguelas, congos e angolas. Eram em sua maioria, agricultores, mas também viviam da caça e da pesca, e conheciam a técnica da metalurgia. Formaram o Reino do Congo que dominava grande parte do noroeste do continente africano. No Brasil se estabeleceram em MG, GO, RJ e SP.
- **Nagô ou iorubano** era todo negro da Costa Ocidental que falava ou entendia o iorubá – uma língua cantada, que deu origem ao sotaque baiano. Os nagôs vieram da África Ocidental que compreende, atualmente, países como Sudão, Nigéria, Benin, Burkina Faso, Costa do Marfim, Gana, Guiné e Togo.
- **Malês:** eram povos islamizados de hábitos refinados, provenientes do norte da Nigéria. Os alufás ou mestres malês encarregaram-se da transmissão da doutrina islâmica, bem como do ensino da língua e escuta árabes.
- **Jejes:** Na África os Jeje eram os povos Ewe e Fon. A palavra Jeje com origem no iorubá “adjeje” significa forasteiro, porém recebeu também uma conotação pejorativa como “inimigo”, por parte dos povos conquistados pelos reis de Daomé. Reino esse situado onde hoje é a República do Benin que obtinha lucro, colaborando com o tráfico de escravos. Quando os daomeanos chegaram ao Brasil como escravos, aqueles que já estavam aqui os reconheceram como inimigos. O que passou a ser chamado de nação Jeje no Brasil é o candomblé formado por povos vindos da região de Daomé.

A África foi incluída no processo de expansão marítima e comercial da Europa a partir dos séculos XV e XVI, com a função inicial de fornecer mão-de-obra escrava para as colônias da América. Por essa razão, a ocupação europeia do continente africano limitou-se, durante longo período às regiões costeiras, onde foram

estabelecidos postos militares e comerciais. Mas ao longo dos séculos o tráfico de escravos se tornou tão lucrativo que este passa a ser o seu fim último.

Esse processo do “mercantilismo europeu” desarticulou nações e interferiu na organização política africana, além de destruir povos inteiros, pois um número imenso de pessoas morreu na própria África, nos combates para evitar a captura, ou durante a travessia oceânica, pois as condições sanitárias dos navios eram completamente insalubres.

No final do século XIX, após a independência da maior parte das colônias americanas, o fim da utilização de mão-de-obra escrava e o avanço significativo da revolução industrial em vários países europeus, teve início um processo de ocupação maciça do território africano com o objetivo de adequar sua exploração aos interesses emergentes dos países coloniais.

Somente esses fatos já explicariam grande parte dos problemas de muitos países africanos hoje, mas é preciso ainda considerar que, além disso, a ação colonial drenou para as metrópoles européias as riquezas dos países dominados e os estruturou de forma a permanecer sob a sua dependência.

A divisão colonial da África entre as potências colonialistas foi estabelecida através de acordos nos anos de 1884 e 1885, quando ocorreu a Conferência de Berlim. Praticamente toda a África e Ásia foram partilhadas. Em relação a África, com exceção da Libéria e da Abissínia (atual Etiópia) que se mantiveram independentes, todo o continente tornou-se possessão européia.

Até a Segunda Guerra Mundial, a situação manteve-se praticamente inalterada. Depois se intensificaram as lutas anti-colonialistas, e alguns países conquistaram sua independência já na década de 1950. Mas a maioria só se tornou independente nas décadas de 1960 e 1970.

A África colonial francesa, por exemplo, deu origem a vários países independentes: o Congo, a República Centro-Africana, o Chade, o Níger e o Mali, entre outros.

O Egito, que ainda na antiguidade se destacava por suas riquezas e organização, expressas até hoje nas suas pirâmides, no período da colonização da África se tornou um protetorado inglês. Conquistou sua Independência política em 1922.

Como os limites coloniais foram determinados apenas seguindo os interesses dos colonizadores, tanto separaram povos semelhantes como juntaram inimigos num mesmo território. Sem dúvida muitos conflitos presentes hoje no continente africano devem-se à forma como se definiram as atuais fronteiras. Embora identifiquem países independentes, continuam a ser aquelas estabelecidas pelos interesses coloniais.

No decorrer de seus processos de independência, os próprios países africanos decidiram respeitar os limites territoriais herdados dos europeus para evitar um conflito duplo: contra o colonizador e contra os próprios vizinhos. Essa decisão foi tomada ainda no início da década de 1960, quando os representantes de cerca de trinta países já independentes reuniram-se em Adis-Abeba, capital da Etiópia e fundaram a Organização da Unidade Africana (OUA).

Hoje, com exceção das localidades de Ceuta e Melilla (norte de Marrocos) pertencentes à Espanha, e das ilhas Mayote (arquipélago de Comores – sudeste do continente) e Reunião (leste de Madagascar), pertencentes à França, não há mais possessões européias na África.

Os países europeus somente se interessaram pela colonização da África porque haviam riquezas a serem exploradas. De início, a riqueza vinha do comércio

e do tráfico de escravos; posteriormente, da agropecuária e da exploração dos recursos minerais e energéticos.

Atualmente, um dos principais fatores do desempenho da economia dos países africanos está ligado à exploração de seus recursos minerais. Nesse sentido, o norte da África destaca-se pela presença de petróleo particularmente na Argélia e na Líbia. As jazidas petrolíferas são encontradas ainda na região do Golfo do Guiné, especialmente na Nigéria, 7º exportador mundial em 2002 e, em menor dimensão em Angola.

Destaca-se ainda, a grande concentração de explorações minerais no sul do continente, com importantes jazidas de ouro e diamante. Os diamantes podem ser encontrados também nos países centrais e ocidentais do continente. Na África do Sul e Namíbia, também se encontram as maiores reservas de urânio, tão necessário para a produção de energia nas usinas nucleares.

A apropriação desses recursos é geralmente apontada como um elemento importante na eclosão e na disseminação de conflitos. Entretanto, os fatores que as determinam são sempre múltiplos. Como por exemplo, o conflito na República Democrática do Congo (RDC), que tem a participação de pelos menos quatro outros países, cada qual com interesses diferenciados, envolvem aspectos como o acesso à água, o controle sobre jazidas minerais e alinhamentos políticos com países vizinhos.

Em 2003 as forças rebeldes controlavam o norte do país, com o apoio de Ruanda e Uganda, enquanto o governo controlava ao sul, com o apoio de Angola e do Zimbábue.

A situação do conflito levou à paralisação dos serviços do Estado na maior parte do país. A ONU acusou os países vizinhos de prolongar o conflito no Congo em função da exploração de minas de ouro e diamantes. As áreas mais conflituosas são as de Ituri, na fronteira com Uganda, e as províncias Kivu Norte e Kivu Sul, ao lado de Ruanda.

Ruanda e Burundi, vizinhos da República Democrática do Congo, apresentam também uma situação duradoura de conflitos internos que têm se espalhado pelos países vizinhos. Em 1994 ocorreu um grande massacre em Ruanda: os hutus, etnia dominante numericamente e que controla o poder político e o exército, massacraram centenas de milhares de tutsis. Esse trágico massacre criou grande tensão que já dura mais de dez anos em Ruanda e no Burundi, também povoado predominantemente por hutus e tutsis.

O que se pode perceber é que o fato de um determinado país ou região ser étnica ou religiosamente diferenciada não leva por si só à eclosão de conflitos. Outros elementos, em geral ligados à disputa pelo poder e também à apropriação e distribuição das riquezas, se associam para que a situação se deteriore transformando-se em exaustivos conflitos.

Os contrastes em relação às atividades industriais também são bastante notórios, pois apenas três países africanos (África do Sul, Argélia e Egito) detêm mais da metade da produção industrial de todo o continente.

A África com seus cinquenta e três países, povoada por quase 800 milhões de habitantes apresenta também grande diversidade cultural, notável tanto se compararmos os países entre si como se observarmos a variedade de línguas, dialetos e hábitos que coexistem em cada um deles. Por exemplo, a Nigéria é habitada por 250 grupos étnicos, os quais provêm de quatro grandes etnias: hauçás (21% da população) e fulas (9%) no norte do país, iorubás (20%) no sudoeste e ibas

(16%) no sudeste. Esses grupos não só se diferenciam pelo idioma, história e costumes, como por seu tamanho, poder e influência.

Diversos países adotaram o idioma da antiga potência colonizadora como a língua oficial do país. Isso não quer dizer que seja a única língua falada nesses países, pois geralmente ela coexiste com línguas nativas dominantes e com dezenas de outros idiomas falados por determinados grupos da população. O período de domínio europeu transformou a economia da África e também tornou as línguas européias dominantes em muitos países, como, por exemplo, a língua portuguesa que é língua oficial em: Cabo Verde, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Angola e Moçambique.

Em alguns países são consideradas oficiais tanto uma língua nativa quanto a de origem européia. No continente africano falam mais de mil línguas, muitas delas com abrangência apenas local.

Além do árabe, as línguas mais difundidas são o swahili, falado em toda a África Oriental; o hauçá, na África Ocidental; e o africâner, na África do Sul. Esta última tem origem na língua dos colonos holandeses, que chegaram ao continente no século XVII.

Observamos também que, a diversidade das línguas nativas somou-se a outras que foram introduzidas no período colonial, fato que também ocorreu com as religiões.

O islamismo difundiu-se no norte da África entre os séculos VII e XVII, enquanto o cristianismo foi propagado, sobretudo a partir da colonização européia. A articulação dessas religiões com suas crenças locais configuraram o mapa da atual diferenciação religiosa do continente.

Não poderíamos deixar de citar também a África das savanas e das florestas tropicais com a diversidade exuberante da fauna e flora, do Quilimanjaro, na Tanzânia, com mais de 5800 metros de altitude. A África do “**Raly Paris/Dacar**”, competição automobilística (carros, motos, caminhões), que leva pilotos do mundo inteiro a participarem dessa prova todos os anos, unindo culturas diferentes através do esporte.

Ao refletirmos alguns aspectos socioeconômicos e culturais da África temos que lembramos de um personagem importante por sua luta contra o “Apartheid” na África do Sul, Nelson Mandela, que recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1993, lutou em favor da igualdade de direitos entre todos os sul-africanos.

O racismo na África do Sul teve grande destaque porque foi assumido institucionalmente pelo Estado. Embora a grande maioria da população fosse negra (68%), os brancos (18%) detinham o poder político e eram os únicos que podiam ser considerados cidadãos, sem nenhuma limitação de direitos.

Em 1994 realizaram-se as primeiras eleições multirraciais da África do Sul, com plena participação da população negra. O resultado foi a eleição de Nelson Mandela, dirigente do CNA (Conselho Nacional Africano) para a presidência do país.

Os dois mandatos de Nelson Mandela na presidência da África do Sul e sua sucessão em eleições livres, sem discriminação social, consolidaram a democracia no país e o colocaram no rumo da superação dos grandes problemas que se acumularam durante o longo período de vigência do Apartheid.

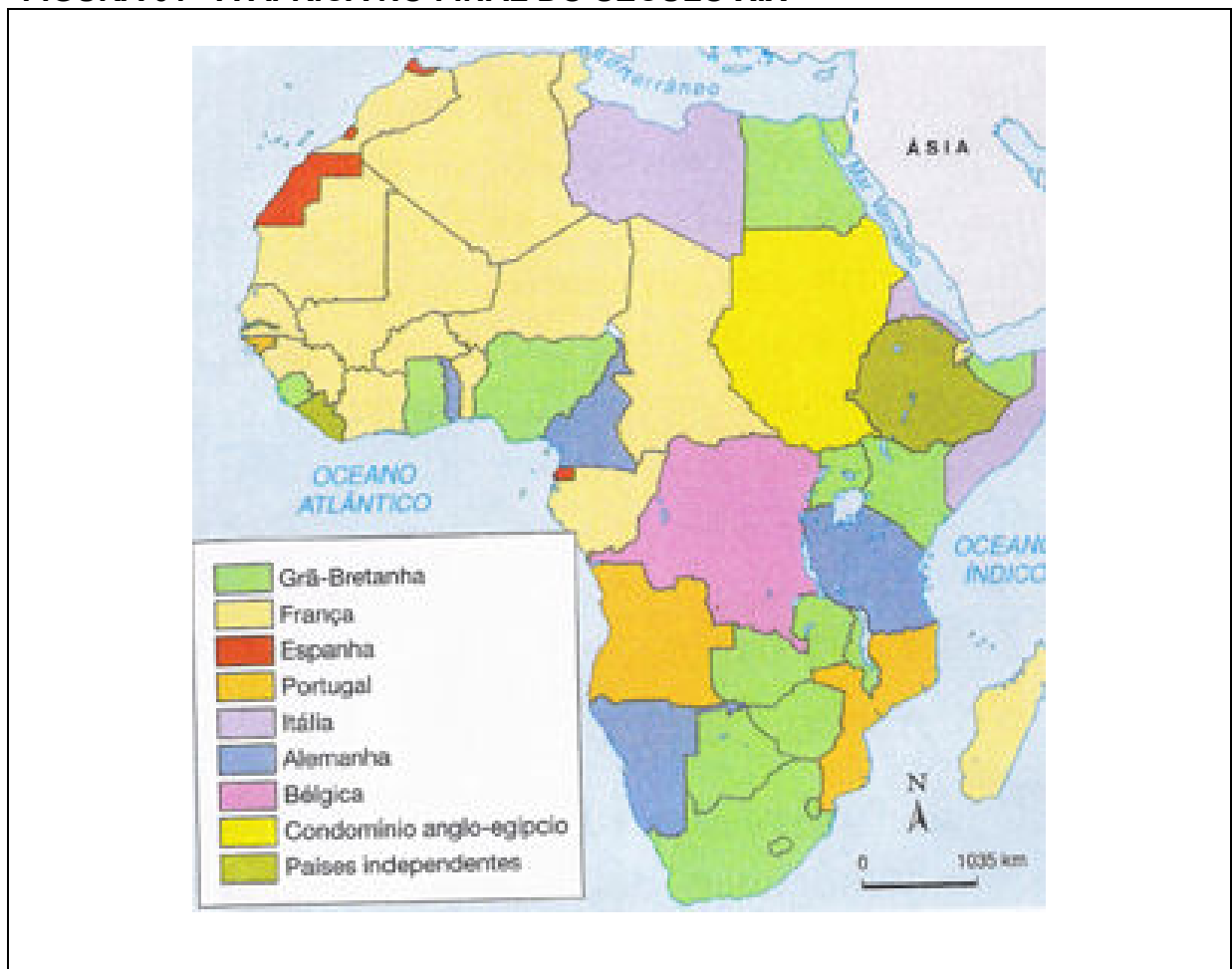
Somente a partir do fim da segregação racial a população negra da África do Sul, tornou-se participante efetiva da sociedade e passou a ter suas necessidades levadas em consideração em todos os campos da vida social, como a saúde, o emprego, a educação etc., rompendo uma alienação que durou quase um século.



Para concluir, o que chamamos de África é, na verdade, um complexo de milhares de culturas diferentes. Diferentes na religião, no idioma, na maneira de se vestir, na alimentação, na organização social, política, da produção econômica, e até nos traços físicos. Portanto, ao nos reportarmos a esse continente, temos que tomar cuidado com as simplificações e aos reducionismos. Também é importante evitarmos entender a história dos povos africanos e as diferentes culturas sob o ponto de vista da cultura ocidental. Temos que, nos esforçar em compreendê-las a partir de seus próprios valores, o que é igualmente válido para o estudo dos povos de qualquer outra região do planeta.

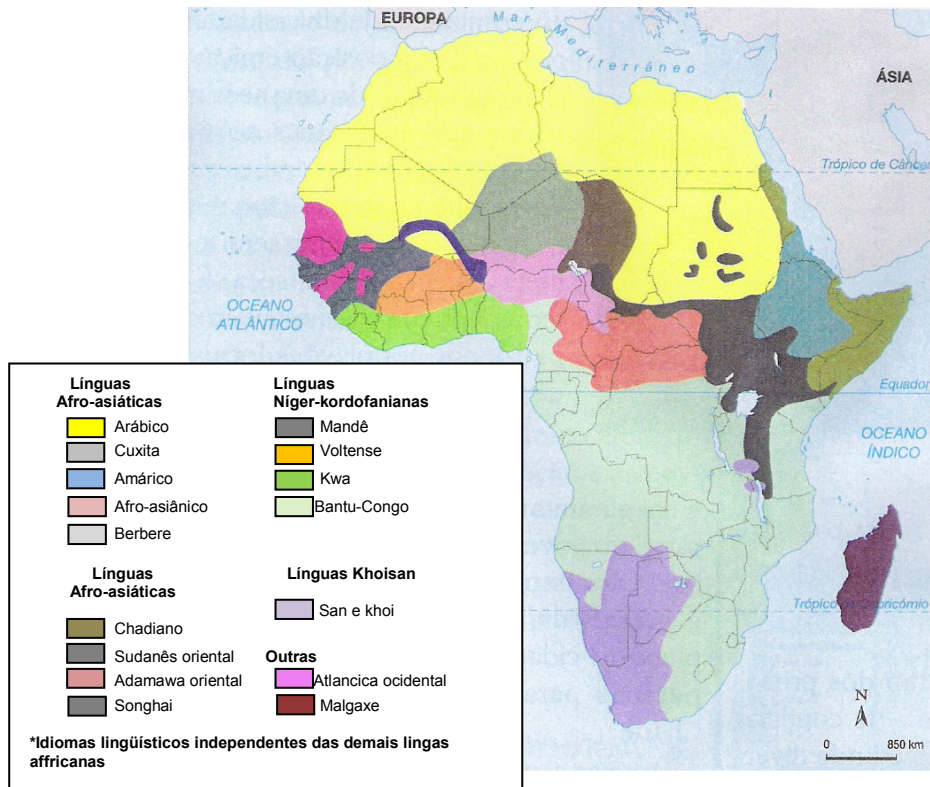
## CONHECENDO A ÁFRICA ATRAVÉS DE MAPAS

FIGURA 01 - A ÁFRICA NO FINAL DO SÉCULO XIX

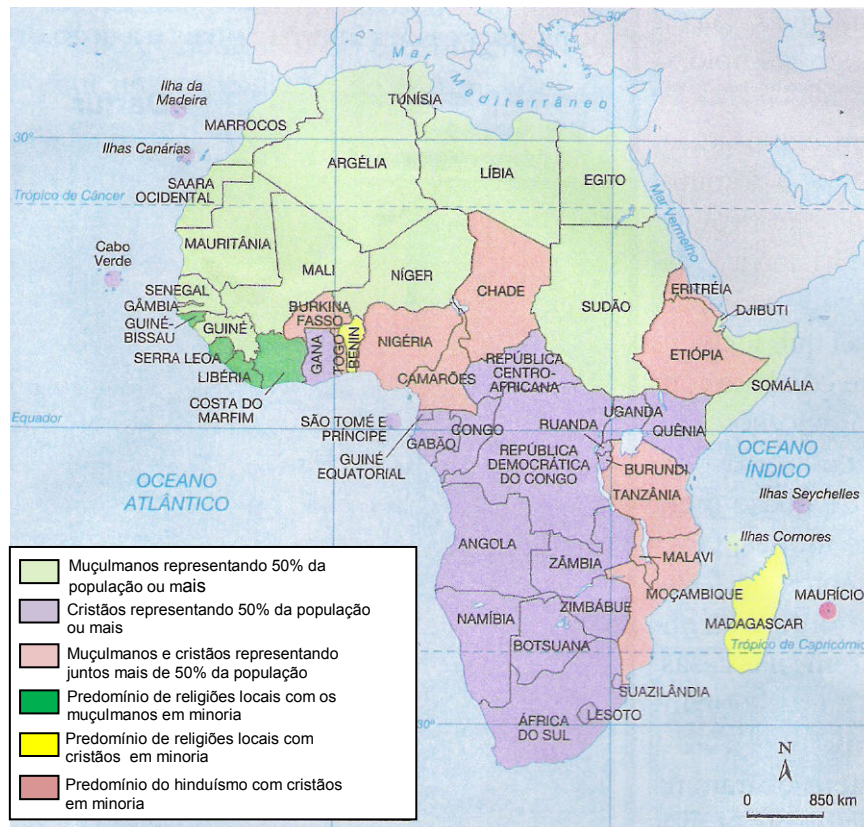


Fonte: Nouvel Atlas Bordas Historique ET Géographique. Paris: Bordas.  
VIDAL-NAQUET, p. (1992). **Atlas histórico**: da pré-história aos nossos dias.

**FIGURA 02 – ÁFRICA - GRANDES GRUPOS LINGÜÍSTICOS**



**FIGURA 03 - ÁFRICA - RELIGIÕES PREDOMINANTES**



Fonte: África at a Glance, África Institute of. South África.

**FIGURA 04 - ÁFRICA – LÍNGUAS OFICIAIS**



Fonte: África at a Glance, África Institute of. South África.

## VAMOS AS ATIVIDADES...

Trabalhando com o mapa

1 – Localize no mapa:

A) Os países africanos que falam a língua portuguesa.

B) Após ler o texto de apoio indique no mapa as regiões africanas de onde teriam vindo para o Brasil os grupos africanos (iorubás ou nagôs, jejes, bantus e malês) .

C) Os países independentes que se originaram da África Colonial portuguesa e francesa.

D) Região da África em que se localizam as maiores reservas de urânio do mundo, bem como a região petrolífera da África.

E) Os países mais industrializados da África.

2) Identifique com um x o tipo de mapa:

a)Histórico

b) físico

c)político

FIGURA 05 - CONTINENTE AFRICANO




Fonte: Disponível em: <<http://dominiopublico.gov.br/download/imagem/pc000445.pdf>>

## PARA REFLETIR

### **Texto 1: *A Rainha Africana que disse não aos portugueses combatendo o tráfico de escravos.***

Tanto na África como no Brasil tivemos africanos e afro-descendentes que, lideraram revoltas contra a escravidão. No Brasil, por exemplo, Pedro Pedrosa foi um dos cabeças da Conjuração Baiana, em 1738; Luiza Mahin, Agostinho e Ambrósio estiveram a frente da Revolta dos Malês, na Bahia; e Manuel dos Anjos Ferreira, Raimundo Gomes e Cosme Bento das Chagas foram participantes destacados da Balaiada no Maranhão.

Outros ficaram famosos por sua luta no movimento abolicionista do final do séc. XIX, como o jornalista José do Patrocínio, o tribuno Luís Gama, o poeta Castro Alves e o engenheiro André Rebouças.

Na África, no século XVII coube a uma mulher o feito de ter desafiado os europeus: Jinga Mbande (1583 – 1663), a grande Ngola (rainha de Ndongo), um dos Estados na região onde hoje está Angola.

Nzinga, como também era conhecida viveu durante um período em que o tráfico de escravos africanos e a consolidação do poder dos portugueses na região estavam crescendo rapidamente. Antes dela, os governantes africanos haviam feito um pacto com os europeus. Esse acordo previa que os governantes venderiam prisioneiros de guerra aos compradores de escravos portugueses.

O nome de Nzinga surge nos registros históricos como uma enviada de seu irmão numa conferência de Paz com o governo português de Luanda. Após anos de incursões portuguesas para capturar escravos e entre batalhas intermitentes, Nzinga negociou um tratado de termos iguais, converteu-se ao cristianismo para fortalecer o tratado e adaptou o nome português de Dona Ana de Sousa. No entanto, no ano subsequente reiniciaram as hostilidades.

Já como rainha em 1632, Jinga Mbande, uma das maiores personalidades femininas de toda história da África, recusou-se a vender seres humanos aos portugueses, que ao romperem os acordos anteriores insistiam terminantemente com a rainha na compra de escravos africanos. Traída por eles ganhou notoriedade durante a guerra por liderar suas tropas e por ter proibido as mesmas de a tratarem como “rainha”, preferindo que suas tropas se dirigissem a ela como “rei”. Estadista, diplomata, em 1635 formou uma coligação com os reinos do Congo, Kassarje, Dembos e Kissama. Sob sua direção, Ndongo conquistou o Estado de Matamba.

Como soberana rompeu os compromissos com Portugal, abandonou a religião católica e praticando uma série de violências e ataques não só contra os portugueses, mas também contra as populações tributárias de Portugal na região.

Diante do plano de conquista de Angola por forças da Companhia Neerlandesa das Índias Ocidentais, percebeu uma nova oportunidade de resistir. Formou uma aliança com os holandeses que à época ocupavam parte da região nordeste do Brasil. Com o auxílio das forças de Nzinga, os holandeses conseguiram ocupar Luanda de 1641 a 1648.

Os portugueses moveram uma perseguição implacável à grande rainha. Mas só dominaram a região depois que ela faleceu, trinta anos mais tarde. Mesmo assim, o território que ela tanto defendeu acabaria recebendo o nome de **Angola**.

No Brasil o nome da rainha Nzinga é referido em vários folguedos da Festa de Reis dos afro-descendentes do Rosário, onde reis do congo católicos lutam contra reis que não aceitam o cristianismo.

Jinga Mbande possuía muitas variações em seu nome que, em alguns casos eram completamente distintos. Entre eles: Rainha Nzinga, Nzinga I, Rainha Nzinga Mdango, Nzinga Mbande, Ngola Nzinga, Nzinga de Matamba, entre outros.

**Texto adaptado de:**

MELLO, Antônio Brandão de. Breve história da rainha Zinga Mbandi, D. Ana de Sousa. In: Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa, Série 63, nº3 e 4 , 1945, p.134-146.

PARREIRA, Adriano. Economia e Sociedade em Angola na época da rainha Jinga: século XVII. Lisboa: Editorial Estampa, 1977. 247p.

**FIGURA 06 - MULHERES QUE LUTARAM CONTRA A DISCRIMINAÇÃO E A ESCRAVIDÃO**



Nzinga ao centro com sua comitiva  
Gravura italiana do século XVII



Rainha Nzinga



Benedita da Silva



Chica da Silva

Fonte: <<http://images.google.com.br/images?hl=pt-BR&q=chica+da+silva&gbv=2>>

3) Após ler e refletir sobre o texto comente com seus colegas e anote as pessoas que vocês conhecem que se destacaram na história por lutarem em defesa dos direitos humanos.

4) Pesquise e traga para a sala de aula para compartilhar com seus colegas:

- a) Quem foi “Zumbi dos Palmares” no Brasil.
- b) Quem é Nelson Mandela e o que ele representou na África do Sul.

Após a apresentação, monte um painel com seus colegas e tragam notícias sobre movimentos de conscientização negra existentes no Paraná e em sua cidade. Pesquise na Internet acessando o Google.

### Texto 2:

#### O EGITO DOS FARAÓS

Para o historiador grego Heródoto de Halicarnasso, o “Egito era uma dádiva do Nilo...” dada a importância do rio Nilo para os antigos egípcios que tiveram que sobreviver em uma região desértica.

Os gregos antigos diziam que os egípcios tinham a pele escura (em grego, melancbroes) e os cabelos crespos (oulotricbes) o que revela a influência da população negra da África. No sul do rio Nilo, ficava a região da Núbia (onde hoje está o Sudão). Os núbios eram descritos como indivíduos altos e com a pele muito escura. Eles viviam no Reino de Kushs cuja capital era a cidade de Napata. Os Kushitas desenvolveram intenso comércio com o Egito, de quem receberam influências culturais. Mas não eram meros imitadores. Construíam prédios, um tanto diferentes dos egípcios, e tinham sua própria escrita. Na metade do séc. VIII a.C., os exércitos Kushitas derrotaram os egípcios e durante um século os faraós foram núbios!

Fonte: SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança**. Rio de Janeiro Nova Fronteira /Biblioteca Nacional 2001.

5) Pesquise e elabore um roteiro turístico pelo Egito e por mais um país africano de sua escolha. Seja criativo. Apresente na forma de Folder, Cartaz ou em Slides Power Point. Venda o pacote turístico. Você pode montar também por opção um roteiro por uma cidade do nordeste brasileiro, ou ainda, uma cidade histórica paranaense. Vamos dar asas a nossa criatividade. Você é um agente de turismo!



6) Observe as diferentes paisagens da África: Painel 1

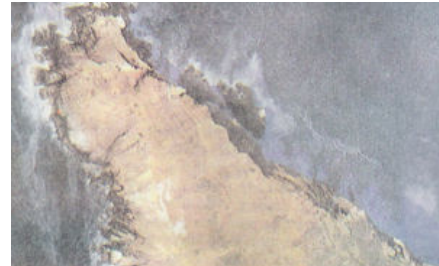
a) Comente se há alguma semelhança com a paisagem natural brasileira.

### PAINEL 1

#### FIGURA 07 - ÁFRICA



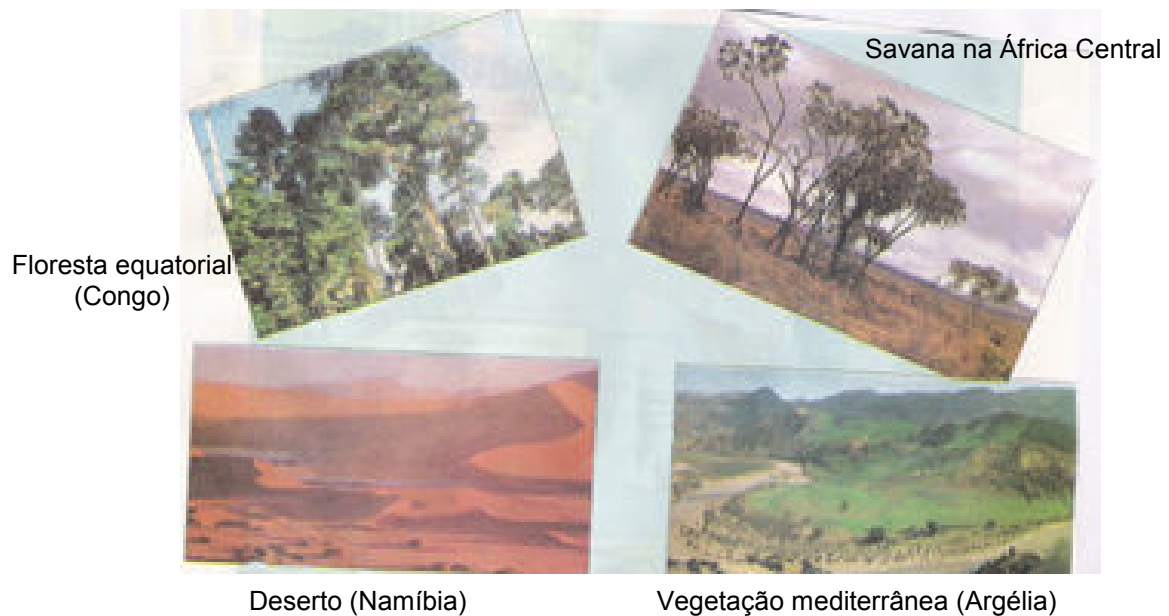
O Quilimanjaro, no Maciço da África centro-oriental, é o ponto culminante da África.



O litoral africano é extenso e pouco recortado. Na foto, o cabo da Boa Esperança.



As savanas dominam vastas extensões tropicais do continente africano.



Na África, a vegetação reflete as condições climáticas. Entre as mais importantes paisagens, destacam-se as florestas úmidas e as savanas.

Fontes: Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A. set/1976.  
Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A. jul/1986, nº 140.

b) Observe o painel 2. Após refletir, relate algumas contribuições e influências da cultura Africana para a cultura brasileira (alimentação, danças, etc...).

## PAINEL 2

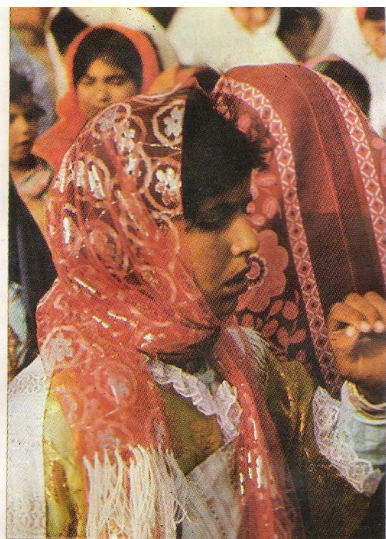
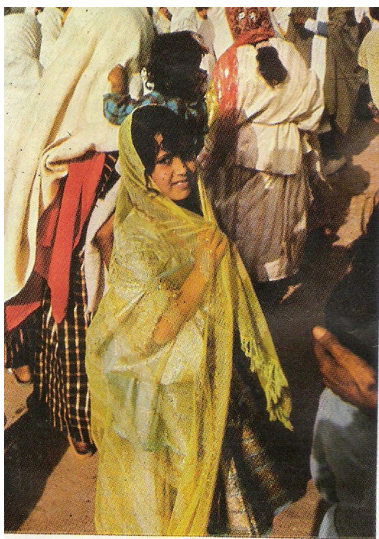
### FIGURA 08 – CULURA AFRICANA



A partilha colonial europeia não respeitou as distinções culturais dos povos africanos. Nas fotos mulher-girafa (Zaire) e zulus (África do Sul)



Nelson Mandela, um dos grandes líderes sul-africanos na luta contra o apartheid.



Protetorado francês de 1881 a 1956, a Tunísia não podia deixar de sofrer as influências da civilização europeia. Mas, à proporção que se penetra o seu interior, os velhos costumes vão ressurgindo e a tradição islâmica desponta como nesse alegre e colorido casamento entre beduínos.

Dotado de poucos recursos minerais, uma industria insipiente, o Senegal ainda é um país essencialmente agrícola, embora tenha que importar alimentos para poder subsistir. Semelhantes aos camelôs do Brasil, pululam nos centros urbanos os vendedores de rua, sobretudo mulheres, vestida com seus coloridos bubus, vendendo verduras, frutas e flores.



Família mulçumana no Marrocos.

**Fontes:** Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A. maio/1989, nº 174.  
Revista Geográfica Universal. Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A. ago/1996, nº 259.

Caro Professor (a):

O filme indicado Hotel Ruanda pode ser analisado e trabalhado sob diversas facetas, por exemplo, a questão do racismo, discriminação social, guerra civil, no país e suas conseqüências para população local. Também a relação de poder do Estado em relação às milícias paralelas formadas num período de guerra.

Enfim, podem ser levantadas e enfocadas diversas questões vivenciadas no cotidiano destes países com conflitos étnico-raciais como no caso em Ruanda. Vale a pena assistir esse filme com seus alunos.

## 7) Análise do filme Hotel Ruanda

Ficha Técnica:

Gênero: Drama

Tempo: 122 min.

Lançamento: 2004 em DVD: Nov/2005.

Classificação 14 anos.

Distribuidora Imagens Filmes.

Elenco: Dan Cheadle, Sophie Okonedo, Nick Nolte, Cara Seymour, Joaquim Phoenix.

### Sinopse:



"Hotel Ruanda" poderia ter sido um filme quase desconhecido, mas que graças a sua coragem e temática concorreu aos Oscar de melhor ator (Don Cheadle, muito versátil e um dia pode chegar lá), atriz coadjuvante (a talentosa Sophie Okoneko) e roteiro (do diretor irlandês Terry George).

Infelizmente o filme não fez sucesso nem no exterior e nem no Brasil, onde existe o preconceito contra os filmes sobre negros e sobre tragédias. Trata-se do genocídio dos tutsis pelos hutus, que ocorreu em Ruanda, em 1994 e que aqui é contada sob a perspectiva de um feito de heroísmo. O mundo fechou os olhos para a matança, enquanto ocorria outra, na Bósnia e Sérvia.

No caso africano, não havia interesses econômicos envolvidos, por isso a ONU e mesmo os EUA são francamente criticados nos filme por não terem agido de modo eficiente para impedir o massacre de cerca de 1 milhão de pessoas.

Pena que o irlandês Terry George (roteirista e diretor de "Mães em Luta") tenha feito um filme frio, neutro, sobre um assunto explosivo. "Hotel Ruanda" conta a história de Paul Rusesabagina (Don Cheadle), gerente de um hotel de luxo, que salvou a vida de cerca de 1.200 pessoas, abrigando-as, por meio de truques, jogadas e corrupção, e evitando que elas fossem massacradas pelas milícias.

Como o filme explica, os belgas começaram o problema quando dividiram os habitantes do país em duas etnias (o que não era verdade): os mais altos e bonitos (tutsis) e os mais pobres e feios (hutus), criando um ódio mortal entre eles, cuja diferenciação "marcante" estava no nariz.

Paul é hutu e bem-sucedido, e é casado com uma tutsi. O país está um caos, há rebelião dos dois lados. Mas do lado do governo, os civis tiveram acesso a armas de fogo e matavam pessoas a esmo.

Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/critica.php?id=613>  
 cinema UOL.com.br/filmes/2005/08/18hotel\_ruanda.jhtm27k  
 cinemayahoo.com.br/filme12130/sinopse

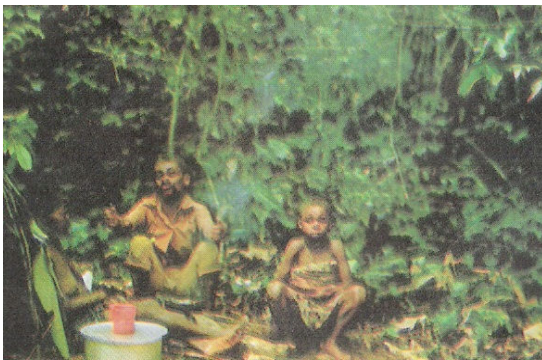
## TRABALHANDO COM FILME

1- Após assistir o filme discuta com seus alunos, qual a relação da situação da África atual e o colonialismo europeu do século XIX.

2- Trabalhando com texto jornalístico: Os mandamentos dos pigmeus  
Após a leitura do texto levante alguns aspectos sócio-culturais e religiosos semelhantes a cultura ocidental (brasileira).

## PIGMEUS NA FLORESTA

### FIGURA 09 - PIGMEUS



De todos os livros escritos até hoje sobre os pigmeus, o mais interessante, talvez, seja *Pygmykitab*, porque seus autores, os americanos Jean-Pierre Hallet e Alex Pelle, criadores do primeiro dicionário da língua pigmeia, defendem a teoria de que os Mbuti circulam hoje pelo local onde teria existido o paraíso, mencionado nas sagradas escrituras, e estão convencidos de que a floresta Ituri seria o tão falado Jardim do Éden. São 25 quilômetros quadrados de mata densa, dentro da qual nasce o rio Nilo.

Estudando as lendas dos pigmeus, e depois de várias viagens pelo Oriente Médio para

estudar culturas milenares que floresceram naquela região da terra, Hallet constatou que a história que contam sobre o surgimento

do homem difere pouco ou nada da que está na Bíblia, ou da que contam egípcios, hebreus e gregos, entre outros povos.

Jean-Pierre Hallet lembra que os registros dos egípcios, com quase cinco mil anos, referem-se às terras dos seus ancestrais como localizadas atrás das “Montanhas da Lua”, na nascente do Nilo, exatamente onde vivem os pigmeus Mbutis, e que a lenda de Adão e Eva seria mais antiga entre os “anões africanos” do que entre outros povos do mundo.

### Os mandamentos dos pigmeus

Hallet não aceita a teoria de que os pigmeus seriam negros degenerados. Primeiro, porque eles têm uma ligação genética exclusiva com os chamados caucasóides – pele mais clara, longos cílios, muito pêlo no rosto e no corpo e, ocasionalmente, olhos azuis e cabelos amarelados, os próprios pigmeus contam que seus ancestrais eram completamente cobertos de pêlo, mas houve um cataclisma e seus corpos sofreram uma mudança: ficaram menores, os cabelos caíram e o pênis cresceu desproporcionalmente, obrigando-os a cobri-los. A língua e a religião dos pigmeus, segundo Hallet, são muito sofisticadas e contêm um alto nível de pensamentos abstratos, que eles atribuem à opção que fizeram pela renúncia ao materialismo. Um dos pecados mais graves que um membro da tribo pode cometer é roubar fogo e, curiosamente, eles não

fazem fogo, simplesmente carregam a chama de um lugar para outro.

Não há hierarquia de mando, entre eles, e os mais velhos nem sempre são os melhores conselheiros. Na tribo, tudo é discutido com a participação de todos os interessados. Em Pygmykitabú, Hallet enumera o que seria os mandamentos mais importantes dos pigmeus, da maneira como aprendeu com os Mbuti: 1 – Não cometer crueldade com crianças; 2 – Não matar; 3 – Não matar animais por brincadeira; 4 – Respeitar os pais e as pessoas idosas; 5 – Ajudar os pigmeus feridos ou perdidos em território alheio; 6 – Não desperdiçar comida; 7 – Não sujar a água de beber; 8 – Não fazer feitiçaria; 9 – Não cometer adultério; 10 – Não agir de modo covarde durante as caçadas; 11 – Não bater no marido; 12 – Não bater na esposa; 13 – Não cortar as árvores mais altas; 14 – Não blasfemar; 15 – Não caçar animais com armadilhas; 16 – Não roubar; 17 – Não comer ovos, que são a semente da vida; 18 – Não caluniar. Hallet também teme que esses sobreviventes não tenham mais do que algumas décadas de

vida, porque massacres como o que aconteceu na semana passada são mais freqüentes do que a imprensa noticia. Além do mais, os pigmeus são considerados membros de uma sub-raça pelos africanos, acusados de preguiçosos, e um obstáculo ao avanço da civilização. Exatamente como os índios eram no passado.

(Texto de autoria do jornalista José Carlos Santana, extraído do jornal "O Estado de S. Paulo", de 15 de janeiro de 1989).



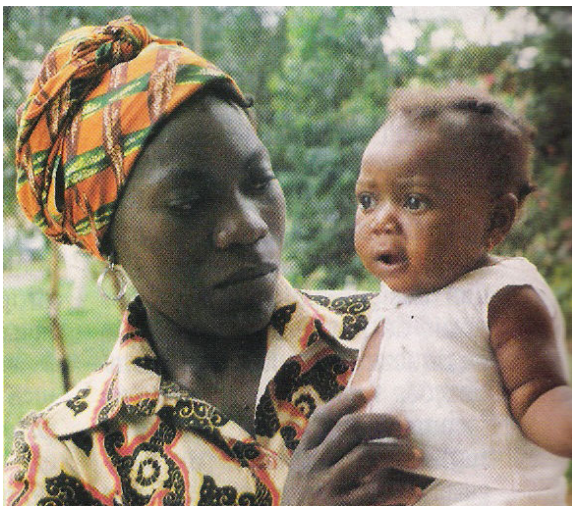
## ALGUMAS PAISAGENS DA ÁFRICA



Esfinge no Egito (Lúxor)



Crianças da África do Sul



Mãe da África do Sul

Fontes consultada:

<http://images.google.com.br/images?hl=pt->

<http://images.google.com.br/images?gbv=2&hl=pt-BR&q=%C3%A1frica+do+sul>

Cadernos do Terceiro Mundo. nº 201, ago 1997.



Nação Africana – África do Sul

## Unidade 2: As manifestações folclórico-religiosas no Brasil

- **Seção 1: As manifestações religiosas Afro-brasileiras:**

### O sincretismo religioso

O patrimônio cultural brasileiro, originário da população negra é composto de bens materiais e imateriais, que são expressões das comunidades, nos mais diferentes aspectos: objetos, costumes, canções rituais, encontradas na religião, na culinária, nos modos de tecer e vestir. Uma retomada de vozes que ficaram silenciadas por opressões históricas é fundamental e necessária para uma compreensão democrática de educação. O primeiro movimento para esta escuta é o reconhecimento da existência de espaços, que não o da educação formal como portadores de saberes, considerando que uma não existe sem a outra (escola e cultura), ambas sendo alimentadas e alimentando-se na arte e na memória (RATTS e DAMASCENA, 2006).

Ao contrário do que se pensa no senso comum, a aparente passividade dos africanos escravizados não foi verdadeira. Foram muitas as formas de resistência à escravidão, entre elas a forma mais conhecida foi a dos quilombos. Estes eram espaços para onde os escravos que não aceitavam a sua condição, fugiam e lutavam contra a escravidão. Devido a maneira como se contrapunham à escravidão, eles foram vistos como uma proposta alternativa de sociedade.

Nessa perspectiva, tanto a cultura como as práticas sociais e religiosas foram reinventadas pelos africanos a partir da resistência, de propostas alternativas, de agrupamentos/ movimentos organizados. No que tange a religião a forma de sobrevivência encontrada foi o sincretismo (união das religiões de origem africana com o catolicismo) o que manteve durante todo o período escravista, os seus deuses escondidos por trás dos santos católicos.

Os africanos que vieram para o Brasil provinham de diferentes povos que pertenciam a variadas culturas. As suas práticas religiosas eram, em alguns casos, assemelhadas e, em outros, bastante diferentes. No Novo Mundo, alguns se desligaram completamente de suas antigas tradições, convertendo-se ao cristianismo. No Brasil e nas colônias espanholas, tornaram-se católicos, posto que o catolicismo era a única religião permitida. Nos Estados Unidos e em colônias britânicas e francesas da América Central e Caribe tornaram-se protestantes, especialmente batistas. De modo geral, os seus descendentes mantiveram-se fiéis a estas novas religiões.

Um grande número de africanos e seus descendentes buscaram recriar as suas religiões de origem, formando grupos para a prática religiosa dos rituais e para a transmissão das tradições. Estes grupos se autodenominaram “nações” e os nomes adotados se referem às etnias, cujas culturas são predominantes entre eles. Tais recriações foram mais bem sucedidas nos locais de maior concentração de escravos e seus descendentes, especialmente nas cidades portuárias que mantiveram atividades comerciais com os países da África até as primeiras décadas do século XX. No Brasil, foram especialmente as cidades de São Luís, Recife, Salvador e Rio de Janeiro.

As práticas dos grupos religiosos africanos passaram a constituir-se em uma espécie de síntese dos elementos culturais, fossem de fé, fossem de costumes e rituais dos seus participantes, pelo fato das populações de africanos e seus descendentes não serem homogêneas, ou seja estavam constituídas pela



convivência de pessoas provenientes de diferentes etnias (por exemplo, nagô, mina, fanti, ashanti, jeje, hauçá e outros).

Estas culturas e outras já haviam feito um primeiro sincretismo na própria África, resultante das guerras étnicas e da permanência de escravos nos entrepostos do tráfico, como no Arquipélago do Cabo Verde e nas Ilhas de São Tomé e Príncipe.

A convivência com as populações de origem indígena – especialmente em áreas rurais – levou à incorporação de aspectos das diferentes culturas dos povos que já habitavam as Américas antes da chegada de europeus e africanos. Por fim, foram incorporados a alguns dos cultos afro-brasileiros aspectos culturais de outras etnias, como a dos ciganos e, muito mais recentemente, de povos orientais. Assim, é possível ver-se, em algumas casas de culto, imagens de Buda. Foram incorporados, também, aspectos do espiritismo europeu kardecista.

Por outro lado, devido as pressões da Igreja Católica para a extinção desses cultos e também pela possibilidade de certos aspectos da religião católica serem compatíveis com as tradições africanas, as religiões afro-brasileiras apresentam significativos aspectos das crenças e dos rituais católicos:

- os participantes do ritual do tambor-de-mina do Maranhão costumam realizar a festa católica do império do divino, em homenagem ao Espírito Santo;
- no Recife, integrantes dos cultos dos orixás participam das procissões-dançantes da bandeira e do acorda-povo, esta última realizada na madrugada do dia em que se homenageia São João;
- a ialorixá (sacerdotisa das religiões afro-brasileiras dos orixás) Badia, no Pátio do Terço do Recife, organizava a festa de São Bartolomeu e se lhe perguntavam se haveria “toque”, respondia que não, porque se tratava de “uma festa brasileira”;
- diversos babalorixás (sacerdote das religiões afro-brasileiras dos orixás) do Recife integraram as confrarias de Nossa Senhora do Rosário; Luis de França dos Santos, que dirigiu o Maracatu Leão Coroado do Recife, dizia, com orgulho, ter sido juiz da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos (as irmandades são sociedade da religião católica destinadas à prática de culto aos santos, com funções de assistência social e de lazer, de diferentes classes sociais, inclusive de escravos; as Irmandades de Nossa Senhora do Rosário, padroeira dos africanos e seus descendentes, tiveram importante papel na socialização dos mesmos no Brasil, especialmente no que diz respeito às alforrias por compra);
- as rainhas das taieiras, da cidade de Laranjeiras (Sergipe) folguedo organizado pelos membros dos cultos dos orixás, são coroadas na missa do dia-de-reis, na igreja de São Benedito Filadelfo;
- as ialorixás da cidade de Cachoeira, na Bahia, integram a Irmandade da Boa Morte e promovem a procissão do enterro de Nossa Senhora, no mês de agosto.

Entre outras, são reverenciadas nos cultos afro-brasileiros as seguintes entidades: Espírito Santo, Arcanjo São Miguel, Nossa Senhora (sob várias invocações), São Benedito, São Bartolomeu, Santa Bárbara, São Jorge, São João, Santos Cosme e Damião.

Todos os cultos afro-brasileiros fazem oferendas de alimentos propiciatórios, de pagamento dos favores recebidos ou como resgate pelas faltas aos preceitos religiosos. Desses alimentos são preparadas refeições para os membros da comunidade e seus convidados, servidas em verdadeiros banquetes – carnes de boi, bode, carneiro, aves, peixes, além de frutas, doces e bebidas.

Atualmente os estudiosos costumam considerar os cultos afro-brasileiros segundo a predominância das heranças africanas que prevaleceram.

<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1019>

## • Seção 2: Principais Religiões Afro-Brasileiras:

Principais religiões afro-brasileiras, o candomblé e a umbanda têm forte penetração no país, especialmente em São Paulo, no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e na Bahia. Em 1991, existiam quase 650 mil adeptos, de acordo com o censo do IBGE. Estudiosos dessas religiões estimam que quase um terço da população brasileira frequenta um centro (terreiro). Esse número inclui tanto os frequentadores assíduos quanto os esporádicos, que muitas vezes estão ligados também a outras religiões. Também temos que destacar uma outra religião afro-brasileira que vem atraindo um grande número de seguidores que é a Tambor-de-Mina ou Mina ocorrida principalmente no Maranhão .

### 2.1 Candomblé: [http://www.portalbrasil.net/religiao\\_religioes\\_afrobrasileiras.htm](http://www.portalbrasil.net/religiao_religioes_afrobrasileiras.htm)

O candomblé que é uma denominação genérica para as religiões afro-brasileiras na Bahia e em outros locais sob sua influência. Também é conhecido como o culto dos orixás e tem a estrutura proveniente das crenças jeje-nagô originárias do povo de Iorubá, ainda que com subdivisões que apresentam características próprias como queto, xambá, ijexá, presentes no Recife, Salvador e Porto Alegre e nas áreas de influência destas cidades, bem como difundidas pelos migrantes (Baixada Fluminense, São Paulo, Brasília). Segundo as tradições, é religião originária de Ilê-Ifé<sup>1</sup>, onde teria sido criado o mundo e, na qual cultuam-se os orixás. Seus sacerdotes (babalorixás) e sacerdotisas (ialorixás) passam por um processo de iniciação de tempo variável, para o aprendizado da língua e dos rituais. O culto aos antepassados é realizado em cerimônias realizadas à parte do culto dos orixás. Nas cerimônias públicas, em que há música e dança, são utilizados instrumentos de percussão, quase sempre três tambores e um gonguê.

Para a religião dos nagôs ou candomblé existe uma força suprema no Universo, que gerou todas as coisas: **Olorum**. Abaixo dela, existem as forças da natureza, os **orixás**. Todas essas forças e tudo que existe são dotadas de algo que dá vida a tudo e que é chamada de **axé**. Essa propriedade vital do axé pode ser transmitida para as coisas e para as pessoas. Os orixás masculinos são chamados de **oxalás**, e os orixás femininos são as aibás, ou seja, as rainhas. No Brasil, os

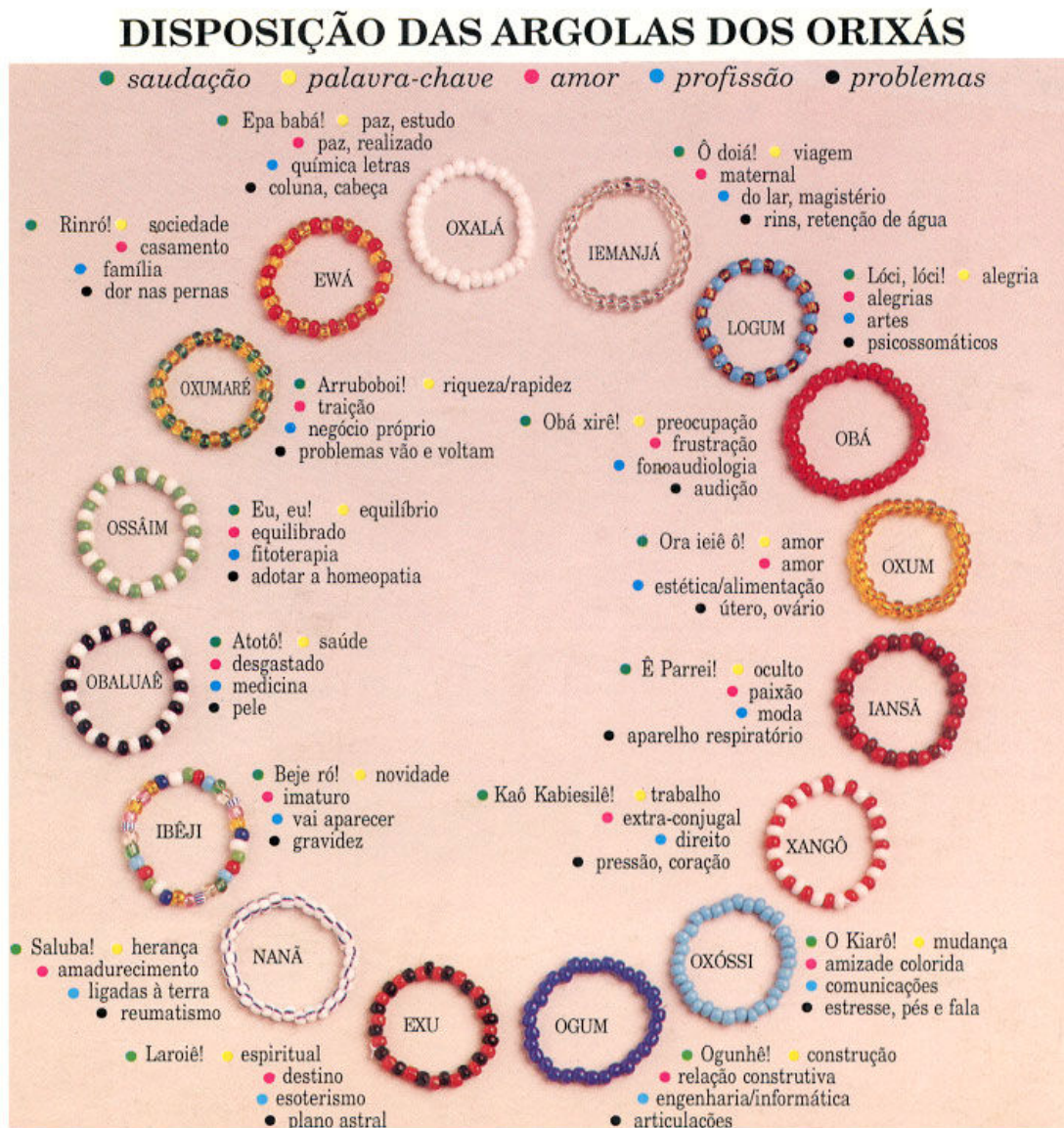
<sup>1</sup> Ilê-Ifé – 1. Cidade da atual Nigéria que foi capital de um dos reinos de Iorubá, ainda hoje considerada cidade sagrada para os povos da religião dos orixás. 2. Por extensão, o próprio reino.

orixás mais conhecidos são: Exu (que une as forças da natureza: os vivos, os espíritos dos mortos e os orixás), Ogum, Oxóssi, Omolu, Xangô, Iansã, Iemanjá (a Janaína, rainha do mar) e Obá.

Todas as pessoas têm uma origem divina, e estão ligadas a um dos orixás. A porção divina das pessoas está localizada na cabeça, que é a parte mais importante de uma pessoa, sua síntese. Isso significa que a vida de cada pessoa tem a ver com o que está acontecendo entre os orixás. É por isso que o indivíduo deve se informar sobre quem é seu pai ou mãe espiritual, para poder compreender tudo que realmente acontece na sua vida.

Não existem templos de candomblé, os cultos religiosos geralmente acontecem nos chamados terreiros.

**FIGURA 11 – ARGOLAS DOS ORIXÁS**



Fonte: imagens Google

### 2.1.1 O culto à Iemanjá: A Rainha das Águas:

“O Brasil é um país abençoado por Deus e pelos orixás”<sup>2</sup> também, se orgulha pelo seu mar territorial de 200 milhas, uma bela região costeira de norte a sul banhada pelo Oceano Atlântico, com belas praias e com várias bacias hidrográficas como a Amazônia, a do São Francisco, conhecido como o “velho Chico”, a do Rio Paraná, entre tantas outras. Somos orgulhosos por termos o maior manancial de água potável do mundo. Assim, com tanta água por todos os lados temos a proteção de Iemanjá a Rainha das Águas. Presença vigilante na tranquilidade do mar, ou mesmo na tempestade com ventos uivantes, as ondas quebrando-se sobre as embarcações ou sobre as praias, tudo é conduzido pelas suas mãos protetoras.

Na África Iemanjá Deusa da nação de Egbé, nação esta Iorubá onde existe o rio Yeomójá (Iemanjá).

No Brasil, a rainha das águas e dos mares é muito respeitada, amada e cultuada pelos seus seguidores (devotos). É tida como mãe de quase todos os orixás. Por isso, ela também pertence a fecundidade. Na Bahia ela é um mito de poder aglutinador no panteão dos orixás nos cultos de Candomblé. É a protetora dos pescadores e jangadeiros e, também é considerada rainha das bruxas.

Para Ramos (2007)

De acordo com cada região que a cultua recebe diversos nomes: Sereia do Mar, Rainha do Mar, Inaê, Mucunã, Janaina. Sua identificação na liturgia católica é: Nossa Senhora de Candeias, Nossa Senhora dos Navegantes, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Piedade e Virgem Maria. Do mesmo modo que varia seu nome variam também suas formas de culto. A sua festa na Bahia, por exemplo é realizada no dia 2 de fevereiro, dia de Nossa Senhora das Candeias. Mas já no Rio de Janeiro e, em outros estados brasileiros é dia 31 de dezembro que se realiza suas festividades (p. 76).

As oferendas também diferem, mais a maioria delas consiste em pequenos presentes tais como: pentes, velas, sabonetes, espelhos, flores, etc. Na celebração do Solstício de Verão, seus filhos devotos vão às praias vestidos de branco e entregam no mar barcos carregados de flores e presentes. Às vezes ela aceita as oferendas, mas algumas vezes manda-as de volta. Ela leva consigo para o fundo do mar todos os nossos problemas, aflições e nos trás sobre as ondas a esperança de um futuro melhor. Conquistando assim cada vez mais uma legião de devotos. Nas praias paranaenses é muito comum na passagem do ano os rituais à Iemanjá, transformando-se assim numa verdadeira renovação de fé e esperança de todos que ali participam mesmo como platéia assistente, pois, o povo brasileiro é de uma religiosidade incomparável.

#### 2.1.1.1 Lenda de Iemanjá

Iemanjá era filha de Olocum deus (em Benim) ou deusa (em Ifé) do mar. Iemanjá foi casada com Orumila, deus da adivinhação. Mais tarde casou-se com Olofin, rei de Ifé, com quem teve dez filhos, que correspondem alguns dos Orixás.

<sup>2</sup> O grifo é da autora para explicar que não estou exaltando o discurso ufanista que vigorou no Brasil por muito tempo, como sendo ainda utilizado nas aulas de história. Porém, ao colocar os elementos “Deus” e “Orixás”, refiro-me a elementos religiosos que compõem o cotidiano das pessoas, ou seja, a religiosidade como um fator de destaque na vida das mesmas.

Iemanjá foge em direção a oeste, pois de cansara de Ifé. Olokun lhe dera uma garrafa contendo um preparado, para usar se precisasse, ela deveria quebrar somente em caso de extremo perigo.

Iemanjá foi viver no entardecer da terra, ao oeste. Olofin Oduduá, rei de Ifé, põe todo o seu exército a procura de sua mulher. Iemanjá cercada resolve quebrar a garrafa, conforme lhe foi dito. No mesmo instante criou-se um rio levando Iemanjá para Okun, o oceano, lugar onde vive Olokun. Por isso, Iemanjá é representada em sua imagem com grandes seios, simbolizando a maternidade e a fecundidade. Já os cabelos longos e lisos relacionam-se a sua linhagem ameríndia e, é em homenagem à Iara das tupis-guaranis.

O sincretismo religioso e a miscigenação étnico-cultural são fatores aglutinadores dessa “deusa brasileira”.

Fonte: RAMOS, Arthur. **O Folclore Negro no Brasil**. 3. ed. Alagoas: Martins Fontes, 2007. 250 p.

### FIGURA 12 - IEMANJÁ – A RAINHA DOS MARES



Imagem da Cidade de Natal - RN

Fonte: Arquivo particular cedido pela Profª Angela Ribeiro Ferreira

## FUGURA 13 - FESTA DE IEMANJÁ EM COPACABANA – PASSAGEM PARA O ANO NOVO



Fonte: imagens Google: [www.girasdeumbanda.com.br/aconteceu21.asp](http://www.girasdeumbanda.com.br/aconteceu21.asp)

### UMBANDA E CATOLICISMO: a integração das datas festivas

- **Janeiro**
  - 20 – São Sebastião – louvação a Oxossi – Festa do Caboclo
  - 21 – Dia Mundial da Religião
- **Fevereiro**
  - 02 – Nossa Senhora dos Navegantes – louvação a Iemanjá
  - 13 – Louvação a Omulu – Início da Quaresma
- **Março**
  - 29 – Sexta Feira da Paixão – Fechamento do corpo
- **Abril**
  - 23 – São Jorge – louvação a Ogum
- **Mai**
  - 13 – Louvação aos pretos velhos
  - 30 – Santa Joana D’Arc – Louvação a Obá
- **Junho**
  - 13 – Santo Antônio de Pádua – Louvação a Exu
  - 24 – São João Batista – Louvação a Xongô
  - 29 – São Pedro e São Paulo – Louvação a Xangô Aganju
- **Julho – São Cristóvão**
  - 26 – Nossa Senhora de Sant’Ana – Louvação a Nanã

- **Agosto**
  - 15 – Nossa Senhora da Glória – Louvação a Iemanjá
  - 16 – São Roque – Louvação a Obaluaíê
  - 24 – São Bartolomeu – Louvação a Oxumarê
- **Setembro**
  - 05 – Louvação ao Sr. Tranca Rua das Encruzilhadas
  - 27 – São Cosmo e São Damião – Louvação a Ileji
  - 28 – Festa Umbandista
  - 29 – São Miguel Arcanjo – Louvação a Logum Edé
  - 30 – São Jerônimo – Louvação a Xango Agodô (almas)
- **Outubro**
  - 12 – Louvação ao Sr. Tranca Rua das Almas
  - 17 – Louvação ao Sr. Marabô
- **Novembro**
  - Todos os Santos – Louvação às Almas
  - 02 – Finados – Louvação a Omulu
- **Dezembro**
  - 04 – Santa Bárbara – Louvação a Iansã
  - 08 – Nossa Senhora da Conceição - Louvação a Oxum e Iemanjá
  - 25 – Louvação a Oxalá
  - 31 – Louvação a Iemanjá – encerramento do ano.

## 2.2 Umbanda:



Imagem de resina de  
Zé Pilintra

Umbanda – Religião brasileira nascida no Rio de Janeiro, nos anos 20, da mistura de crenças e rituais africanos e europeus. As raízes umbandistas encontram-se em duas religiões trazidas da África pelos escravos: a cabula, dos bantos, e o candomblé, na nação nagô. A umbanda considera o universo povoado de entidades espirituais, os guias, que entram em contato com os homens por intermédio de um iniciado (o médium), que os incorpora. Tais guias se apresentam por meio de figuras como o caboclo, o preto-velho e a pomba gira. Os elementos africanos misturam-se ao catolicismo, criando a identificação de orixás com santos. Outra influência é o espiritismo kardecista, que acredita na possibilidade de contato entre vivos e mortos e na evolução espiritual após sucessivas vidas na Terra. Incorpora ainda ritos indígenas e práticas mágicas européias.

Hoje, os cultos denominados “umbanda” apresentam grande diversidade em decorrência da predominância das religiões vinculadas às etnias africanas e afro-indígenas,

bem como na opção por cultos mais próximos ao espiritismo kardecista.

Entidades da religião umbanda: exus e pombas-giras; Zé-Pelintra, Zé-Malandro, Terno-Branco, Zé-das-Mulheres, Maria Padilha, Maria Navalha, além de orixás, inquices e voduns.

Fonte: <http://br.geocities.com/dependentequimico/religiao.htm#UMBANDA>

### 2.3 Tambor-de-mina

Mina é denominação de uma religião afro-brasileira ocorrente principalmente no Maranhão, onde se cultuam voduns (entidades da religião mina, tidas como ancestrais da família real do Reino de Daomé)<sup>3</sup>, orixás (entidades dos cultos afro-brasileiros de origem iorubana) e caboclos (entidades que não são incluídas nas categorias vodum ou orixá, e que são denominados como turcos, franceses, egípcios, portugueses) a denominação vodum, a língua e os rituais se vinculam às tradições do povo ewe-fon (conhecidos no Brasil como jeje), da região denominada na época do tráfico de escravos como Costa da Mina e, mais especificamente, da casa real do Reino de Daomé, hoje localizada no território de Benim, país da África Ocidental. A convivência dos praticantes deste culto com indivíduos dos povos de etnias iorubá conduziu à inclusão, no culto, de alguns orixás. Por outro lado, convivendo com indivíduos brasileiros de várias origens, deu-se a inclusão dos caboclos. E, por influência da Igreja Católica, de santos.

Entre os rituais destaca-se o tambor-de-mina, toque de atabaques, cabaça e gã, com cantos e danças de coreografias específicas, em geral em roda. Em relação aos santos católicos e ao Divino Espírito Santo, são realizadas cerimônias com ladainhas (orações católicas de natureza enumerativa das invocações e predicados dos santos) e também o folguedo império-do-divino<sup>4</sup>, sempre com a distribuição de alimentos (doces, chocolate, mingau e café).

Nas cerimônias principais e nas casas de maiores posses são oferecidas refeições (almoços e jantares) com grande pompa. Entidades da religião mina: Hunsó, Lebá, Liça, Hevioço, Agué, Xapatá, Gum, Aziri, Aziritoboce, Besseim, Locô, Hoho.

- **Seção 3: As festas religiosas católicas populares:**

A diversidade cultural brasileira é manifestada através da criatividade e espontaneidade do povo, enraizada nas origens indígenas, européias e africanas, aliada à contribuição de outros povos imigrantes.

As danças e os folguedos, na sua maioria, estão ligados aos festejos religiosos e populares.

São as festas dos ciclos natalinos, carnavalesco, junino, quaresmal, do rosário e das celebrações dos padroeiros, que acontecem em vários municípios brasileiros, em diferentes épocas, durante todo o ano, inclusive gerando uma atividade turística intensa nesses locais em que acontecem essas festas.

No sincretismo brasileiro, os orixás continuavam os mesmos mas recebiam nomes de santos católicos.

<sup>3</sup> Daomé – Um dos reinos da África Ocidental, de onde procederam os escravos da etnia jeje-mina, cujo território se localiza no atual Benim. Ver “vodum”.

<sup>4</sup> Império do Divino – Folguedo do catolicismo popular presente também entre as práticas da religião mina do Maranhão.



Assim Nossa Senhora da Glória e Nossa Senhora da Conceição eram vistos como se fossem Iemanjá; Olorum era Deus; Oxalá era Nosso Senhor do Bonfim; Ogum era Santo Antonio ou São Jorge; Xangô era São Jerônimo ou São Pedro; Iansã era Santa Bárbara, Oxóssi era São Jorge ou São Sebastião, e por aí vai. O Padre Antonio Vieira que viveu no século XVII, no Brasil dizia que **“os negros têm o corpo e a alma na África”**.

Entre os principais festejos religiosos populares brasileiros estão:

### **3.1 A festa de Nossa Senhora do Rosário na Paraíba:**

A festa de Nossa Senhora do Rosário é de origem muito antiga, pois começou em Portugal, antes da chegada dos portugueses ao Brasil.

O calendário da Igreja Católica dedica o mês de outubro às homenagens a Nossa Senhora do Rosário, a padroeira da Irmandade dos Negros. Em várias regiões do Brasil os rituais de coroação dos negros do Rosário, constituem-se em uma das mais significativas expressões religiosas do catolicismo popular e da cultura afro-brasileira.

Nesse período as comunidades afro-descendentes de Pombal e Santa Luzia, no sertão paraibano, comemoram com grande euforia a sua santa de devoção com novenários, quermesses, comidas típicas, danças, cantos e uma diversidade de manifestações folclóricas características do Ciclo do Rosário, onde se destacam os grupos dos Congos, Pontões, Reisados, Banda Cabaçal, o cortejo Real protagonizado pelos reis, rainhas, vassallos e juizes que, em comitiva, desfilam pelas ruas das cidades.

Em Santa Luzia a Festa do Rosário inicia com os novenários e as festas profanas que se espalham pelas ruas da cidade e fazendas na zona rural mas, o ponto alto ocorre no segundo sábado e domingo de outubro quando as celebrações a Nossa Senhora do Rosário são intensificadas pelos devotos.

Sábado é o dia da feira na cidade e os negros dos Pontões (grupo folclórico integrado por homens que dançam pelas ruas ao som de uma banda cabaçal com lanças enfeitadas com fitas coloridas) acompanham o cortejo real da Irmandade do Rosário recolhendo donativos para a festa. Nessa ocasião a feira torna-se um cenário multicolorido como espaços para as performances dos brincantes dos grupos folclóricos, que desfilam dançando e cantando pelas ruas da cidade anunciando a chegada do cortejo real no local.

Um dos momentos mais significativos da festa é o acontecimento do "Tope do Juiz". Por volta das onze horas da manhã do sábado o rei, a rainha, os vassallos, a guarda real e os demais protagonistas do Reinado da Irmandade saem em cortejo acompanhados de devotos, animados pela banda cabaçal e pelos grupos folclóricos para se encontrarem com a delegação do Juiz da Irmandade do Rosário. O cortejo do Juiz vem de algum lugar da zona rural em companhia de dezenas de cavaleiros, que se juntam ao cortejo da família real na entrada da cidade formando uma grande comitiva que desfila pelas principais ruas.

Encerradas as cerimônias religiosas os espaços públicos e privados são ocupados pelas manifestações profanas e pelos grupos folclóricos que são recebidos nas casas com muitas bebidas e comidas típicas do sertão (buchada, bode guisado, carne de sol, acampados com feijão verde, farinha, arroz e cuscuz). E nunca faltam a cachaça e a cerveja.

Fonte: A Festa de Nossa Senhora do Rosário na Paraíba. Oswaldo Meira Trigueiro, professor pesquisador do Curso de Comunicação Social da UFPB. Doutor em Comunicação pela UNISINOS-RS, publicado em 07/10/2004.

### 3.2 São Benedito de Filadelfo:

Frade Franciscano, nasceu em Filadelfo perto de Messina, na ilha da Sicília, Itália por volta de 1526. Os pais eram de origem escrava e descendência de africanos etíopes ou provavelmente mouros do norte da África. Após a sua canonização lhe foi atribuída, pela Igreja Católica, a proteção dos negros. É hoje um dos santos dos “afro-descendentes” da religiosidade Popular do Brasil.

As suas imagens figuram um homem negro vestindo hábito franciscano, com o Menino Jesus no braço. Em Laranjeiras (SE), a sua festa ocorre no dia-de-reis (06 de janeiro). No Piauí, ocorre uma dança de roda em sua homenagem. No Maranhão, o tambor da crioula é realizado em pagamento de promessas a este santo. No Espírito Santo é um dos Santos mais cultuados. Em muitas localidades do Estado ocorreram nos meses de dezembro e janeiro as cerimônias da puxada e da fincada dos mastros de sua bandeira.

Fonte: pesquisado no artigo: Professor Roberto Benjamin.

### 3.3 Festa de Nosso Senhor do Bonfim na Bahia:

O Estado brasileiro da Bahia é o que concentra o maior número de afro-descendentes. O Senhor do Bonfim é o padroeiro do estado brasileiro da Bahia, sendo a Igreja de Nosso Senhor do Bonfim um dos mais importantes monumentos arquitetônicos de Salvador, além de palco para uma das principais festas religiosas de Salvador.

O Senhor do Bonfim, segundo a devoção católica é uma figuração de Jesus Cristo que é venerado na visão de sua morte. Esta imagem de Jesus Cristo que nas múltiplas religiões afro-descendentes sincretiza com Oxalá, o orixá supremo, primogênito e uno filho de Olodum, como na religião nagô se conhece Deus. Cresce extraordinariamente o prestígio deste santo e o seu culto adquire uma maior complexidade.



Este sincretismo que aproxima Oxalá do Senhor do Bonfim é fruto da maneira com que agiu a Igreja Católica na Bahia, aplicando a técnica, de catequese comum, de se prevalecer de semelhanças das divindades católicas com as “pagãs”, gerando uma fusão mística que com o tempo faria prevalecer a divindade cristã. Carneiro (1980), em “Candomblés da Bahia” afirma que, a catequese dos negros foi uma ilusão e que a permissividade da Igreja Católica com os negros funcionou como amparo na resistência cultural.

Além, de ser padroeiro na Bahia, Nosso Senhor do Bonfim é padroeiro também em outras localidades, como na cidade de Minas Gerais de Bocaiúva, sendo

essa localidade mineira terra natal de Hebert de Souza, (o Betinho).

Também, existem igrejas referenciadas a esse santo em Porto Alegre, em Pirinópolis e até no continente europeu, em Portugal. A festa em sua devoção sempre ocorre na segunda quinta feira do ano.

Devido a enorme devoção ao santo pelo povo baiano foi composto um Hino ao Senhor do Bonfim que é mais conhecido que o Hino da Bahia, e muitas vezes confundido com este.

As imagens de Nosso Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Guia vieram de Portugal para Bahia, através do capitão da marinha portuguesa Theodózio Rodrigues de Faria, chegando no dia 18 de abril de 1745, ficando abrigados na Igreja da Penha até 1754.

A Igreja de Nosso Senhor do Bonfim foi erguida a partir de 1745, ano em que as imagens chegaram a Bahia (Nosso Senhor do Bonfim e Nossa Senhora da Guia) e foi concluída em 1772.

Construída em estilo neoclássico com fachada em rococó, essa típica igreja colonial portuguesa possui duas torres sineiros laterais. A Igreja do Bonfim em Salvador chama atenção por suas dimensões e pela posição de destaque na elevação onde foi instalada. Todos os anos o ponto culminante dos festejos ao Nosso Senhor do Bonfim é a lavagem do Bonfim, na escadaria da igreja, onde baianas, lavam com água de cheiro e muita festa os seus degraus. Tudo começa com uma procissão desde a Igreja Nossa Senhora da Conceição da praia, até o Bonfim.

Uma grande multidão de devotos e turistas acompanha a festa juntamente com as entidades afro-descendentes como as filhas de Gandhi, Ilê Axê Apô, Olodum entre outros movimentos organizados.

Fonte: pesquisado em: [pt.wikipedia.org/wiki/senhor\\_do\\_bonfim](http://pt.wikipedia.org/wiki/senhor_do_bonfim). Disponível em: [www.salvadorfotoclub.com.br](http://www.salvadorfotoclub.com.br). [www.flic/crr.com/groups/salvadorfotoclub](http://www.flic/crr.com/groups/salvadorfotoclub).

#### FIGURA 14 - IGREJA DE NOSSO SENHOR DO BONFIM



Fonte: imagens google

**FIGURA 15 - BAIANAS CARREGANDO ÁGUA DE CHEIRO PARA LAVAGEM DAS ESCADARIAS DA IGREJA**



Fonte: Imagens Google

### 3.4 São Jorge:

Talvez um dos santos mais populares São Jorge também é um dos santos bastante venerados no Brasil por ser conhecido como um santo guerreiro e invencível na fé em Deus.

Na umbanda, no Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e São Paulo São Jorge é identificado como Ogum. A festa de São Jorge é comemorada pelas religiões afro-brasileiras no dia 23 de abril.

São Jorge é considerado o santo padroeiro do time de futebol Corinthians. Acredita-se que sua história de devoção e fidelidade à verdade cristã até o fim do seu martírio sejam a origem do termo “fiel”, popular entre os torcedores e presente em várias agremiações corinthianas.

“Jorge de Capadócia” é a música de Jorge Bem, interpretada também por Caetano Veloso, Fernanda Abreu e pelos Racionais MC’s. Toda Casa Comercial ou residencial, precisa de uma boa proteção espiritual, contra a inveja, intrigas, confusões, roubos, assaltos, incêndios, etc... São Jorge é invocado nesses casos por ser um Santo Guerreiro e protetor de todos que a ele recorrem.

- **Conhecendo um pouco a História de São Jorge**

Santo Católico, que no Candomblé e na Umbanda é representado pela entidade Ogum.

Seu culto tem origens muito remotas, uma vez que seu sepulcro em Lida, na Palestina, onde o mártir foi decapitado no início do século IV, era motivo de milhares de peregrinações já na época das cruzadas. Por ser tão venerado pela sua bravura e coragem de ter enfrentado o dragão que atormentava as pessoas de uma antiga cidade, o Sultão Saladino destruiu a Igreja que havia sido construída em seu louvor por tamanho destemor. Sua imagem é conhecida desde a Idade Média como o cavaleiro que lutou contra o dragão. Criada no imaginário das pessoas como um mártir que o “bem venceu o mal” a lenda é contada de muitas maneiras e controvérsias que apaixonam seus devotos.

São Jorge é tão venerado pelos cristãos que nem um simples decreto da Igreja católica seria capaz de interromper uma tradição devocional tão universal: a Igreja do Oriente o chama de Grande Mártir e todos os calendários cristãos incluíram-no no elenco dos seus Santos. São Jorge, além de haver dado nome a muitas cidades e povoados europeus como Gênova, regiões espanholas e de Portugal. Na Inglaterra, um povoado recebeu o seu nome tendo a confirmação solene do Papa Bento XVI.

Diz a lenda que um horrível dragão saía de vez em quando das profundezas de um lago e se atirava contra os muros da cidade trazendo-lhe a morte com seu mortífero hálito. Para ter afastado tamanho flagelo, as populações do lugar lhe ofereciam jovens vítimas, pegas por sorteio. Um dia coube a filha do Rei ser oferecida em comida ao monstro. O Monarca, que nada pôde fazer para evitar esse horrível destino da tenra filhinha, acompanhou-a com lágrimas até às margens do lago. A princesa parecia irremediavelmente destinada a um fim atroz, quando de repente apareceu um corajoso cavaleiro vindo da Capadócia. Era São Jorge.

O valente Guerreiro desembainhou a espada e, em pouco tempo reduziu o terrível dragão num manso cordeirinho, que a jovem levou preso numa corrente, até dentro dos muros da cidade, entre a admiração de todos os habitantes que se fechavam em casa, cheios de pavor. O misterioso cavaleiro lhes assegurou,

gritando-lhes que tinha vindo, em nome de Cristo, para vencer o dragão. Eles deviam converter-se e ser batizados.

Também o fim deste Glorioso Mártir tem o sabor de lenda. Foi condenado a Morte por ter renegado aos deuses do império. Os Algozes infligiram-lhe no corpo os mais atrozes tormentos. Ele parecia de ferro. Diante de sua invicta coragem e de sua Fé, a própria mulher do Imperador se converteu. Muitos Cristãos, amedrontados diante dos carrascos, encontraram a força de dar testemunho a Cristo o extremo holocausto de suas vidas. Por fim, também São Jorge inclinou a cabeça sobre a coluna e uma espada super afiada, pôs fim a sua jovem vida.

Fonte:Disponível em: <<http://www.igrejadesaojorge.com.br/-2f>>. Acessado em: 24/07/2008.

### 3.5 Santa Bakita: uma Santa Africana

Venerada no Brasil, a Santa Bakita, uma Santa Africana começou a ganhar notoriedade e devotos à partir desse século XXI. Beatificada em 1992 e canonizada em 2000 pelo Papa João Paulo II, Santa Bakita vem conquistando centenas de devotos pelos milagres a ela atribuídos, tanto que em 1º de dezembro de 1978, o Papa João Paulo II emitiu o decreto das virtudes morais e religiosas da serva de Deus.

Bakhita, significa "afortunada" é o nome que lhe foi dado pelos seus raptos.

Vendida e revendida várias vezes, nos mercados de Cartum, conheceu as humilhações, os sofrimentos físicos e morais da escravidão. Na capital do Sudão, Bakhita foi comprada por um Consul Italiano.

Pela primeira vez, desde o dia em que foi raptada, percebeu, com agradável surpresa que ninguém ao dar ordens, usava o chicote, antes, era tratada com maneiras afáveis e cordiais.

Na casa do Consul, Bakhita conheceu a serenidade, o afeto e momentos de alegria, mesmo tendo saudades da sua própria família.

Como o novo dono era Italiano, numa viagem que fizeram para passarem uns tempos em Veneza Bakhita conheceu as Irmãs Canossianas. Acompanhando a filha do patrão à catequese conheceu quem era Deus, quis ser batizada. Mais tarde optou por se consagrar para sempre a Deus, que ela amava e com meiguice lhe chamava "o meu patrão", no Instituto das Filhas da Caridade Canossianas.

Madre Josefina Backita nome que adquiriu pelo Batismo nunca esqueceu os seus Africanos. Ela dizia muitas vezes:

***Senhor se eu pudesse voar lá longe, entre a minha gente e proclamar a todos a tua Bondade. oh! quantas almas eu poderia conquistar para Ti. Entre os primeiros os pais e os meus irmãos. Faz ó Jesus com que também eles te conheçam.***

A face interior de Bakhita é de uma Bondade heróica à imagem de Jesus Crucificado um testemunho de perdão e de reconciliação. A sua existência foi marcada por abandono incondicional à vontade de Deus. As suas características como Canossiana são: a Bondade, Mansidão, Docilidade.

Em Dafur Sudão, Terra Natal de Madre Bakhita já existe uma comunidade de Irmãs Canossianas e começaram a surgir vocações locais.

A primeira Igreja no Brasil dedicada a Santa Bakita foi inaugurada no dia 4 de fevereiro de 2006, na cidade paulista de Santos. Erigida na rua República Portuguesa, s/n, na Vila Mathias, a igreja é resultado do esforço da comunidade da Catedral de Santos, de muitos devotos da Santa naquela cidade e da ajuda de empresários locais.

A Igreja celebra a sua memória todas os anos no dia 08 de fevereiro.

## VAMOS AS ATIVIDADES...

Agora que você já conhece um pouco mais das religiões Afro-descendentes e das festas populares religiosas:

1 – Leia a oração a seguir e faça o seu comentário:

Deus, Pai todo-poderoso,  
olhai por nós!  
Pai-Congo, Pai,  
quem se preocupará conosco?  
Quem velará por nós?  
Matsoua, Pai todo-poderoso,  
olhai por nós!  
Matsoua, Pai todo-poderoso,  
enviai-nos um defensor!  
Adotai-nos, Pai Matsoua,  
adotai-nos:  
somos vossas crianças órfãs  
que não têm Pai.  
Adotai a vossos filhos que vos amam,  
Adotai a vossos filhos  
que não têm mais defensores.  
Pai Matsoua, Pai Kambangu!  
Libertai-nos, libertai-nos!

(Prece Africana)

2 – Complete o quadro pesquisando sobre as religiões do mundo e Afro-Brasileiras:

**Cristianismo** – Religião dos seguidores de Jesus Cristo, iniciada com as suas pregações e as dos seus apóstolos, na região onde hoje se situam o Estado de Israel e os Territórios Palestinos.

**Catolicismo** – Ramo do cristianismo, o mais antigo como igreja organizada. Tem sede no Vaticano, Roma. O seu chefe é denominado Papa.

**Protestantismo** – Denominação genérica para vários ramos do cristianismo decorrentes da reforma protestante iniciada por Martinho Lutero no século XVI, nos quais se valoriza a leitura dos Evangelhos. Dentre as denominações evangélicas contam-se os luteranos, os presbiterianos, os batistas e os metodistas.



**Budismo** – Sistema ético, filosófico e religioso – criado na Índia, cerca de seis séculos antes de Cristo, por Sidarta Gautama, o Buda – que busca a evolução e o aprimoramento total do espírito.

**Islamismo** –

**Judaísmo** –

**Candomblé** –

**Umbanda** –

**Tambor da Mina** -

2 – Para ler e responder:

**Para quem quiser saber mais sobre a Lavagem do Bonfim:**

### **Fé, alegria e devoção renovadas**

Mais uma vez a festa em devoção ao Sr. do Bonfim marcou a segunda quinta-feira do ano com muita alegria e fé do povo baiano. Ruas e becos do centro de Salvador foram tomados, logo nas primeiras horas da manhã, por populares vestidos de branco, mobilizados pela fé e um único destino: a Igreja do Bonfim.

No ponto de encontro, na Basílica da Conceição da Praia, adultos, idosos e crianças aguardavam com devoção a hora do cortejo. Nas escadarias da igreja, representantes de diferentes credos se pronunciaram pelo "Momento Inter-religioso pela paz". E em cada rosto a manifestação da confiança e do carinho pelo santo mais venerado da Bahia. As baianas, que compõem a ala de frente do cortejo, juntamente com os Filhos de Gandhi, chegaram aos poucos e, vaidosas, ajustavam os últimos detalhes das vestimentas. Saia, anágua, torço, colares e perfumados vasos de flores.

Tudo em perfeita sintonia para agradar Oxalá ou Senhor do Bonfim.

Assediadas pelos turistas, elas posavam para fotos e banhavam os populares com água de cheiro. Foi o caso da baiana Telma Silva que carregava um vaso com rosas de cores branca, rosa e amarela. 'É uma homenagem a Oxum,

Yemanjá e Oxalá', explica ela, genuinamente trajada, com saia, bata e torço brancos. Telma desfila há 10 anos no Cortejo do Bonfim, atendendo ao Centro Ilê Axé Apô, em Areia Branca.

A fé oficializou-se no adro da Basílica da Conceição, onde se reuniram representantes de vários segmentos religiosos para o "momento inter-religioso pela paz", quando foi feita oração do Pai Nosso. 'Vamos afastar qualquer tipo de opressão e discriminação para dar espaço à paz. Que a festa seja marcada pelo amor', conclamou o padre Monsenhor José Hamilton, que conduziu a programação sagrada.

A execução do Hino do Senhor do Bonfim levou muita gente às lágrimas, revelando a emoção coletiva e a devoção pelo Senhor do Bonfim. 'É algo impressionante. É uma festa maravilhosa, onde se reúne pessoas de vários cantos do mundo, com religiões diferentes', comenta encantada a carioca Emília Alcântara, de férias em Salvador e que pela primeira vez participa da lavagem.

Na saída do cortejo, por volta das 10 horas, os Filhos de Gandhi abriram passagem, soltando pombos, lançando pipoca e milho branco e, claro, água de cheiro, para que as baianas desfilassem elegantemente. Depois, foi a vez das manifestações populares e culturais, abrindo espaço para a criatividade. As charangas tocaram marchinhas carnavalescas, os grupos afro-baianos apresentaram suas performances e as carroças enfeitadas se direcionaram rumo a Colina do Bonfim.

Fonte: SMCS (trecho)

Fonte: Disponível em: <[HTTP://www.salvadorfotoclube.com.br](http://www.salvadorfotoclube.com.br)>

<<http://www.flickr.com/grupos/salvadorfotoclube>> Acesso em: 27/07/2008.

- A) Explique através do texto o que você entendeu por sincretismo religioso.
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- B) Você é praticante de uma religião? E o que ela representa em sua vida?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- C) Qual a importância da religião na vida das pessoas?
  
  
  
  
  
  
  
  
  
  
- D) Pesquise na Internet quem são os "Filhos de Gandhi" na Bahia e o Centro Ilê Axé Apô, em Areia Branca/Bahia.

## 3 – Caça – palavras:

S	U	M	B	A	N	D	A	R	I	O	Á	F	R	I	C	A	T	A	X	T
A		U	A	F	R	O	B	R	A	S	I	L	E	I	R	A	S	A	E	M
O	O	R	I	X	A	S	R	O	S	I	T	A	C	E	V	A	Z	U	L	U
A	L	O	G	N	A	Q	U	I	L	O	M	B	O	J	U	N	I	O	R	G
J	É	L	S	I	N	C	R	E	T	I	S	M	O	E	B	A	H	I	A	O
O	X	O	S	S	I		T	A	I	E	M	A	N	J	A	N	O	T	A	X
R	A	C	I	O	B	R	A	S	I	L	V	A	L	K	K	T	I	A	T	A
G	A	N	D	H	I	T	A	M	B	O	R	D	E	M	I	N	A	M	N	L
E	B	A	B	A	L	O	R	I	X	Á	S	R	A	U	T	I	M	E	L	Á
R	Z	E	P	I	L	I	N	T	R	A	A	O	L	R	A	I	A	N	S	Á
N	O	S	S	A	S	E	N	H	O	R	A	D	O	R	O	S	Á	R	I	O
X	A	C	A	N	D	O	M	B	L	E	C	A	S	A	X	E	J	O	X	E
N	O	S	S	O	S	E	N	H	O	R	D	O	B	O	N	F	I	M	T	A

- São Jorge
- Jeje
- Orixas
- Candomblé
- Umbanda
- Bahia
- Iemanjá
- Zé Pilintra
- Oxóssi
- Bakita
- Ogum
- Oxalá
- Olorum
- Axé
- Tambor da Mina
- Nossa Senhora do Rosário
- Nosso Senhor do Bonfim
- África
- **Brasil**
- Sincretismo
- Babalorixás
- Gandhi
- Afro-Brasileiras
- Quilombo
- Iansã

4 – Responda:

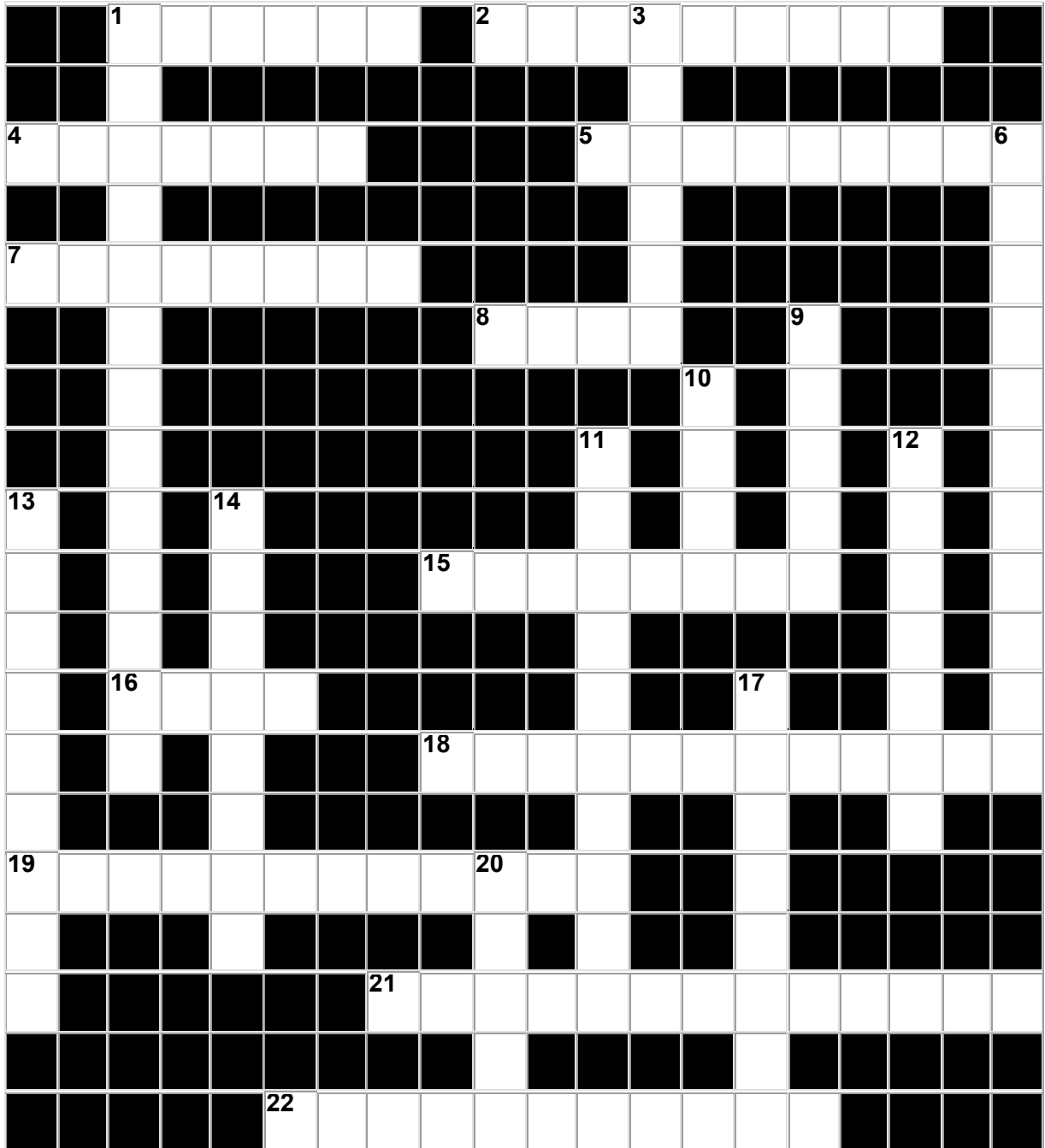
- O Padre Antonio Vieira, que viveu no Brasil no Século XVII e dizia que “os negros têm o corpo no Brasil e a alma na África”. Explique tal afirmação:

5 – Santo Católico brasileiro que no Candomblé é identificado por Ogum e padroeiro do time de Futebol Corinthians. Acredita-se que sua história de devoção e fidelidade à verdade cristã, até o fim de seu martírio sejam a origem do termo “FIEL”, popular entre os torcedores e presente em várias agremiações corinthianas. Seus dia é comemorado em 23 de abril. Trata-se de:

- a) São Benedito
- b) São Bartolomeu
- c) São Jorge
- d) São José

## CRUZADINHA DE REVISÃO

## Cruzadinha de Revisão



<b>horizontal:</b>	<b>vertical:</b>
<p><b>1</b> Povo africano provenientes de Angola, Moçambique e Congo, que vieram para o Brasil trazidos como escravos:</p>	<p><b>1</b> Considerado o bailado mais notável do Brasil, "folguedo brasileiro de maior significação e estética":</p>
<p><b>2</b> O racismo na África do Sul que perdurou por várias décadas nessa região ficou conhecido como:</p>	<p>Nome do país africano habitado pelos hutus (etnia dominante numericamente e que controla o poder político e o exército), que em 1994 massacraram milhares de tutsis (outra etnia que habita esse país):</p>
<p><b>4</b> Uma das aibás (orixá feminina) conhecida como a rainha dos mares:</p>	<p><b>3</b></p>
<p><b>5</b> Cidade do Estado do Amazonas onde ocorre o Festival Folclórico do Boi-Bumba mais concorrido do ano:</p>	<p><b>6</b> Santo católico de origem afro-descendente, cultuado no dia 26 de dezembro:</p>
<p><b>7</b> Patrimônio ecológico do Brasil rico pelas suas biodiversidades na flora medicinal:</p>	<p>Nome do país localizado no nordeste da África, onde foram construídas as famosas pirâmides pelos faraós Queóps, Quéfren e Miquerinos:</p>
<p><b>8</b> Cidade histórica paranaense onde acontece a apresentação da festa profano-religiosa dos afro-descendentes, conhecida como Congada:</p>	<p><b>9</b></p>
<p><b>15</b> Nome da música de Chico Silva gravada por Fafá de Belém, exclusivamente para a apresentação do Boi Garantido no Festival de Parantins:</p>	<p><b>10</b> Cor que representa o Boi Caprichoso no Festival do Boi-bumba no Estado do Amazonas:</p>
<p><b>16</b> São Jorge ou Santo Antônio no Candomblé representam o orixá:</p>	<p><b>11</b> Nome do local construído em 1987 para a apresentação do Festival Folclórico de Parantins:</p>
<p><b>18</b> No Brasil o Parque Industrial teve início na região sudeste, nos estados de Minas Gerais, São Paulo e ....</p>	<p><b>12</b> Denominação de Nossa Senhora protetora dos antigos escravos e afro-descendentes:</p>
<p><b>19</b> Denominação de Bumba-meu-boi no Paraná e Santa Catarina:</p>	<p>Nome de uma das religiões afro-brasileira representada pelos orixás:</p>
<p><b>21</b> Por sua luta contra o Apartheid e em favor da igualdade de direitos entre todas as pessoas, ele recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1993.</p>	<p><b>13</b></p>
	<p><b>14</b> Os músicos do Garantido foram denominadas de a :</p>

- 22 Nome do maior Rali Mundial que se destaca em percorrer países africanos pelos desertos em condições difíceis de temperaturas e conforto com máquinas cada vez mais poderosas. Motos, carros, caminhões e equipes de apoio formam uma caravana com mais de três mil pessoas se locomovendo pelos pequenos países da África Ocidental.
- 17 Os músicos que tocam na apresentação do Boi Caprichoso são chamados de a:
- 20 Povos que vieram da África Ocidental para o Brasil foram os iorubás, jejes e .....

### RESPOSTAS:

Horizontal	Vertical
1 – Bantus	1 – Bumba-meu-boi
2 – Apartheid	3 – Ruanda
4 – Iemanjá	6 – São Benedito
5 – Parintins	9 – Egito
7 – Amazônia	10 – Azul
8 – Lapa	11 – Bumbódromo
15 – Vermelho	12 – Rosário
16 – Ogum	13 – Candomblé
18 – Rio de Janeiro	14 – Marujada
19 – Boi-de-Mamão	17 – Batucada
21 – Nelson Mandela	20 – Malês
22 – Paris-Dacar	

- **Seção 4: As manifestações folclórico populares Africanas no Brasil:**

É incontestável a contribuição dos africanos em todos os segmentos da cultura brasileira, seja na música, na religiosidade, na culinária, nas manifestações populares, danças, folguedos, na literatura, enfim; toda a nossa cultura tem um pedaço da África. Tanto a música como as danças presidem os atos religiosos, as oferendas, os sacrifícios, os ritos de iniciação.

O candomblé, por exemplo é formado por três mil cânticos, todos aprendidos de cor, praticamente cada gesto corresponde a uma cantiga. A dança, o canto, a música faziam parte de sua vida cotidiana. Andando, trabalhando, chorando, brincando cantava e cadenciava o ritmo com os pés e as mãos. No Brasil houve a continuidade dessa maneira de viver dando ritmo, cor e alegria ao Carnaval o qual era a princípio uma festa branca.

A presença de elementos e rituais das culturas de matriz africana nas manifestações populares brasileiras é bastante grande como macule lê, congada, tambor se crioula, samba de roda, umbigada, carimbo, dança do côco, boi-bumbá, capoeira, etc.

As danças e os folguedos, na sua maioria, estão ligados aos festejos religiosos e populares. São as festas dos ciclos natalino, carnavalesco, junino quaresmal, do rosário e das celebrações dos padroeiros e padroeiras que acontecem em vários municípios brasileiros, em diferentes épocas, durante todo o ano, marcando assim, a diversidade cultural manifestada na espontaneidade do povo, enraizada nas origens africanas, européia e indígenas.

#### **4.1 O bumba-meu-boi e sua representação cultural em alguns estados brasileiros**



As brincadeiras com o boi ocorrem em várias partes do mundo. A sua origem é muito discutida pelos estudiosos. Para Renato D’Almeida, nos seus vários ensaios sobre Bumba-meu-Boi, afirmava ser esta uma diversão caracteristicamente brasileira com os três sentidos que informa o Brasileiro, refere-se, todavia, as reminiscências européias, seja o Boeuf-gras francês (restabelecido por Bonaparte), que no século XVII, percorria as ruas de Paris, coroado de flores num cortejo movimentado que parava às portas mais importantes para homenagear os donos da casa, seja o “Monólogo do Vaqueiro”, do Mestre Gil, que a 8 de junho de 1502, foi representado nos paços do Castelo de D. Maria, para festejar o nascimento do príncipe D. João; seja as “Tourinhas Minhotas”, ou ainda os “Touros de Canastra” portugueses, para acentuar que “seria muito difícil estabelecer definitivamente a verdadeira origem desta festa popular.

No Brasil o bumba-meu-boi é apresentado no Natal, Festa dos Reis, Carnaval e São João, portanto em diferentes épocas do ano variando de região para região.

Assim, sua representação, que se dá sempre ao ar livre, leva muitas horas, o que explica ser um folguedo de época de poucas chuvas (ciclo junino no Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas; ciclo do Natal em Pernambuco, Paraíba, Alagoas,



Sergipe e Bahia). No carnaval a festa acontece no Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Espírito Santo e Rio de Janeiro.

No Brasil a origem do auto do bumba-meu-boi remonta ao Ciclo do Gado, no século XVIII, resultante das relações desiguais que existem entre os escravos e os senhores nas Casas Grandes e Senzalas, refletindo as condições sociais vividas pelos negros e índios. Contado e recortado através dos tempos, na tradição oral nordestina, e depois espalhada pelo Brasil, a lenda fundante adquire contornos de sátira, comédia, tragédia e drama, conforme o lugar em que se inscreve, mas sempre levando em consideração a estória de um homem e um boi, ou seja, o contraste entre, por um lado, a fragilidade do homem e a força bruta do boi e, por outro lado, a inteligência do homem e a estupidez do animal.

Do ponto de vista teatral, o folguedo deriva da tradição espanhola e da portuguesa, tanto no que diz respeito ao desfile como à representação propriamente dita; tradição de se encenarem peças religiosas de inspiração erudita, mas destinada ao povo para comemorar festas católicas nascidas na luta da Igreja contra o paganismo. Esse costume foi retomado no Brasil pelos Jesuítas em sua obra de evangelização dos indígenas, negros e dos próprios portugueses aventureiros e conquistadores no catolicismo, por meio da encenação de pequenas peças.

Portanto, “Bumba-meu-boi” é a denominação mais generalizada para um folguedo com diversas variantes, que tem como tema principal a cena da morte e ressurreição do boi.

A composição dramática é de grande simplicidade no entanto, envolve vários personagens e o público assistente no enredo do folguedo. Por exemplo, no Maranhão conta-se que, a mãe Catirina, grávida desejosa, anseia por um saboroso prato regado a língua de boi. Pai Francisco, preocupado em satisfazer a vontade da amada esposa, mata o melhor animal de seu patrão e foge. O dono da fazenda, indignado e revoltado com tal afronta, resolve fazer justiça e manda os vaqueiros e os índios saírem a caça do fugitivo. Ao ser pego e preso, Pai Francisco pede socorro ao pajé, que realiza um grande ritual ressuscitando o boi para a alegria de todos.

No Maranhão devida a importância dada a essa festividade ao findar os festejos natalinos, os grupos de bumba-meu-boi iniciam as reuniões, que vão até 31 de abril, quando preparam os enredos e elaboram novas músicas e coreografias. A partir de maio, começam os ensaios com cada personagem elaborando a sua performance em conjunto ou separadamente. Tudo isso é feito até 15 de junho. Contudo, o chamado ensaio-redondo, como se fosse a apresentação definitiva, pode ocorrer até o dia 23 do mesmo mês. As vésperas de São João, ocorre o batizado do boi, em cerimônia na igreja, com a participação de padrinhos ou madrinhas Boi, o que bem demonstra o alto grau de sincretismo entre o profano e o religioso. A importância sócio-cultural desse evento para o povo do Maranhão é quando também, todos irão se deslumbrar com o novo couro do boi, verdadeira obra de arte composta de vidrilhos, miçangas e desenhos inspirados no enredo escolhido para o ano.

Nos últimos tempos, a brincadeira ganhou motivos de sátiras a acontecimentos políticos, sociais ou econômicos, apresentando de forma humorística fatos relacionados ao Brasil. Nessa maravilhosa expressão da cultura brasileira, repleta de histórias simplórias e de promessas, a brincadeira do bumba-meu-boi no Maranhão é muito popular. Nela, toda comunidade se entrega, numa participação gratuita, apresentando uma festa feita pelo povo e para o povo.

Ao bumba-meu-boi junta-se o batuque de outras brincadeiras, como o tambor-de-crioula, o coco, o pela-porco. Tudo muito bonito e muito alegre.

O bumba-meu-boi brasileiro não tem boi de verdade, é um boi de armação recoberto de panos ou revestidos de materiais mais modernos, que oculta um homem por debaixo dele.

São tão variadas as apresentações dos bois-bumbás, de região para região que ao passar do tempo incorporaram novos adereços e personagens, que bem justificam os folcloristas como Ramos (1986) considerarem o bailado mais notável do Brasil, “o folguedo brasileiro de maior significação e estética”.

Outra variação que ocorre no Nordeste é quando o boi entra na “roda” ou “arena” ele investe como na tourada contra o toureiro. Este zanga-se e mata o boi. O boi não devia morrer é preciso fazê-lo reviver. Chamam o médico e basta que este encoste no boi sua espada de prata para que ele ressuscite.

Também, outro fato curioso e que cabe ser ressaltado é que, em alguns estados nordestinos os personagens desse espetáculo secular são classificados em três categorias: humanas (o capitão, Mateus, Pastorinhas etc...); animais (burrinha, Ema, Cavalo-Marinho, Boi); e fantásticos, entre estes o Diabo, o Morto-carregando-o-Vivo, Babu, entre outros personagens.

Em algumas áreas também é chamado de Cavalo-marinho (Mata Norte de Pernambuco e de algumas regiões da Paraíba). A dança do Cavalo-marinho é bastante animada e seu ritmo é marcado por um sapateado que lembra o galope dos cavalos. São passos rasteiros intercalados de saltos rápidos, para levantar poeira.

São 76 personagens ao todo, entre humanos, animais e fantásticos. As figuras mais conhecidas são Mateus, Bastião, os galantes, as damas, o Capitão e o Soldado.

Entre os animais, destacam-se o Boi e o cavalo.

A festa é coordenada pelo Capitão Marinho. Os amigos, Mateus e Bastião, dão bexigadas em todos que entram na roda, divertindo o público.

Os galantes e as damas, formando pares, realizam um baile em honra aos Santos Reis do Oriente, cantam loas e fazem a dança de São Gonçalo dos Arcos.

São apresentadas diversas situações, entre elas, momentos do Reisado e do Bumba-meu-boi, terminando com a morte e ressurreição de Boi.

Assim, ao espalhar-se pelo país, o bumba-meu-boi adquire nomes, ritmos, formas de apresentação, indumentárias, personagens, instrumentos, adereços e temas diferentes. Dessa forma, enquanto no Maranhão, Rio Grande do Norte e Alagoas é chamado bumba-meu-boi, no Pará e Amazonas é Boi-Bumbá ou Pavulagem; em Pernambuco é Boi Calemba ou Bumbá; no Ceará é Boi de Reis, Boi Surubim e Boi Zumbi; na Bahia é Boi Janeiro, Boi Estrela Do Mar, Dromedário e Mulinha-de-Ouro; no Paraná, em Santa Catarina, é Boi de Mourão ou Boi de Mamão; em Minas Gerais, Rio de Janeiro e Cabo Frio é Bumba ou Folguedo do Boi; no Espírito Santo é Boi-de-Reis; no Rio Grande do Sul é Bumba, Bozinho, ou Boi Mamão; em São Paulo é Boi de Jacá e Dança do Boi.

Portanto, o enredo deste festival popular foi trazido para o sul do país pela grande leva de migrantes nordestinos.

#### **4.1.1 A Festa do Boi-Bumbá ou Pavulagem de Parintins no Amazonas:**



No estado do Amazonas, a cidade de Parintins o boi-bumbá ganhou maior projeção, com a realização do Festival Folclórico de Parintins. Ele atrai milhares de visitantes de todo o Brasil e de várias partes do mundo para a pequena cidade amazonense às margens do rio Amazonas, próxima à divisa com o Pará. A beleza exuberante e exótica da região já justifica visitar o festival folclórico de Parintins, que é realizado desde 1913.

Com mais de cem mil habitantes, o município de Parintins fica a 420 Km de Manaus, na ilha fluvial de Tupinambara, e está localizado no Baixo Amazonas, quase na fronteira com o estado do Pará.

Na maioria das versões de boi-bumbá existentes em cada Estado, o enredo encenado é geralmente o mesmo. O tripa do boi é uma das peças mais importantes da brincadeira. É o homem que dança embaixo da “carcaça” do boi. O som fica por conta das toadas, com batuques de tambores, repiques, caixinhas e surdos. Esse é o boi em sua forma, digamos, mais original, que em muitas localidades da Amazônia ainda é reproduzido de forma eminentemente folclórica. Tanto que para muitos, esse boi original e primitivo em pouco ou nada se assemelha à grandiosa festa dos bois de Parantins.

O Festival Folclórico de Parintins, no Amazonas, tem sua história representada pelos grupos de boi-bumbá ou bumba meu boi. É fácil identificar nas apresentações folclóricas componentes de várias culturas, como a ibérica e a árabe. No entanto, a cultura indígena, é que dá as mais fortes características do folguedo, considerado a maior festa popular amazônica.

O boi é representado, durante todo o mês de junho, em todos os estados amazônicos como parte dos festejos juninos – mais animados, no norte do país, do que o próprio Carnaval.

Durante os primeiros dez dias de festival, apresentam-se vários grupos folclóricos, com suas representações de lendas ao som de toadas e cantos indígenas, teatralizações de rituais, fantasias, figuras engraçadas e curiosas do imaginário da região.

O ponto alto do festival acontece entre os dias 28 e 30 de junho, quando se apresentam as grandes atrações da Festa, os bois Garantido e Caprichoso. Há décadas eles, e só eles, disputam a condição de melhor boi de Parantins. E quem escolhe é o público, que se divide entre o vermelho (cor do Garantido) e o azul (símbolo do Caprichoso). Ganha quem mais fizer vibrar a platéia. Razão pelo qual os grupos não poupam esforços e nem economizam animação. O imaginário indígena e figuras mitológicas como pajés e feiticeiras foram incorporados às tradições do boi.

O Boi-bumbá tem sua história idêntica ao Bumba-meu-boi, é uma espécie de ópera popular, cujo enredo não varia muito entre os inúmeros grupos de Boi-Bumbá existentes mas, basicamente, desenvolve-se em torno da lenda do fazendeiro que tinha um boi de raça, muito bonito, e querido. As apresentações dos bois em Parintins desenvolvem-se de acordo com um enredo que conta a história do Negro Francisco, funcionário da fazenda e cuja sua mulher, Catirina fica grávida e sente desejo de comer a língua do boi, fica desesperado. Com medo de Catirina perder o filho que espera, caso o desejo não seja atendido, resolve roubar o boi de seu patrão para atender ao desejo de sua mulher.

Então, segundo o enredo, Negro Francisco mata o boi preferido do patrão. O amo descobre e manda os índios caçarem Negro Francisco, que busca um pajé para fazer ressuscitar o boi. O boi renasce e tudo vira uma grande festa.

Nas três noites do Festival, Caprichoso e Garantido se apresentam durante três horas cada um, e a ordem de apresentação é realizada através de um sorteio. O bumbódromo que foi construído em 1987 para apresentação desse grandioso festival chega levar para lá aproximadamente 40.000 espectadores. São 2500 brincantes (figurantes) em cada boi que desenrolam uma estória pontuada, com figurinos requintados, alegorias complexas e gigantescas, lindas exóticas e personagens amazônicos. E, nos dois lados do bumbódromo, as duas animadíssimas e incansáveis torcidas participam do espetáculo: a **vermelha do Garantido** e a **azul do Caprichoso**, chamadas de “galeras” têm uma função toda especial: seu desempenho é fundamental na contagem de pontos da apresentação; elas participam de ensaios e fazem um show à parte. Quando é o seu boi que está se apresentando, treme aquela metade do bumbódromo, enquanto a torcida “contrária” fica no mais respeitoso silêncio.

O espetáculo acontece ao som dos tambores levado por mais de 400 ritmistas e de ao menos uma dezena de toadas, sempre acompanhada pela galera do boi que está se apresentando.

A explicação mais aceita para a origem dos nomes dos bois Garantido e Caprichoso remonta a um amor proibido que o poeta Emílio Vieira teria cultivado pela mulher do repentista Lindolfo Monteverde. Ambos apresentavam seus bois todos os anos.

Como não podia ter a mulher de Monteverde, Emídio lançou o desafio: “Se cuide que este ano eu vou caprichar no meu boi”. Ao que o repentista respondeu: “Pois capriche no seu que eu garanto o meu”. A rivalidade cresceu entre os dois e, a cada ano, um queria ser melhor do que o outro. Os outros grupos de apresentação de bois foram ficando pelo caminho e apenas o Garantido de Monteverde e o Caprichoso de Vieira chegaram aos nossos dias.

Por falar em rivalidade, essa é uma das principais características da festa dos bois de Parintins. Apesar do respeito que é regra no bumbódromo onde as torcidas jamais devem vaiar a apresentação do boi adversário, há algumas nuances que demonstram a rivalidade das torcidas. Quando um torcedor do Garantido quer se referir ao Caprichoso, por exemplo, ele jamais menciona o nome do adversário, diz apenas “o contrário”. E vive-versa. Os músicos que tocam no Caprichoso formam a Marujada, enquanto os do Garantido são a Batucada. E por aí vai.

Para RAMOS,

o homem branco contou a história (...) os negros deram ritmo com seus tambores... e os índios, residentes antigos da terra, trouxeram consigo a magia de sua dança. Como se vê o boi-bumbá é uma mistura de culturas, que se uniram para criar um dos espetáculos mais belos desta terra. (2002, p.25).

O fato é que seja Garantido ou Caprichoso, ambos representam e preservam uma das maiores manifestações folclóricas de nosso povo brasileiro com a integração das matizes africanas, ameríndias e européia.

#### **CURIOSIDADES**

- A competição profissional entre Caprichoso e Garantido começou em

1966, e desde então só fez ganhar requintes de espetáculo (um desfile parecido com o das Escolas de Samba do Rio, com raio laser e o som amplificado de instrumentos eletrônicos) que transformou o Boi de Parintins na mais famosa manifestação folclórica da região Norte, patrocinada por indústrias de bebidas. É hoje uma das maiores atrações turísticas do Brasil, só comparada ao Carnaval do Rio de Janeiro.

- Graças ao desfile amazônico, o boi-bumbá pode gerar em 1996 o seu primeiro artista pop: a ex-banda de forró Carrapicho, que foi sucesso no Brasil e na França (levado pelo ator Patrick Bruel) com a música Tic Tic Tac. Gravado por Fafá de Belém e pela cantora de Axé Márcia Freire, a música Vermelho (hino do Garantido, composto por Chico da Silva) também teve grande êxito, abrindo caminho para artistas de Parintins, como os levantadores de toada Arlindo Junior e David Assayag.

- **Músicas compostas para os Folguedos de Boi-Bumbá**

Boi Barroso – Elis Regina

Vermelho (Chico da Silva) – Fafá de Belém

Tic Tic Tac – Carrapicho

Boi Bumbá (Waldemar Henrique) – José Tobias

Boi do Amazonas (recolhido por Walter Santos) – Papete

Bumba Meu Queixada – Teatro União e Olho Vivo

Entrada do Boi Misterioso – Quinteto Violado e Zélia Barbosa

Gado Bom Quem Tem Sou Eu (toada de vaquejada) – Otacílio Batista

Boi de Mamão (entrada de boi, Bermúncia e Maricota) – Boi de Mamão de Itacorobi (SC)

A Burrinha – Quinteto Violado

Fontes consultadas:

Almeida, Renato de. História da Música Brasileira.

Marques, Ester de Sá. Mídia e experiência estética na cultura popular: o caso do bumba-meu-boi. São Luís: Imprensa Universitária, 1999.

Magalhães, Basílio de. História da Música Brasileira.

Ramos, Artur. Folclore Negro do Brasil.

Pinheiro, Aurélio. À Margem do Amazonas.

Revista Parintins – Cultura e Folclore. Nº 1 jun/2000.

Revista Parintins – Cultura e Folclore. Nº 2 jun/2001.

RAMOS, Arthur. **O Folclore Negro no Brasil**. 3. ed. Alagoas: Martins Fontes, 2007. 250 p.

## OFICINA DE ARTES

Agora que você conhece a história do boi-bumbá vamos montá-lo em miniaturas para depois confeccionar o boi maior e fazer uma representação teatral desse interessante folguedo que exalta a pluralidade cultural de nosso povo levando alegria aos participantes e preservando a nossa cultura popular.

### ATIVIDADE 1

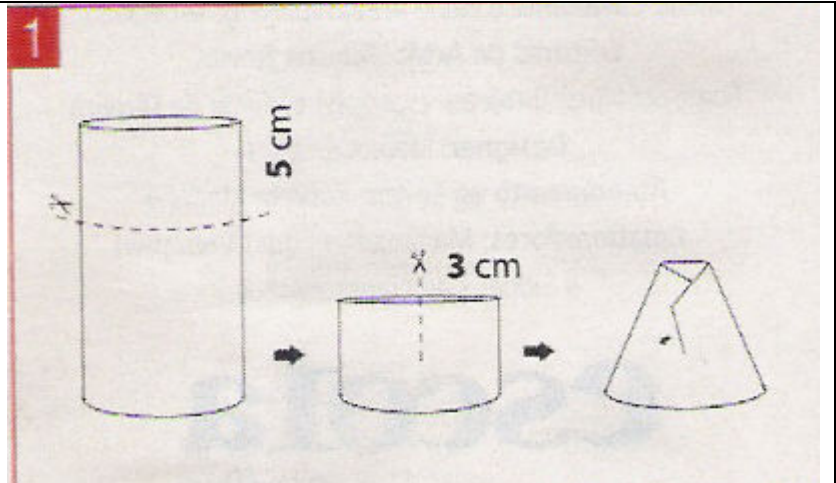
#### Dicas para fazer o bumba-meu-boi em miniatura



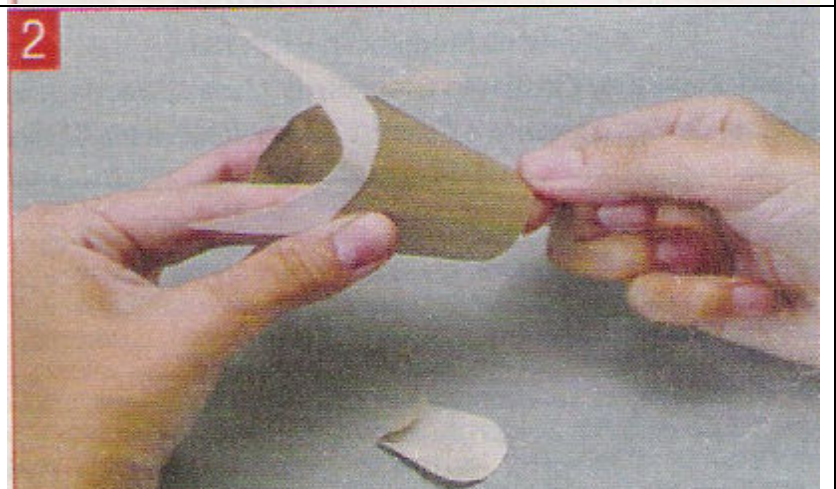
#### 1. Material utilizado

- Guache Lavável
- Cola Branca Lavável Cole Bem
- Canetas Hidrográficas Laváveis
- 2 rolinhos de papel higiênico
- 2 palitos de sorvete
- Papel sulfite
- Um pedaço de cartolina 10x10 cm
- 6 fitas coloridas de 3 mm de largura (nº1) e 35 cm de comprimento
- 40 grãos de feijão ou milho+

1. Para fazer a cabeça, meça 5 cm de altura em um dos rolinhos, marque toda a volta e corte. Nesse pedaço de 5 cm, faça um corte de 3 cm na perpendicular, passe cola e sobreponha uma ponta à outra, formando um cone.



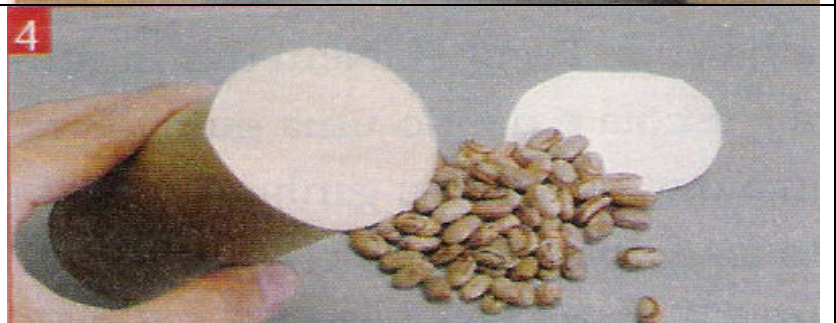
2. Na cartolina, desenhe os chifres e as orelhas. Recorte. Dobre as pontas de cima das orelhas e grude nas laterais da cabeça. Cole os chifres por dentro do cone.



3. Com o Guache Lavável na cor marrom pinte a cabeça. Depois de seca faça os olhos e o nariz com a canetinha Lavável na cor preta. No sulfite pinte uma estrela e cole abaixo dos olhos do boi-bumbá.



4. Corte dois círculos de cartolina com diâmetro um pouco maior do que o do rolinho, aproximadamente 5 cm cada um, e cole em duas extremidades do rolinho, fechando-o. Depois de colado, coloque os grãos dentro. Cole o outro círculo na outra extremidade e recorte as rebarbas com a tesoura.



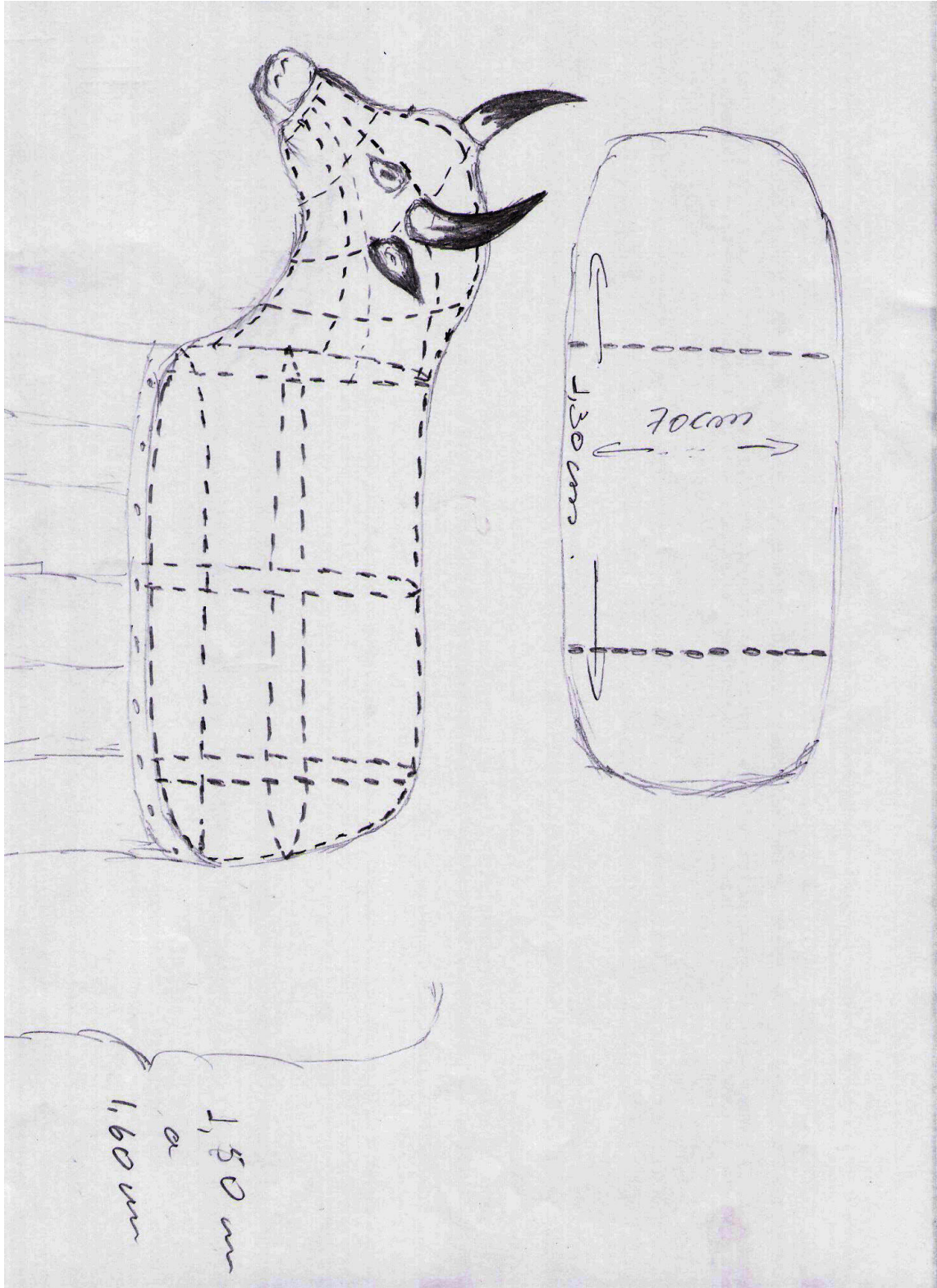
<p>5. Pinte o rolinho na cor preta. Deixe secar e pinte os palitos na cor de sua escolha. Cole cada palitinho no centro de cada lateral e coloque para secar.</p>	
<p>6. Recorte um pedaço de sulfite 10x20 cm para fazer a capa. Crie flores, estrelas, corações e círculos com as Canetinhas Hidrográficas Laváveis. Preencha o espaço entre as figuras de preto.</p>	
<p>7. Cole a cabeça em uma das extremidades do rolinho inteiro. Corte as fitas ao meio e cole-as nas pontas dos chifres. Cubra o corpo com a capa e cole-a nas laterais e sobre os palitos. Agora os seus alunos irão se divertir ao som do chocalho do boi-bumbá, um dos maiores ícones do folclore brasileiro.</p>	

Fonte: Revista Nova Escola. Ed. Abril. S. Paulo. Agosto/2005.  
[www.novaescola.com.br](http://www.novaescola.com.br)



## ATIVIDADE 2

- Para montar o boi maior siga os seguintes passos:



Bumba-meu-boi desenhado pelo professor Miguel Batista em 01/08/2008

- Para montar o boi-bumbá maior para encenação teatral siga os seguintes passos:

### Primeiro passo:

Preparar o mingau de farinha de trigo (cola caseira):

4 colheres de sopa de farinha de trigo;

1 litro de água;

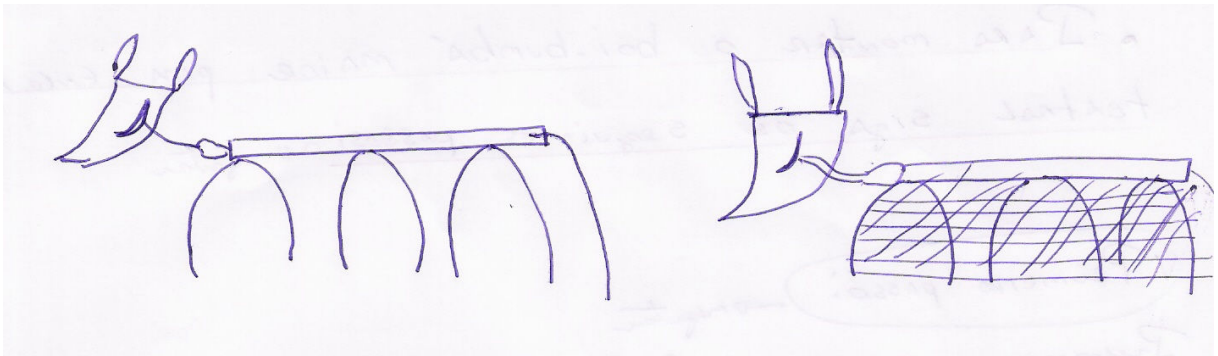
1 colher de sopa de vinagre.

Dissolver a farinha na água fria e levar ao fogo até o ponto de mingau. Em seguida colocar 1 colher de vinagre.

**Papel Machê:** (significa mascado) “O papier machê”, provavelmente de origem oriental, foi introduzido na Europa no século XVII. Em sua forma primitiva, consta de camadas de papel de seda e goma arábica. Mais tarde, surgiu a idéia de misturar o papel com a cola, dando origem a massa.

Suas características principais são leveza, durabilidade e baixo custo. Neste caso optamos pelo jornal e mingau de farinha de trigo que tem efeito da cola branca industrializada.

Construímos com cabo de vassoura ou cano PVC(fino) uma estrutura dorsal e com arame ou tela de arame montamos uma base para modelar



O papel machê é trabalhado em camadas sobre a estrutura dorsal do boi.

Rasgue o jornal em tiras largas (20 a 30 cm), embeba no mingau e vá colocando as tiras sobre a base. Acrescente uma segunda camada e repita o processo até ter cinco ou oito camadas. Deixe secar no mínimo 5 horas.

A capa de cima do boi-bumba pode ser feita de um tecido de feltro preto ou marron, bordado com lantejolas, paitês, pedaços de espelhos colados, sianinhas douradas, ou decorá-la com papel laminado colorido com recortes de flores, corações, enfim, dar asas a imaginação. Para o acabamento final para a parte de baixo para que as pernas do “tripa” não apareçam (aquele que fica de baixo do boi representando-o), fazer uma saia pregueada de TNT (azul, vermelho ou amarelo) e na emenda do TNT com o feltro colocar fitas coloridas de ponto russo. Já o chifre do boi pode ser feito com cone de linha (tubo de linha de fio de crochê).

Fonte: texto elaborado pela professora de Educação Artística do Colégio Estadual Professor Júlio Teodorico Meiri Marques de Camargo em 10/08/2008.

### ATIVIDADE 3: SUGESTÕES

Agora que você já conhece todos os passos para construir um boi-bumbá maior para que a “tripa” do boi, o personagem que dança embaixo do boi possa dançar e encenar a morte e ressurreição do boi, também se faz necessário que junto com seus colegas vocês dividam-se em grupos e produzam as máscaras para representar os outros personagens como a mãe Catirina, o pai Francisco, o fazendeiro, o pajé, o médico, vaqueiro, índios, enfim, crie os personagens que vão participar desse enredo teatral. Grava as músicas Boi Barroso de Elis Regina, Vermelho (Fafá de Belém); Tic, Tic, Tac – Caprichoso, Waldemar Henrique, gravado por José Tobias. Reconstrua o enredo, acrescentando mais algumas histórias. Seja criativo. Façam os ensaios e *apresentem para os colegas no mês de novembro em comemoração ao dia 20, dia da “Consciência Negra”*.

#### As máscaras como construí-las?

- **Materiais:** água, alicate; arame maleável; cola branca; fita adesiva larga; riscos das máscaras (prontos na folha); saco de estopa; tinta guache de diversas cores.

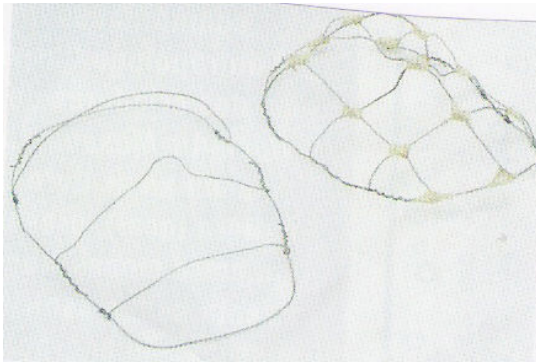


A máscara, acessório utilizado para cobrir o rosto, pode ter diversos propósitos, entre os quais os lúdicos, como quando utilizadas em bailes de máscaras, carnaval e corridas; os religiosos, para proteção, adorno em cerimônias de casamento, iniciação e cura; e os artísticos, para decoração. Considerada por diversas comunidades como símbolo sagrado, pela crença de que há uma divindade presente em cada uma delas, é um objeto geralmente de madeira, e quem a utiliza pode se tornar outra pessoa. Tal processo de “transformação” é apreciado por diferentes culturas para simbolizar os ancestrais e as divindades na maioria dos rituais. O objeto também facilita a identificação de qualquer família ou clã. Para as tribos africanas, o poder da peça tem papel sagrado, que se iniciou no período de migração dos antigos povos. Algumas são criadas para assegurar colheitas férteis, fator muito importante na maioria das sociedades africanas; outras representam a vida da pessoa, desde a infância até o momento do enterro.

Fontes: [www.arteafricana.usp.br/codigos/artigos/002/notas\\_discursivas.html](http://www.arteafricana.usp.br/codigos/artigos/002/notas_discursivas.html)  
[www.mundoetnico.com.br/mascaras](http://www.mundoetnico.com.br/mascaras).

Imagem da máscara retirada do livro História do Mundo, Agora.

Para iniciar a atividade organize a turma em duplas. Solicite aos alunos que meçam no rosto o tamanho dos arames que servirão de estrutura para a máscara. Cada colega mede o rosto do seu companheiro(a) de dupla. Depois de determinar o diâmetro do rosto na vertical e, depois linhas horizontais na altura da testa, nariz e queixo. Cada medida deve ser cortada no arame deixando sempre uma folga para enrolar um no outro, para fixá-lo. Feito o esqueleto, os alunos criarão formas para o rosto. Utilizando o arame como suporte, auxilie-os a modelar no arame os contornos desejados e a fixá-los ao esqueleto. Em seguida, eles devem mediar a posição dos olhos e fazer estrutura.



É importante quadriculá-la com arame, deixando pequenos intervalos, assim os alunos conseguirão fixar melhor a fita adesiva que deverá revestir os espaços em branco, exceto os olhos e a boca.

Depois, prepare, com eles uma mistura de cola e água, na proporção de duas quantias de cola para uma de água. Corte pequenas tiras de estopa, passe-as na mistura de cola e revista a máscara. Espere secar e, então peça que eles pintem as

peças. Essa técnica permite a confecção de máscaras mais duradouras.

As máscaras são as formas mais conhecidas da arte plástica africana e foram os objetos que mais impressionaram os povos europeus. Professor(a) incentive a criatividade e imaginação de suas alunos para criarem máscaras diferentes umas das outras, como por exemplo, com narizes longos, testas longas, chifres e orelhas esquisitas, enfim que sejam os mais criativos possíveis, não esquecendo de criar máscaras de personagens indígenas também.

Mãos a obra e sucesso em seu trabalho.

#### 4.2 A Congada na Lapa

A antiga Vila do Príncipe, originada de um pequeno povoado às margens da antiga Estrada da Mata, uma parte do histórico “Caminho da Tropas”, que ligava Viamão (RS) a Sorocaba (SP), pouso dos tropeiros.

Hoje denominada cidade da Lapa, localizada na região sudeste do Estado do Paraná, aproximadamente 90 km de Curitiba, ocupando a colocação de 5º maior território do Estado. Com uma população de 41.838 habitantes, a “**cidade legendária**”, como a Lapa é conhecida hoje, cidade rica em turismo histórico, cultural e religioso, como a famosa, Gruta do Monge. Em sua história durante a Guerra dos Farrapos, a Lapa constitui-se em ponto de concentração das forças legais, principalmente quando José Garibaldi invadiu Santa Catarina, em 1843. A cidade histórica, também foi palco do Cerco da Lapa durante a Revolução Federalista de 1894.

O povo lapeano é bastante religioso e preservador de suas tradições culturais religiosas. Duas festas religiosas de grande destaque ocorrem na cidade, a Festa do Padroeiro da Cidade, que é Santo Antonio comemorada no dia 13 de junho, data importante para a cidade porque coincide com a data da elevação da cidade. A festa é realizada na Praça de São Benedito devido a proporção adequada da infraestrutura oferecida pelo local.

Outra festa de caráter religioso é a Festa de São Benedito, porém esta também tem um misto de festa profana, porque nela se apresenta a tradicional Congada da Lapa. A Festa de São Benedito é um evento realizado no mês de dezembro, próximo ao natal, na praça de São Benedito, atraindo romeiros de diversos lugares. A trezena de São Benedito que antecede a festa, dá início às festividades seguida de missa, churrasco, jogos, leilão, quermesse e parque de diversões.

Uma procissão pelas ruas da cidade até o Santuário de São Benedito, marca o final da festa, onde a irmandade de São Benedito conduz a imagem do Santo Milagreiro. Em seguida se apresenta na Festa a tradicional Congada da Lapa.

A congada é um misto de festa de religiosa, cívica e profana. Religiosa porque de fato é uma homenagem à São Benedito, realizada no ciclo natalino na qual só é permitida a participação de devotos e é realizada com o consentimento e benção do padre. Cívica porque prevê na sua estrutura dramática a resolução de um imbróglio diplomático entre dois reinados africanos. Profana porque é realizada fora da igreja, permeada por lutas coreográficas, cantos, declamações e de música percussiva. O ponto de partida de uma congada é o “caderno”. Trata-se de um manuscrito passado de geração para geração desde 1935 – antes disso as evoluções e os textos eram passados por meio da tradição oral – e serve como roteiro de uma congada. Foi “herdado” por Miguel Ferreira, que até 2005 representou o rei Congo e serve este caderno para resolver problemas e questões quanto ao desenvolvimento estrutural das evoluções ou de textos declamatórios de algum congo.

O discurso articulador da Congada reconstrói um universo simbólico atribuído à África, onde o caráter lúdico da encenação combina música, dança e drama com referências a fatos históricos e religiosos. É interessante ressaltar que os autos em que aparece o rei Congo nunca existiram em território africano.

O enredo da Congada na Lapa dá conta de um mal entendido entre Rei Congo e a embaixada que representa a Rainha Ginza de Angola a respeito da primazia sobre a homenagem à São Benedito. A versão descrita no caderno manuscrito lapeano da Congada, comenta o mal entendido relacionado a uma disputa pelo amor da Rainha Ginga entre o embaixador e o Rei. Portanto a encenação obedeceu a um texto fixo e dela participam, em média 40 pessoas que se apresentam a partir de 12 evoluções (cenas) descritas pelo folclorista Fernandes:

Desfile inicial; a fala do trono; dança dos fidalgos; a chegada da embaixada da Rainha de Angola; entrada do embaixador; declaração de guerra; segunda guerra – luta entre fidalgos do congo e gente de Angola – prisão do embaixador; chegada dos prisioneiros à corte do Congo; perdão real; entrega da embaixada; despedida do embaixador de Angola; desfile final de confraternização (1997, p. 25).

Os Congos – assim são chamados os participantes da congada – são escolhidos entre os membros da comunidade afro-descendente da cidade da Lapa, de acordo com o nível de interesse e grau de parentesco com a família do Rei. É restrito a descendentes de africanos, não é permitida a participação de outras etnias, nem a presença de não devotos de São Benedito. Os papéis são distribuídos de acordo com o desenvolvimento do congo no grupo, obedecendo a uma evolução proporcional a hierarquia da congada – da corte para os súditos: Rei, Rainha, Embaixador, Fidalgos, Duque, Cacique, Secretário, Guias, Conguinhos e músicos.

A congada ao longo do tempo sempre foi custeada pela classe dominante – em relação aos africanos e seus afro-descendentes. Primeiramente pelos senhores da Casa Grande e atualmente de maneira modesta pelo Estado. Na cidade da Lapa a Congada é realizada comunitariamente e recebe ajuda financeira do município para a reforma das roupas e despesas com os adereços e transporte dos participantes.

Além do resgate simbólico do imaginário africano, a Congada de São Benedito propiciou a oportunidade de agremiação e de competitividade, entre os diversos grupos que também organizavam este folgado folclórico, culminando em rivalidades.

Entre duas congadas que existiam na Lapa, a “Congada dos pretos” contra a “Congada dos mulatos forros”, quem saiu ganhando foi a congada paranaense que conserva a característica de representar-se a Embaixada

durante o auto,e, apesar do desaparecimento das outras que existiam, uma resiste ao tempo vigorosamente ((FERNANDES, 1997, p. 5).

Assim, concluímos que o auto da congada de São Benedito na Lapa, representa para esta comunidade paranaense, um potente catalizador e formador da identidade afro-descendente, fator da resignação da herança cultural e mítica africana, valorizadas e forjadas nas experiências de cativo e permeada pela devoção a um afro-descendente, **São Benedito**.

#### **FONTES CONSULTADAS:**

ALMEIDA, Claudio Alfredo. **Levantamentos e Danças e Folguedos do Paraná**.

Boletim da Comissão Paranaense de folclore, 1980.

FERNANDES, José Loureiro. **Cadernos de Folclore – Congadas Paranaenses**. FUNARTE, 1977.

FREITAS, Fátima. **Congada**. Secretaria da Cultura do Paraná, 1997.

FELIPE, Carlos; MANZO, Maurizio. **O Grande Livro do Folclore**. BH, Ed. Leitura, 2000.

#### ATIVIDADE 4

Após ler o texto sobre a origem da Congada pesquise se em Ponta Grossa existem grupos de afro-descendentes que preservam algum tipo de manifestação folclórico-religiosa, ou dança, ou mesmo entidades representativas de movimentos afro-brasileiros. Faça esse levantamento e depois organize um roteiro de entrevista, para conhecê-la e socializar o resultado da entrevista com os colegas.

A Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal do Paraná realizam a exposição Congada, com abertura no dia 10 de dezembro de 2004, às 16hs., na sede do MAE em Paranaguá.

#### CONGADA

A exposição pretende apontar a Congada como expressão cultural, constantemente reelaborada no campo das práticas simbólicas, fundada em sentidos e valores vivos, marcos das experiências que a conformam. Pretende ainda ser um mecanismo de salvaguarda deste registro, acervo do Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR.

A história da Congada remonta ao início no século XVI. Conta-se que quando o rei de Portugal estabeleceu contatos mais estreitos com o reino do Congo, na África, cerimoniais conduzidos pelos reis do Congo aguçaram a imaginação de portugueses. Teve início então um folguedo com a coroação de um rei Congo, "brincando" de ser rei africano, organizado pela confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Lisboa. Isto teria acontecido por volta de 1533.

A Congada também é interpretada como uma luta entre o Bem e o Mal. Neste caso, o Bem seria representado pelos cristãos e o Mal pelo grupo de mouros. O Bem usa roupas azuis; o Mal, traje vermelho. Nas lutas, embaixadas e cantos, os cristãos sempre vencem os mouros, que são, por fim, batizados. Talvez, por isso, algumas interpretações afirmam que no passado a Congada teria a função de sublimar o instinto guerreiro do escravo, pois ao final todos juntos fazem a festa em louvor a São Benedito. Estaria aí uma mensagem subliminar de cristianização dos negros escravos, que passariam a agir respeitando as regras sociais reconhecidas pelos europeus, comandados por São Benedito.

Outros estudiosos afirmam que a Congada surgiu no Brasil com a entrada de escravos etíopes, primeiramente levados para a Itália, de onde teriam chegado ao país. Aqui, os escravos negros aproveitaram-se da técnica do desenvolvimento dramático dos antigos autos populares trazidos pelos portugueses, para recontar a história de lutas e coroação de monarcas africanos em suas terras de origem. Esses autos têm por base a estrutura de antigos romances históricos, marítimos, mouriscos, cavaleirescos e novelescos.

Nos terreiros de escravos nasceram expressões de rituais religiosos e profanos, primeiras manifestações de afro-brasilidade no Império Português. Ao estabelecer paralelos com os rituais aprendidos nas aldeias nativas e a liturgia do Catolicismo, os escravos criaram novas formas de expressão.

O discurso articulador da Congada reconstrói um universo simbólico atribuído à África, onde o caráter lúdico da encenação combina música, dança e drama com referências a fatos históricos e religiosos. Interessa observar que os autos em que aparece o rei Congo nunca existiram em território africano.

O enredo e o desenvolvimento do auto dramático são complexos e assumem variadas versões, dependendo do lugar onde é representado. Espalhado por diferentes regiões do Brasil é dançado em Minas Gerais, São Paulo, alguns Estados nordestinos e no Paraná (Curitiba, Paranaguá, Castro e Lapa). Em cada uma delas toma uma forma particular, alterando-se até mesmo sua denominação, pois é conhecida também por Congados, Congo ou auto dos Cucumbys (de cucumbre, comida usada pelos Congos).

Tradicionalmente cantada/representada em 26 de dezembro ao lado das igrejas, em louvor a Nossa Senhora do Rosário ou a São Benedito, a Congada foi sempre dirigida por escravos ou libertos e organizada por Irmandades religiosas. Terminada a representação, os congos e convidados serviam-se em lautas mesas de doces e salgados e após percorriam ruas, praças públicas e visitavam residências.

A Congada da Lapa obedece a um texto fixo e dela participam, em média, 40 pessoas, que se apresentam a partir de 12 cenas descritas por José Loureiro Fernandes: "o desfile inicial; a fala do trono; a dança dos Fidalgos; a chegada da Embaixada da Rainha de Angola; a entrada do Embaixador; a declaração de guerra; luta entre Fidalgos do Congo e gente de Angola - prisão do Embaixador; chegada dos prisioneiros à corte do Congo; perdão real; entrega da Embaixada; despedida do Embaixador de Angola; desfile final - danças e cantos de confraternização." O santo homenageado é São Benedito, e na representação perdura um misto de expressões sacro-profanas.

A Congada reafirma a multiplicidade de influências e manifestações culturais que povoam o território brasileiro e ressalta a importância do processo dinâmico de criação - a maneira como os sujeitos ocupam seu território, utilizam e valorizam os recursos existentes e constroem sua história.

Pesquisa e texto: Márcia Scholz de Andrade Kersten

Curadoria: Márcia Simões da Fontoura e Márcia Scholz de Andrade Kersten

Projeto da Exposição e Projeto Gráfico: Márcia Simões da Fontoura

Fonte: site [www.proec.ufpr.br/mae/mae.hmt-44k](http://www.proec.ufpr.br/mae/mae.hmt-44k)



## **Unidade 3: A musicalidade e a dança que alegra a alma**

### **3.1 Introdução: uma pequena história do samba...**

A vida de um povo, além de ser composta por etnias, linguagens, normas, costumes comuns e manifestações religiosas, ideológicas e culturais, supõe-se é claro, uma comunidade de sentimentos, afetividades, sensibilidades, lembranças e idéias. Esses vínculos de pertencimento são altamente mobilizadores, capazes de “tocar as almas” acionando sentimentos do íntimo de cada indivíduo, que compõe a trama da vida. A música faz parte do cotidiano do ser humano, milenarmente, ela está presente na vida das pessoas, seja ela sacra, clássica-erudita ou popular, ou mesmo, o rock-rol, que conquistou o coração dos mais jovens desde a década de 1970.

A década de 1920, ficou conhecida como os “anos loucos”. Pelo menos para quem podia se divertir sem compromisso. A indústria cultural do cinema de Hollywood, do rádio e dos discos ganhavam o mundo. Nos EUA o Charleston fazia dançar com entusiasmo e o jazz conquistava os corações.

No Brasil os gêneros de música urbana reconhecida como tipicamente cariocas – (o samba e a marcha) surgiram em 1870 por ocasião da decadência do café do vale do Paraíba, que começa a liberar a mão-de-obra escrava destinada a engrossar as camadas populares do Rio de Janeiro, até 1930. Portanto, o samba e a marcha levaram um período de 60 anos para se fixarem, quando uma classe média urbana gerada pelo processo de industrialização anuncia a sua presença no Estado Novo.

Para Tinhorão (1997, p. 17)

Esses gêneros de música representaram na verdade, a contribuição cultural das primeiras camadas de caráter realmente urbano do Rio de Janeiro. Até então, o que havia era a música operística da elite (que eventualmente cultivava a valsinha e a modinha), os gêneros estrangeiros das polcas, shot-tishes e quadrilhas, importados para o uso das camadas médias e “populares”, e, finalmente, o batuque, do sabor africano, exclusivo dos negros que formavam o grosso da camada mais baixa, mas aos quais não se poderiam chamar de povo.

Desde o século XVIII existia, é certo, a música de barbeiros, cultivada por negros escravos e livres, e cuja maneira chorada de tocar os gêneros em voga passaria na segunda metade do século XIX aos conjuntos de flauta, violão e cavaquinho. Esse seria, porém, um simples estilo de tocar, cuja maior contribuição específica se revelaria no maxixe, ritmo para dançar de par que logo entrariam decadência pela dificuldade dos seus passos, quedas e parafusos...

O samba e a marcha constituem-se criações conscientes, destinadas a atender a fins específicos: a necessidade de ritmos capazes de servir à cadência das lentas passeatas dos ranchos e a procissão empolgada dos blocos e cordões carnavalescos.

Segundo Tinhorão (1997, p. 18)

Enquanto durou o entrudo, que era extremamente individualista (a graça era molharem-se e sujarem-se uns aos outros), a festa que depois seria o carnaval era brincada em casa pelas famílias, e nas ruas pelos escravos e a ralé. Quando, porém, a crescente complicação da estrutura social destruiu esse esquematismo, através do aparecimento de camadas diversificadas, o carnaval ganhou um sentido de diversão coletiva. Então aparecem os ranchos, os blocos e os cordões, e esses agrupamentos precisaram de ritmo próprio (...).

Portanto, tanto a marcha como o samba foram produtos do carnaval. Enquanto, a nascente classe média do Segundo Reinado desde meados do século participava na festa coletiva através da imitação do Carnaval europeu “veneziano”, as camadas mais populares, sem recursos financeiros para a arrumação dos carros alegóricos, tiveram que criar uma forma própria de expressão, nascendo assim os ranchos.

Os famosos ranchos carnavalescos representavam a primeira manifestação popular do Rio de Janeiro e constituíram-se uma adaptação dos Ranchos dos Reis Nordestinos e devem sua utilização aos baianos.

Nos primeiros ranchos carnavalescos cariocas surgidos em 1870, cantavam-se as marchas, as quadras e as solfas mais populares entre os negros da Bahia, como diz Tinhorão (1997, p. 19) se “arrojava o samba”, isto é, também se incluía um

ritmo e um sapateado que nada mais eram do que uma estilização da rigorosa coreografia do batuque.

Em 1899, a **maestrina Chiquinha Gonzaga** compôs a marcha “**O Abre Alas**”, a pedido das crioulas componentes do cordão Rosa de Ouro. Segundo ela mesma confessaria depois, que para compor a “marchinha” aproveitou o ritmo marchado que os negros imprimiam às músicas que cantavam enquanto avançavam pelas ruas entre volteios, requebras e negaças.

O primeiro samba gravado a fazer sucesso, no final de 1916 e início de 1917, foi o famoso “**Pelo Telefone**” de Ernesto dos Santos, o **Donga**. Verificou-se que esse samba fez um sucesso fenomenal porque a música reunia como em uma colcha de retalhos, reminiscências rítmicas de batuques, estribilhos do folclore baiano e sapateados do maxixe carioca.

O samba, nascido como gênero carnavalesco do aproveitamento de ritmos baianos por parte dos compositores cariocas (principalmente Sinhô), passaria também em pouco tempo ao domínio dos primeiros profissionais da classe média que dominaram desde logo os meios do disco e do rádio, passando a evoluir segundo toda uma série de influências estranhas à cultura popular brasileira, ou seja, a da música norte-americana dos **Jazz-bands** e a do semi-eruditismo dos orquestradores, dos quais Pixinguinha foi um dos pioneiros.

Para Tinhorão (1997, p. 20):

ao despontar a década de 1930 o samba e a marcha, já “amansados” para o gosto das novas camadas da classe média, ganharam toda uma série de variações em torno do ritmo fundamental de 2/4: marcha, marchinha, marcha rancho, samba, batucada, batuque, samba-canção e sambachoro, este último um gênero híbrido que, a despeito de efêmero, não deixou de oferecer pelo menos uma obra-prima, o “**Carinhoso**” de **Pixinguinha**, que, que tinha o nome de batismo de Alfredo da Rocha Viana Júnior, figura exponencial do “**Chorinho**” na primeira metade do século XX.

No campo da música popular brasileira, são inúmeros os músicos de origem afro-descendentes os quais foram fundamentais para a criação de gêneros musicais como o chorinho e o samba. Entre eles destacam-se: Dorival Caymmi, Luís Gonzaga, Ataulfo Alves, Clementina de Jesus, Agenor de Oliveira (o mestre

Cartola), Nelson Sargento, Paulinho da Viola, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Clara Nunes, Alcione, (“Preta Gil”, Alexandre Pires, Zeca Pagodinho) os mais recentes entre tantos outros músicos.

Assim, para concluir podemos dizer que o samba é uma expressão cultural e musical surgido a partir das camadas baixas da cidade do Rio de Janeiro, a base de instrumentos de percussão proveniente dos afro-descendentes, que pela sua composição poética caracteriza a alma nacional, de norte a sul, contribuindo-se num dos fundamentos da musicalidade e da cultura brasileira.

O batuque que atravessou o Atlântico nos navios “tumbeiros” incorporou os chocalhos e maracás dos povos indígenas, anexou a viola dos portugueses e deu origem ao samba, ritmo de maior popularidade no país, e hoje é referência do Brasil e em qualquer parte do mundo, inclusive no Japão o seu sucesso é irreversível, junto com o carnaval oriental. Uma festa bem brasileira que conquistou vários outros povos no mundo.

### **3.2 O Frevo**

A origem do Frevo ainda é muito discutida, porém esse ritmo carnavalesco de Recife, Pernambuco leva às ruas milhares de pessoas que acompanham o “Galo da Madrugada”, o maior bloco de alegorias de Recife. A palavra frevo tem origem na palavra ferver, que nessa ocasião quer dizer “fervo”.

É inegável a beleza do frevo pela riqueza de coreografia variada e pelo visual da vestimenta de seus participantes (sempre em pares/casais). O frevo possui um ritmo contagiante, com grande variedade musical e riqueza de arranjos. As suas coreografias são denominadas de passos, tendo algumas delas sido derivadas da capoeira.

### **3.3 Dança do Coco**

Conhecida também como uma dança típica da região Norte e Nordeste, principalmente apresentada nas regiões praieiras. Porém existem muitas controvérsias em relação às suas origens, para alguns pesquisadores ela teria nascido nos engenhos e posteriormente chegou ao litoral nordestino. No entanto,

grande parte dos folcloristas defendem que o “coco” teve sua origem no canto dos tiradores de coco, e que só depois transformou-se em “dança ritmada”, daí o nome de “dança do coco”. Há controvérsias também, em à qual estado nordestino ficaria com a sua origem, entretanto, por conta das dúvidas existentes atribuí-se à Alagoas, Paraíba e Pernambuco como prováveis donos do folguedo.

A “dança do coco” apresenta uma coreografia muito simplificada: os participantes formam duas filas paralelas ou colocam-se em rodas

...onde executam o sapateado característico, respondem o coco, trocam umbigadas entre si e com os pares vizinhos e batem palmas marcando o ritmo.

É comum também a presença do mestre "cantadô" que puxa os cantos já conhecidos dos participantes ou de improviso. Pode ser dançado calçado ou descalço e não precisa de vestuário próprio. A dança tem influências dos bailados indígenas dos Tupis da Costa e também dos negros, nos batuques africanos. Apresenta, a exemplo de outras danças tipicamente brasileiras, uma grande variedade de formas, sendo as mais conhecidas o coco-de-amarração, coco e-embolada, balamento e pagode. (PIMENTEL: 1978, p. 123)

Como instrumentos mais utilizados na dança do coco encontramos os de percussão de origem africana, com exceção o pandeiro, que é de origem árabe. Entre eles podemos citar: o ganzá, zabumbas, caracaxás, pandeiros e cuícas. É importante ressaltar que para a formação de uma roda de coco, não são necessários todos estes instrumentos, basta as vezes as palmas ritmadas de seus dançarinos. O coco, geralmente é um folguedo do ciclo junino, no entanto, também encontra-se algumas apresentações em outras épocas do ano. Com o surgimento do baião a dança do coco passou por algumas modificações em seu bailado. Nos dias atuais dançadores do coco não trocam umbigadas como antigamente, dançam um sapateado forte como se estivessem pisoteando o solo ou em uma aposta de resistência. O ritmo alegre do coco influenciou muitos compositores populares como Alceu Valença, e até bandas de rock pernambucanas. Esse ritmo contagiante da “dança do coco” vêm sendo resgatado por “ Selma do Coco”, uma personagem popular, que tem arrastado multidões de todas as idades para essa apresentação artística cultural, mostrando assim, mais uma beleza do Folclore Nordestino, que tem na cultura afro-brasileira uma de suas raízes.

Fonte: BRINCANTES: Recife: Prefeitura da Cidade, Fundação de Cultura do Recife, 2000. p. 104-107.

### 3.4 Olodum na Bahia e o Batuque da Umbigada em São Paulo

No século XIX ao conjunto das danças populares de origem africana era denominada de “batuque”. A tendência atual é a divulgação da dança sob nomes locais e, por outro lado a terminologia “samba” passou a ter significado específico dos vários tipos de samba difundidos a partir do Rio de Janeiro. O sentido mais geral de “batuque”, na África, era o de “dança ao som de tambores”. “Batuque” hoje é designado para alguns cultos afro-brasileiros na região amazônica e no Rio Grande do Sul, bem como, o movimento do “olodum” na Bahia e uma dança de umbigada em São Paulo.

Fundado em 1979 em Salvador, o **bloco afro-carnavalesco Olodum**, é atualmente um grupo cultural considerado uma organização não governamental reconhecida como utilidade pública pelo governo da Bahia. Por ocasião da sua estréia no carnaval de 1980, o grupo conquistou com seu ritmo de batuque o coração dos baianos e acabou conquistando mais de dois mil associados, tendo dado prioridade em seu repertório para a abordagem de temas históricos relativos às culturas africana e brasileira. O “OLODUM” hoje é sinônimo de sucesso internacional. Porém, o primeiro LP gravado foi em 1987, o qual estourou na vendagem com o sucesso da música “Faraó”(LP – “Egito Madagascar”).

O sucesso do Olodum ultrapassou as fronteiras brasileiras, tendo o mesmo excursionado pela Europa, Japão e América do Sul. Um dos maiores momentos de glória desse grupo de percussão afro-brasileira foi quando em 1990, o grupo participou da gravação da faixa “The Obvious Child”, do disco The Rhythm of the Saints”, de Paul Simon. A partir dessa gravação foi elaborado um roteiro e gravado no Pelourinho(Bahia) um videoclipe, o qual foi exibido em mais de cem países demonstrando assim, a força e a beleza rítmica do batuque da cultura africana e afro-brasileira.

É importante ressaltar que o Olodum divulga a sua mistura de ritmos que inclui **batuques africanos**, reggae, samba e ritmos latinos. Também tem uma forte militância em movimentos sociais contra o racismo e pelos direitos civis e humanos,

mantém uma escola chamada OLODUM, no Pelourinho onde atende cerca de 300 crianças e adolescentes, portanto, criada há mais de vinte anos essa organização tem por objetivo preservar e valorizar a cultura negra, buscando construir uma identidade para os afro-brasileiros.

Já o **Batuque da Umbigada**, é uma dança, uma confraternização que surgiu com os escravos bantus, vindas de Angola para o interior do estado de São Paulo. Celebravam com essa manifestação cultural popular “a fertilidade”, símbolo da vida e a união dos gêneros.

Com a expansão da cultura cafeeira na região oeste paulista, Campinas também recebeu grande número de escravos negros entre a segunda metade do século XVIII e a primeira do século XIX, os quais trouxeram sua tradição cultural e deixaram aos afro-descendentes dessa região uma das mais belas heranças culturais, que é o “Batuque da Umbigada”, conhecido também como Tambu ou ainda, pelo nome de Caiumbá. Essa manifestação folclórica permanece ainda preservada em algumas cidades do interior paulista como: Piracicaba, Tietê e Capivari.

Sua apresentação ocorre com a formação de duas filas paralelas, uma das mulheres e outra dos homens, que de frente uns para os outros ficam próximos aos tambores à espera do batuqueiro entoar à “moda”. Os homens ao memorizarem a canção vão até a fila das mulheres (também chamadas de batuqueiras), para ensinar-lhes a cantoria. Após a muitos “galanteios”, eles vêm trocar umbigada com as mulheres, a partir desse momento o baile começa pra valer com muita animação e “batidas de umbigadas” entre os casais. Esse movimento da umbigada faz parte de muitas danças banto- brasileiras.

O interessante dessa manifestação folclórica é que as modas, cantarolas do batuque, constituem uma crônica cantada da comunidade, refletindo muitas vezes sua história passada e presente, seus valores morais, enfim criadas no imaginário dos participantes ou buscadas na tradição, elas tecem comentários acerca das pessoas e dos fatos cotidianos conhecidos pelo grupo, muitas vezes em tom “chitoso”(a provocar risos) e utilizando-se de uma linguagem rica em metáforas. Muito freqüente são as temáticas do amor e do relacionamento conjugal, bem como, vários assuntos ligados as memórias do cativo, a luta de resistência contra a escravidão travada desde o início que aqui chegaram, tendo como “Zumbi dos Palmares”, o mártir da resistência, crítica ao racismo e outras formas de opressão

social. Os instrumentos utilizados no batuque da umbigada é a matraca, que dá o ritmo básico, dois paus batidos no corpo do tambu, os guaiás, os chocalhos metálicos empunhados e tocados por cantadores e dançadores. O tambu, que é um grande tambor cônico e o instrumento musical que faz a marcação da dança e indica aos dançarinos o momento exato da umbigada. Já o repique do quinjengue, tambor pequeno, no formato de um cálice, vai orientar o prosseguimento da música, bem como, a afinação dos cantores.

Portanto, o batuque da umbigada é mais que secular na história da cultura brasileira e procura preservar ao som do tambu, quinjengue, matraca e guarás, a cultura africana.

Fonte: Sites pesquisados

[www.mundonegro.com.br/noticias/index.php?noticiaid=388-38k](http://www.mundonegro.com.br/noticias/index.php?noticiaid=388-38k)

[www.overmundo.com.br/agenda/batuque de umbigada](http://www.overmundo.com.br/agenda/batuque_de_umbigada)

### **3.5 Danças Afro-brasileiras do Folclore Amazônico**

Já vimos na unidade anterior com o Festival de Parintins com a apresentação do bumba-meu-boi ou boi-bumbá, que o folclore do estado do Amazonas é rico em manifestações folclórico-populares de origem africana.

As danças são outras vertentes da cultura africana, que estão preservadas no folclore amazônico como por exemplo: o Obaluaiê que tem sua origem ao orixá de mesmo nome que faz parte do panteão do candomblé africano. O Batuque Amazônico que também teve origem no Candomblé, manifestado na região norte (Pará e Amazonas). Outra manifestação popular fantástica dessa região é o Banguê, que também surgiu no Pará, no município de Cometá. Danças essas da cultura afro-brasileira que encantam e alegam a alma daqueles que as assistem e participam do bailado. A principal característica das danças de origem africana é serem de roda.

O passo é quase sempre o mesmo, variando conforme o andamento da música. Em algumas variantes, um indivíduo ou um casal sai da roda e dança no centro do círculo. Vamos então conhecer um pouco mais das danças afro-brasileiras do Folclore Amazônico.



### 3.5.1 Obaluaiê

A dança Obaluaiê é uma manifestação cultural que teve origem em várias regiões do Brasil no período Colonial, inclusive na Amazônia. Essa dança tem origem no culto do Candomblé Africano e representa o orixá Obaluaiê, que na mitologia africana é o orixá da morte. O mesmo teria o corpo coberto de chagas, apresenta-se nos terreiros de candomblé envolto num manto de palha-da-costa que o cobre desde a cabeça, deixando que o vejam apenas dos joelhos para baixo. Por isso, durante a dança que leva seu nome, os dançarinos também se apresentam caracterizados dessa mesma forma. É uma dança que pode ser apresentada com a participação feminina e masculina. No entanto a apresentação da dança Obaluaiê é mais popular nos terreiros do candomblé e da umbanda bem como, nas organizações de defesa a exaltação da cultura afro-brasileira.

A apresentação inicial é marcada por uma invocação ao orixá que é reiterada por um grupo de músicos que formam um coro e, o acompanhamento musical é feito com instrumentos de pau, de corda e de sopro como: curimbós, maracás, ganzás, banjos e flautas. No final da invocação, são apresentados mais seis orixás, os quais rendem afetivas homenagens a Obaluaiê.

A vestimenta para essa dança é composta de uma saia de renda rodada que vai oculta por uma segunda saia feita de palha-da-costa com búzios adornando a pala. Cobrindo toda a cabeça do dançarino, vai uma espécie de terceira saia. A cabeça toda, inclusive o rosto, ficam completamente cobertos por esse acessório que se alonga até as coxas, cobrindo também boa parte do corpo. São usados também muitos colares e guias de contas, parecidas com as que são utilizadas pelas mães e pais de santo em trabalhos das religiões afro-brasileiras. A palha também é amarrada nos braços e pernas. Dança-se descalço. (RAMOS: 2007, p. 221)

A dança de Obaluaiê exige dos dançantes um bom preparo físico sendo que os movimentos são intensos e a movimentação das palhas durante os pulos e rodopios dos bailarinos é um espetáculo à parte. Essa representação hoje é bastante comum na região amazônica.

### 3.5.2 O Batuque Amazônico

O vibrante batuque amazônico também chegou ao Brasil no período colonial, espalhando-se para os quatro cantos do país, consolidando-se especialmente na

região norte e nordeste. Também é uma dança que teve suas raízes no Candomblé Africano e trouxe em seu ritmo frenético a coragem e a alegria da raça negra.

Na região norte o Batuque espalhou-se principalmente no Pará e no Amazonas, onde o termo “batuque”, serve para designar práticas religiosas afro-brasileiras. O Batuque Amazônico refere-se a uma homenagem à cabocla “Jurema”, entidade bastante conhecida e cultuada pelos umbandistas e pelos demais cultos afro-brasileiros que, segundo os estudiosos, faz parte da mesma “linha” ou “falange” de São Jorge, santo católico que tem o guerreiro Ogum como correspondente, de acordo com o sincretismo religioso. Segundo as lendas, a cabocla Jurema habita cidades existentes no fundo das águas e tem a lua nova como período predileto para realizar seus trabalhos de encantamentos.

A dança folclórica em homenagem à Jurema começa com uma invocação à entidade entoada pelos componentes do grupo folclórico pedindo proteção para toda a Amazônia, região intimamente relacionada à Jurema devido à abundância do elemento água.

O Batuque Amazônico é desenvolvido por casais de dançarinos. As moças usam blusa confeccionada em cambraia que acompanha a saia branca rodada com detalhes amarelos. Na cabeça, um turbante característico dos cultos afro-brasileiros é usado. Os dançarinos apresentam-se sem camisa, usando apenas calças brancas e muitos colares feitos com contas. (RAMOS: 2007, p. 225)

Como a maioria das danças folclóricas da região, não se usa sapatos no Batuque Amazônico.

### **3.5.3 Banguê no Pará**

O BANGUÊ uma dança afro-brasileira surgida no Pará logo após a abolição da escravatura (Lei Áurea – 1888 assinada pela Princesa Isabel), no município de Cametá, com a chegada de negros fugidos de engenhos de cana-de-açúcar da ilha de Marajó. A etimologia da palavra Banguê significa “engenho de açúcar” também em um dialeto africano têm o mesmo significado. Daí a dança Banguê ter ficado conhecida como “**dança dos engenhos**”.

Uma curiosidade interessante é que o Banguê é dançado sem sapatos, com roupas muito coloridas, dando um visual bonito aos dançarinos. As saias das mulheres são franzidas e elas trazem muitos adornos nas cabeças. Já os homens usam calças compridas e camisas igualmente coloridas, geralmente combinando com as roupas das companheiras dançarinas.

Durante a dança homens e mulheres mobilizam-se de forma rápida para imitar o movimento ondulatório do melado que desce do tacho superaquecido quando se está fazendo o melado de cana. Em alguns momentos da apresentação, os participantes se movem de forma mais rápida. Segundo levantamento antropológico feito em Cametá, esse momento representaria a alegria dos escravos quando ocorriam as paradas nos intervalos das atividades no engenho.

A musicalidade presente no Banguê também relembra a vida, o sofrimento e a identidade cultural dos negros escravos que trabalhavam em engenhos do Pará. Confira um dos exemplos:

### **Cantiga de engenho**

Meu engenho é banguê  
 Banguê, banguê, banguê!  
 Meu engenho roda d'água  
 é danado pra moer!

Fornalheiro, fornalheiro,  
 Bote fogo na fornalha,  
 Que o engenho está fumaçando,  
 Mas a tacha não trabalha!

Moendeiro, moendeiro,  
 Bote a roda pra correr,  
 Tome conta da moenda,  
 Bote cana pra moer!

Meu engenho é banguê,  
 Banguê, banguê, banguê,

Meu engenho roda d'água  
É danado pra moer!

Seu mestre, segure o ponto,  
Olhe o mel que está de vez,  
Seu mestre não se descuide,  
Não vá queimar outra vez!

O açúcar está pesado,  
Ensacado pra vender,  
Senhor de engenho na praça.  
Com dinheiro já se vê!

Meu engenho é banguê,  
Banguê, banguê, banguê,  
Meu engenho roda d'água  
É danado pra moer!

(Autor desconhecido)

Fonte:

RAMOS, Arthur. **O Folclore Negro no Brasil**. 3. ed. Alagoas: Martins Fontes, 2007. 250 p.

FELIPE, Carlos; MANZO, Maurizio. **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

Textos pesquisados em:

<http://www.vermundo.com.br/overblog/arv>

<http://www.amazonia.com.br/folclore/danca5.asp>

### **3.6 A Capoeira**

A manifestação afro-brasileira conhecida como capoeira que é uma mistura de jogo, dança e luta tradicionalmente conhecida como **capoeira-de-angola** tem sua

origem ainda muito discutida por duas linhas de pesquisas: uma que diz que ela é genuinamente brasileira, que surge como uma reação de luta, de resistência contra o cativeiro. Já a outra corrente defende ser a capoeira de origem africana, mais precisamente da Ilha de Lubango, na aldeia dos Mucops, localizada no sul de Angola.

Praticada em quase todo o Brasil desde o século XVI onde a escravidão teve papel significativo na vida econômica e social brasileira.

Hoje, nas rodas de capoeira se alimenta a informação que o desporto foi inventado por Zumbi, como técnica de luta para defesa do Quilombo dos Palmares. A tradição oral, os registros dos viajantes, os documentos oficiais se referem a episódios mais recentes da nossa história social e política, portanto, não há como constatar aquela informação.

Outra questão importante de ser lembrada é que, no governo do republicano Marechal Deodoro da Fonseca, o então ministro da Fazenda Rui Barbosa, ordenou a queima de todos os documentos referentes ao sistema colonial escravista. Essa decisão foi adotada sob a alegação de que tais documentos seriam um retrato da vergonha nacional, representada pela escravidão. Em função dessa raridade de documentos. Abrindo lacunas em determinados períodos do sistema escravista brasileiro, optamos em seguir a linha explicativa da origem africana para a capoeira.

Segundo alguns especialistas a cultura dos povos Mucops não difere dos outros povos africanos no que se refere à diversidade e beleza. Os Mucops observaram que na época do acasalamento das zebras os machos, a fim de ganharem a atenção das fêmeas, travaram violento combate.

Daí os jovens guerreiros Mucops, passaram a imitar alguns passos desse ritual ao que denominaram de N`Golo. Os habitantes dessa aldeia realizavam uma vez por ano uma grande festa com o nome de EFUNDULA, ocasião em que as meninas que já tinham atingido a puberdade e, estando assim prontas para o casamento, teria como marido aquele guerreiro que tivesse a melhor performance na prática do N`GOLO.

Inclusive, além do coração da virgem, era este guerreiro agraciado com a isenção do pagamento de dote. Com o tráfico de escravos para o Brasil, muitos africanos escravizados conheciam a prática do N`GOLO. Com passar do tempo, eles observaram que os movimentos do N`GOLO poderiam ser utilizados como luta, especificamente contra o sistema escravagista.

Anteriormente ao tráfico de escravos a sociedade brasileira era formada unicamente por índios, os quais já tinham as suas técnicas de agricultura. Dentre várias cabe destacar a COIVARA e a KAPU`ERA. Os os negros escravizados, trazidos para substituir os índios na monocultura de cana de açúcar não dispensaram de todo o conhecimento indígena, aproveitando a técnica da

KAPU`ERA, o que consistia em cortar o mato baixo para o posterior replantio diferentemente da COIVARA onde os arbustos eram queimados. A dificuldade imposta pelos senhores de engenho aos africanos contra a prática das suas manifestações culturais urgiu que os escravos buscassem um espaço escondidos para a prática do N`GOLO sendo eleito o espaço denominado KAPU`ERA. Daí o nome desta manifestação.

Em 1930, o alemão Rugendas, no livro *Voyage Pittoresque et Historiquedans Le Brésil*, retrata pela primeira vez o jogo de capoeira, em sua gravura *Jogar capoeira ou Danse de la guerre*, a mais antiga reprodução gráfica do jogo da Capoeira.

Eis as palavras de Rugendas:

Os negros têm ainda um outro folguedo guerreiro, muito mais violento, a capoeira: dois campeões se precipitam um contra o outro, procurando dar com a cabeça no peito do adversário que desejam derrubar. Evita-se o ataque com saltos de lado e paradas igualmente hábeis; mas, lançando-se um contra o outro mais ou menos como bodes, acontece-lhes chocarem fortemente cabeça contra cabeça, o que faz com que a brincadeira não raro degenera em briga e que as facas entrem em jogo, ensangüentando-a. (citado em Luciano Milani – portal da capoeira) <http://www.portalcapoeira.com/wiki/index.php?>

Na segunda metade do século XIX, os alforriados e os escravos domésticos costumavam se reunir em certos pontos das cidades (de Belém, São Luís, Recife, Salvador e Rio de Janeiro) à espera de trabalho, eram os escravos de ganho<sup>5</sup>, carregadores de portos, remadores esperando passageiros para viagens de barco, entregadores de mercadoria (como tonéis de vinho e os célebres carregadores de piano) ou mesmo carregadores de cadeirinhas de arrumar ou redes de sinhás ou sinhazinhas. Rapazes de famílias abastadas e outros desocupados costumavam a freqüentar estes ambientes, onde se levava o tempo livre em chistes (gracejos, piadas), falações de vida alheia, jogo de azar, dominó, quedas de braço, desafios de viola, rodas de batuque e a prática da capoeira.

No Recife, a passagem das bandas-de-música era sempre motivo para atrair a atenção desses desocupados, que demonstravam a sua destreza no jogo da

---

<sup>5</sup> Eram afro-descendentes escravos que trabalhavam para entregar parte do seu dinheiro ganho do trabalho diário ao seu dono.

capoeira em grupo, a frente das bandas e ao seu ritmo, sem perturbar o deslocamento dos músicos e sempre ser por eles atropelados.

As turmas de diferentes pontos de negros-de-ganho eram naturalmente rivais e tinham seus líderes, conhecidos por sua valentia, destreza nos golpes e no uso da faca-peixeira, das bengalas ou dos porretes. Muitos desses valentes foram guarda costas de políticos, garantindo a vida e os bens de seus protetores, além de reunir a capoeiragem para arruaças nos comícios e passeatas de adversários.

Os jornais do século XIX estão cheios de reclamações de particulares e dos próprios jornalistas pedindo a ação enérgica da polícia como podemos observar a NOTÍCIA em MANCHETE “Ordem e desordem: Ajuntamentos perigosos” do Jornal do Comércio do Rio de Janeiro de 28 de janeiro de 1878:

Já por vezes temos chamado a atenção das autoridades sobre a venda da rua São Bento 53, por causa dos capoeiras, que constantemente ali se ajuntam, provocando desordens. Ainda ontem a patrulha que lá rondava intimou o caixeiro que não consentisse ali tantos negros e tanta algazarra (Jornal do Comércio 28 janeiro, 1878). (Citado em “Os capoeiras: Representações na Imprensa e na Intelectualidade do Século XIX”) <http://www.unirio.br/morpheusonline/numero07-2005/samantha.htm>)

A repressão à capoeiragem começou ao tempo do Brasil Regencial(1831-1840) e perdurou até o período republicano, isso porque toda vez que se praticava a capoeira, havia conflitos de rua com mortos e feridos. Também por ocasião da realização de festas e da apresentação de folguedos populares, era comum a presença de capoeiras e a ocorrência de conflitos.

Os movimentos abolicionistas se intensificaram no final do século XIX e a Abolição da Escravatura aconteceu através da Lei Áurea, assinada pela princesa Isabel. No entanto, ao que se constata, a libertação dos escravos aumentou o problema, com a migração de pessoas do campo para as cidades e o crescimento do número de desocupados pois o afro-descendentes “libertos” não receberam nenhum tipo de ajuda para melhorar sua condição social e econômica.

Assim nos primeiros tempos da República, a repressão tornou-se sistemática e permanente a ponto de entrar em vigor o Código Penal da República em 1980, que colocava a capoeira na ilegalidade através do Decreto 847, introdução da Capoeira no Código Penal da República, no Capítulo XIII “Dos vadios e Capoeiras”, em seus artigos 402, 403 e 404, doravante,

“Fazer nas ruas e praças públicas exercícios de agilidade e destreza corporal conhecida pela denominação de “capoeiragem” acarretava pena de reclusão de dois a seis meses, constituindo circunstância agravante pertencer a alguma malta ou bando; “aos chefes ou cabeças”, a pena seria imposta em dobro. Os reincidentes poderiam ter pena de até três anos; se fosse estrangeiro o capoeira, seria deportado após cumprir pena”.

Centenas de capoeiras foram presos e deportados para ilha de Fernando de Noronha, sob a acusação de vadiagem pela simples prática do desporto, sem comprovação de outros crimes ou contravenções. A partir desse período por algum tempo a expressão capoeira, capoeiragem ou capoeirista passaram pejorativamente à vagabundagem e à vadiagem. Foi por isso que a capoeira entrou em declínio e desapareceu em Belém, São Luís, no Recife e no rio de Janeiro, ao final da primeira década do século XX, restando apenas marcas de sua influência no passo do frevo do Recife, nas danças do bumba-meu-boi e na pernada carioca.

Na Bahia, por contingências locais a capoeira se manteve viva e se desenvolveu através de um sistema de aprendizado sistemático, quando Mestre Bimba funda em 1932, em Salvador, no Engenho Velho de Brotas, a primeira academia de capoeira registrada oficialmente, com o nome de “Centro de Cultura Física e Capoeira Regional da Bahia”.

Foi nesta época que ocorreu o grande salto na história da capoeira. Insatisfeito com o preconceito e a marginalização que a envolviam, mestre Bimba (Manuel dos Reis Machado, 1900-1974), decidiu criar uma variação da capoeira, e a chamou de Luta Regional Baiana.

Preocupado com a eficiência combativa da capoeira (arte-luta) que, segundo ele, vinha sendo dissipada e perdida pela ação do turismo (os capoeiristas envolviam-se muito àquela época com apresentações para turistas, e a capoeira for se transformando em show de acrobacias e mandingagens, afastando-se de seu sentido original), Mestre Bimba, preservando a movimentação original e os antigos rituais, introduziu modificações baseadas em golpes de jiu-jitsu, da luta greco-romana, do boxe e principalmente do batuque (luta de origem africana muito praticada na Bahia). Esdras Magalhães dos Santos (Mestre Damião), discípulo de Bimba e precursor da capoeira paulista: "Na criação da Luta Regional houve a colaboração de Cisnando Lima, cearense 'arretado', profundo conhecedor de jiu-



jitsu, boxe, luta Greco-romana (...). Cisnando transmitiu a Bimba os seus conhecimentos, aos quais o Mestre associou golpes do batuque para elaboração da nova modalidade esportiva. Decânio (Mestre Decânio, o mais idoso aluno vivo do Mestre Bimba) acentua, no entanto, que apesar de Cisnando apresentar os golpes e contragolpes daquelas lutas, a decisão final da conveniência ou não da inclusão dos mesmos na Luta Regional Baiana sempre foi do Mestre”. (Esdras Magalhães dos Santos – Mestre Damião conversando sobre capoeira (Portal da Capoeira editado por Luciano Milani).

As inovações introduzidas por mestre Bimba, conseguiram atingir os objetivos a que se propunham, isto é, conferir maior eficiência combativa à “arte-luta” e promover o seu reconhecimento social.

Em 1940, o Decreto 2848 instituiu o novo Código Penal Brasileiro. No mesmo não é citada a capoeira. A partir desta data o uso da palavra “capoeira” foi liberado.

Com o presidente Getúlio Vargas, em 1941 foi assinado o Decreto 3.199, o qual estabeleceu as bases da organização dos desportos no Brasil. Através do mesmo foi constituída a Confederação Brasileira de Pugilismo que já na fundação teve o Departamento Nacional de Luta Brasileira (Capoeiragem), que foi o embrião da Confederação Brasileira de Capoeira. Este foi o primeiro reconhecimento desportivo da modalidade.

Em 1953, Mestre Bimba e seus alunos exibem-se, no Palácio do Governo, em Salvador, a convite do então governador da Bahia Juracy Magalhães, na presença do Presidente da República, Getúlio Vargas, que teria dito, na ocasião: “A Capoeira é o único esporte verdadeiramente nacional”. A partir daí, a capoeira passou a ser mais valorizada e a ter acesso a exhibições em clubes, escolas, teatros, começando a ganhar apoio de políticos, intelectuais, artistas e do povo em geral. Porém, o capoeira, como indivíduo, continuou sendo vítima dos preconceitos da sociedade. O preconceito só começou a desaparecer a partir da década de 60, quando a capoeira começou a trilhar novos caminhos.

A vinda de emigrantes baianos para o Rio de Janeiro acabou por fazer ressurgir a capoeira nessa cidade (berço do samba), de onde a capoeira como desporto se difundiu para outras cidades do centro-sul: primeiro, como jogo de fundo de quintal e, depois, através da criação de academias. A construção de Brasília levou grande número de nordestinos para o planalto central e, com eles, a capoeira. São Paulo também recebeu grandes levas de migração nordestina que, também

trouxeram em sua bagagem cultural a capoeira, surgindo assim na grande metrópole muitas academias e até cursos universitários de Educação Física passaram a ensinar esse desporto. Portanto, a capoeira hoje é praticada e ensinada nas academias de ginástica e de pugilismo, nas escolas de formação de policiais e nas universidades. Deixou de ser uma prática das classes populares para tornar-se uma atividade esportiva e de defesa pessoal em todas as camadas da sociedade. A difusão já alcançou o exterior, praticando-se a capoeira em países da Europa, no Japão e nos Estados Unidos.

A capoeira é jogo, dança e luta, de acordo com o modo que se pratica. É jogo quando os participantes competem na demonstração de agilidade e destreza. É dança quando os capoeiras se exibem desenvolvendo a sua linguagem gestual ao som de melodias e seguindo o ritmo dos berimbaus, tambores e pandeiros. É luta quando é usada em golpes de ataques e defesa pessoal. Enquanto a capoeira do fundo de quintal e das rodas de rua é mais espontânea e criativa, mais acrobática e exibicionista, a capoeira da academia tende a ser mais técnica, com mais influência de outras modalidades de luta e artes marciais orientais.

A execução da capoeira requer uma roda, formada pela assistência e não pelas que estão participando.

É um círculo, que funciona como arena, onde os capoeiras jogam ao som da música de berimbaus, tambores, pandeiros de onde os músicos também fazem parte desse círculo. O mestre que dirige os trabalhos e tira o canto (as ladainhas) e os integrantes do grupo aguardam a vez e fazem o coro. Embora haja ocasiões em que a roda tenha até mais de dez capoeiras jogando, a movimentação se faz em duplas. Para entrar no jogo a dupla se coloca agachada junto aos músicos, em silêncio um frente ao outro, imóveis, aguardando o que lhe seja dada a senha para iniciar. O sinal para o início é dado pelo mestre, ou na própria música, por certas palavras, ou pela mudança de ritmo. Então os capoeiras se levantam e dão uma volta forçando abrir a roda, em golpes soltos não dirigidos propriamente ao adversário, pois na capoeira, vale mais a destreza que a força bruta (força muscular).

É salutar lembrar que em **1995 a Capoeira foi reconhecida pelo Comitê Olímpico Brasileiro como esporte nacional**, mas a Capoeira é muito mais que esporte: ela é dança, é folclore, é música, é psicologia, é uma forma e estilo de vida. Ela é cultura popular antes de tudo e, representa no imaginário cultural dos afro-

descendentes a simbologia de resistência, de luta, contra a opressão e exploração do sistema escravista brasileiro.

Fontes pesquisadas

<http://www.capoeiracdp.com/portug/capoeira.htm>

<http://www.portalcapoeira.com/wiki/index.php?>

### 3.7 Instrumentos musicais

A influência da música africana na cultura sonora brasileira é visível, principalmente, nos instrumentos de percussão, como atabaque, afoxé, tamborim, agogô e ganzá. Há também os de corda, como a rabeca e o berimbau, um dos símbolos da capoeira. Conheça alguns dos principais:

<b>Adufe</b>
Instrumento de percussão de origem moura, é uma espécie de pandeiro quadrado tocado com os dedos, sustentado pelos polegares. Aparece em Folia de Reis, Folia do Divino, cururu (rural e urbano), fandango, xiba, congadas, moçambique e samba rural.

<b>Agogô</b>
Encontrado nas manifestações religiosas afro-brasileiras, é formado por dois cones de metal, um agudo e outro grave, e tocado com um bastão.

<b>Atabaque</b>
Nome popular do tambor de origem africana, é tocado, no Brasil, no afoxé, no partido alto, no jongo e nos sambas em geral.

<b>Ganzá</b>
Cilindro de metal ou bambu com pedrinhas no interior

<b>Tamborim</b>
-----------------

Característico do samba carioca (mas também presente em outros ritmos), é um pequeno tambor agudo tocado com uma baqueta.

### **Berimbau**

Arco de madeira preso por um fio de arame esticado: em uma de suas pontas coloca-se uma cabaça aberta, fixada ao arame e à madeira por um barbante. Para tocá-lo, usam-se um dobrão ou uma pedra chata na mão esquerda, e uma vareta de bambu e um caxixi pequeno na direita. No Brasil, seu som virou símbolo da arte da capoeira.

### **Caxixi**

Originada do idioma quimbundo, a palavra quer dizer palma da mão, em português. É um instrumento em forma de cesta de vime, com sementes ou pedrinhas no interior, e que tem como base um pedaço de cabaça. Utilizado como instrumento de percussão em diversos gêneros musicais no Brasil e no mundo, serve de acompanhamento ao berimbau na roda de capoeira. Como garante a pulsação rítmica, é encontrado com frequência na música brasileira e também no pop internacional.

### **Curimbó**

Instrumento de percussão. Tambor de grande dimensão escavado em um tronco de árvore, com uma das extremidades obtida por uma pele. Monta-se no instrumento, para tocar. É usado para a dança do carimbó, no Pará. É assemelhado ao tambor usado no jongo (Rio de Janeiro), tambor-de-crioula (Maranhão) e bandas-de-congo (Espírito Santo)

### **Rum**

Instrumento de percussão: o maior dos três "ilus".

### **Rumpi**

Instrumento de percussão: o "ilu" médio

### **Ilu**

Denominação Genérica para os tambores usados nos cultos afro-brasileiros
--

<b>Lê</b>
-----------

Instrumento de percussão: o menor dos três “ilus”
---

<b>Pandeiro</b>
-----------------

Instrumento de percussão, constituído por uma moldura circular (aro) de madeira ou alumínio, com roalhas (rodela de metal) e uma das bases recoberta ou não por uma membrana (hoje as peles de animais estão sendo substituídas por membranas de produtos sintéticos). Executa-se o som agitando com a mão.
---

<b>Rabeca</b>
---------------

Instrumento de corda de confecção popular, executado com arco, equivalente ao violino. A palavra pode ter proveniência árabe (rebec). É de uso comum nas orquestras, de vários folguedos. Ao lado da viola, é considerado dos mais tradicionais instrumentos populares de corda.
--

<b>Reco-reco</b>
------------------

Instrumento de percussão executado por fricção. Em suas normas mais primitivas aparece como um gomo de bambu oco, com superfície entalhada em cortes transversais, que se faz soar passando sobre eles uma vareta. Sinônimos: bagé, catacá, dicanza, ganzá, guacharaca, giuro, macumba, pulé, reco, reque-reque.
--

<b>Zabumba</b>
----------------

Instrumento de percussão, tambor grande com duas membranas, percutido com duas baquetas
---

<b>Xeré</b>
-------------

(também XERÊ: Sineta, com dois cones presos pela base, utilizada nas cerimônias dos cultos afro-brasileiros para chamar o orixá Xangô.
--

Assim cada povo africano nos legou os instrumentos musicais que usava nas suas terras de origem, logicamente adaptando-os aos materiais que foram por aqui encontrados. Dos mouras do norte da África recebemos os pandeiros (de uso muito generalizado no Brasil, sendo indispensável nas baterias das escolas-de-samba, entre os tocadores de coco no Nordeste, nas orquestras dos folguedos como o pastoril, a marujada, o bumba-meu-boi). A rabeca, de origem também árabe, muito utilizada nas danças e nas orquestras dos folguedos.

Dos povos da África Ocidental veio o ganzá muito utilizado no acompanhamento de danças profanas e a maioria dos instrumentos utilizados nos cultos afro-brasileiros, como os ilus (rum, rumpi e lê), o adjá, o xerê, o gã, além da abê (que também é usada nas afoxés).

Dos povos bantos nos vieram uma grande variedade de tambores, dentre os quais o curimbó (do Pará) e o congo (do Espírito Santo); a cuíca (chamada também de puíta, onça, roncador e porca), presente nas baterias das escolas-de-samba, nas orquestras dos maracatus-rurais e em várias outras danças e folguedos; o berimbau e o caxixi, indispensáveis na música da capoeira.

Fontes pesquisadas: Cadernos do Professor do material **A cor da Cultura**, disponíveis no site: [www.acordacultura.org.br](http://www.acordacultura.org.br)

**Revista Projetos Escolares Especiais:** África. Ano 3, nº 14, 2008 ou Disponível em: <<http://www.revistaonline.com.br>>

## VAMOS ÀS ATIVIDADES

1) Em relação ao samba faça um esquema seguindo a seguinte orientação:

- a) origem do samba (local e como surgiu?)
- b) acontecimento que marcou a história da música popular brasileira ocorrido em 1899
- c) o primeiro samba gravado em 1917, que fez sucesso.
- d) quem foi Pixinguinha e o que ele representou para a música popular brasileira?
- e) cite alguns músicos de origem afro-descendentes que fazem parte da história da música popular brasileira.

2) Reflita com seus colegas as letras de samba e identifique de qual período histórico elas fazem parte. Escreva um pequeno texto falando desse contexto sobre a ideologia trabalhista e avanços na questão social do trabalho

### **O bonde de São Januário**

Quem trabalha é quem tem razão  
Eu digo e não tenho medo de errar  
O bonde São Januário  
Leva mais um operário  
Sou eu que vou trabalhar  
Antigamente eu não tinha Juízo  
Mas resolvi garantir meu futuro  
Sou feliz, vivo muito bem  
A boemia não dá camisa a ninguém  
E digo bem.

(Wilson Batista, 1941)

### **Eu trabalhei**

Eu hoje tenho tudo, tudo que um homem quer  
Tenho dinheiro, automóvel e uma mulher  
Mas para chegar até o ponto que cheguei

Eu trabalhei, trabalhei, trabalhei  
Eu hoje sou feliz

E posso aconselhar  
Quem faz o que eu já fiz  
Só pode melhorar  
E quem diz que o trabalho  
Não dá camisa a ninguém  
Não tem razão. Não tem. Não tem.

(Roberto Roberti e Jorge Faraj, 1941)

### **Trabalhar, eu não**

Eu trabalho como um louco  
Até fiz calo na mão  
O meu patrão ficou rico  
E eu pobre sem tostão  
Foi por isso agora  
Eu mudei de opinião  
Trabalhar, eu não, eu não  
Trabalhar, eu não, eu não.

(Almeidinha.1946)

3) Pesquisar:

- a) Quem foi o músico sambista Adoniran Barbosa? Em que época foram gravados esses sambas?

### **Samba do Arnesto - Adoniran Barbosa**

O Arnesto nos canvidô prum samba, ele mora no Brás



Nóis fumo e não encontremos ninguém  
 Nóis vortemo cuma baita duma reiva  
 Da outra vez nóis num vai mais  
 Nóis não semos tatu!  
 Outro dia encontremo com o Arnesto  
 Que pediu descurpa mais nóis não aceitemos  
 Isso não se faz, Arnesto, nóis não se importa  
 Mais você devia ter pnhado um recado na porta  
 Assim: “Oi,turma, num deu prá esperá  
 A vez que isso num tem importância, num faz má  
 Depois que nóis vai, depois que nóis vorta  
 Assinado em cruz porque não sei escrever Arnesto”.

### **Tiro ao Álvaro – Adoniran Barbosa**

De tanto levá  
 Frechada do teu olhar  
 Meu peito até parece sabe o quê?  
 Tábua de tiro ao Álvaro  
 Não tem mais onde furá  
 Teu olhar mata mais do que bala de carabina  
 Que veneno estriquinina  
 Que pecheira de baiano  
 Teu olhar mata mais que atropelamento de automóver  
 Mata mais que bala de revórver.

- b) Pesquise a letra completa da música “Carinhoso” de Pixinguinha (o músico Alfredo da Rocha Viana) que foi um dos mais importantes compositores populares do Brasil. Depois de pesquisá-la. Traga num CD para a sala de aula, pedindo para a professora trazer o aparelho de som e aprenda a cantá-la com seus(suas) colegas

Meu coração não sei por quê  
 bate feliz quando te vê

E os meus olhos ficam sorrindo  
e pelas ruas vão te seguindo  
mas mesmo assim, foges de  
mim... (Pixinguinha)

4) Trabalhando com música: leia e ouça a letra da música e reflita qual seria o seu papel como sujeito histórico na vida estudantil?

**Coração de Estudante**

**Milton Nascimento**

*Composição: Wagner Tiso / Milton*

*Nascimento*

Quero falar de uma coisa  
Adivinha onde ela anda  
Deve estar dentro do peito  
Ou caminha pelo ar  
Pode estar aqui do lado  
Bem mais perto que pensamos  
A folha da juventude  
É o nome certo desse amor

Já podaram seus momentos  
Desviaram seu destino  
Seu sorriso de menino  
Quantas vezes se escondeu  
Mas renova-se a esperança  
Nova aurora, cada dia  
E há que se cuidar do broto  
Pra que a vida nos dê  
Flor flor o o e fruto

Coração de estudante  
 Há que se cuidar da vida  
 Há que se cuidar do mundo  
 Tomar conta da amizade  
 Alegria e muito sonho  
 Espalhados no caminho  
 Verdes, planta e sentimento  
 Folhas, coração,  
 Juventude e fé.

Pesquisado em:

Site: <http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47421/>

Acessado em 07/08/2008

5) Trabalhando com textos da Internet:

#### **Carimbó mobiliza grupos e mestres em Santa Bárbara**

Marcelo Manzatti, São Paulo (SP) · 18/6/2008 04:58

Encontro da Campanha 'Carimbó, Patrimônio Cultural Brasileiro reunirá carimbozeiros de vários municípios paraenses que lutam pela valorização do gênero

O Carimbó é a música tradicional paraense por excelência. Junção caprichosa do pé batido indígena com o rebolado africano, preservado nas comunidades pela oralidade dos mestres populares, em sua maioria pescadores e lavradores, o Carimbó é um gênero que sintetiza a capacidade criativa, a força e a beleza do povo da Amazônia. Afirmamos mesmo que o Carimbó é parte essencial da alma paraense e amazônica, um componente fundamental da identidade cultural brasileira.

Santa Bárbara, na região metropolitana de Belém, próxima de Mosqueiro, é um dos locais onde a tradição do Carimbó vem se manifestando e fortalecendo de forma crescente, mostrando a força e vitalidade desse gênero entre a comunidade local. Município com muitas manifestações culturais populares, como Cordões de Boi e Pássaros, a cidade se prepara para realizar o seu 1º Encontro de Articulação

da Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro”, a ocorrer no dia 21 de junho de 2008 (sábado), das 08 às 14 h, no Centro Comunitário de Santa Bárbara, localizado na Rua Raimundo da Vera Cruz, ao lado da Igreja Matriz.

O Encontro pretende reunir os diversos grupos de Carimbó de Santa Bárbara e região, seus mestres, músicos e dançarinos, as entidades culturais e as instituições públicas de cultura locais, para conhecer mais sobre o processo de registro do carimbó, além de discutir propostas de organização da Comissão Local da Campanha, buscando estruturar e planejar suas atividades no município. O evento terá também a participação do IPHAN e do DPHAC/SECULT, que irão esclarecer a comunidade sobre o andamento desse registro na região.

O evento será uma oportunidade para conhecer o trabalho de grupos como o “Unidos do Paraíso”, conjunto formado em 1998 por mestres locais como Seu Cazusa e seu Wilson, dois irmãos que demonstram uma profunda paixão pela cultura popular e que estão à frente da organização da campanha nesse município. Além disso, o encontro será um espaço de integração e intercâmbio entre músicos, mestres e produtores de carimbó dos vários municípios onde a campanha está também sendo organizada. Já estão confirmados representantes de Curuçá, Marapanim, Maracanã, Santarém Novo, Terra Alta, Salinas, Belém, entre outros.

A Campanha “Carimbó Patrimônio Cultural Brasileiro” é uma iniciativa que busca sensibilizar e mobilizar a sociedade em torno da valorização e do reconhecimento do Carimbó como patrimônio imaterial da cultura brasileira, sendo uma continuidade do processo organizado a partir das discussões promovidas no Festival de Carimbó de Santarém Novo desde 2005. Organizada por entidades e grupos culturais de vários municípios, esta Campanha faz parte do processo iniciado em 2008 junto ao IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – para registrar o Carimbó Paraense como Patrimônio Cultural do Brasil, tendo o apoio do Governo do Estado através da SECULT e FUNTELPA.

Como parte fundamental do processo de registro, estamos promovendo encontros de articulação da Campanha em vários municípios onde o Carimbó é uma referência cultural profunda, locais que farão parte do inventário a ser realizado pelo IPHAN e pelo DPHAC/SECULT (Diretoria de Patrimônio) a partir deste ano. A coordenação local do evento é do grupo “Unidos do Paraíso”, em parceria com o Centro Comunitário de Sta. Bárbara, tendo o apoio do IPHAN, SECULT, Fundação

Curro Velho e FUNTELPA.
-------------------------

Texto extraído de:

[http://www.overmundo.com.br/blogs/carimbo\\_mobiliza\\_grupos\\_e\\_mestres\\_em\\_santa\\_barbara](http://www.overmundo.com.br/blogs/carimbo_mobiliza_grupos_e_mestres_em_santa_barbara)

- a) Qual é a importância da preservação do patrimônio imaterial como o “Carimbó” para a região norte do país?
- b) Você conhece ou participou de alguma mobilização para a preservação de algum patrimônio histórico-cultural na região dos Campos Gerais? (como por exemplo: Castro, Ponta Grossa, Palmeira...)

Comente.

c) Em relação ao noticiário abaixo:

- Reelabore o texto sobre a história da Capoeira no Brasil comentado pelo seu professor(a) e explique por quê em determinado tempo histórico as capoeiras foram marginalizadas como vadios, malandros e agitadores.

1878: Noticiário Policial: os desordeiros capoeiras.

Às nove horas da noite de anteontem, por ocasião de efetuar-se a prisão de alguns capoeiras no Campo da Aclamação, esquina da rua são Lourenço, dois praças de polícia, e três do Segundo regimento de Artilharia se opuseram à prisão dos malvados. Travou-se então grande luta entre urbanos e os ditos soldados, que queriam à força tomar um preso pelo fato de ter sido do corpo de polícia.

(Jornal do Comércio 29 janeiro 1878)

FONTE: “OS CAPOEIRAS: REPRESENTAÇÕES NA IMPRENSA E NA INTELECTUALIDADE DO SÉCULO XIX”

<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero07-2005/samantha.htm>

Berimbau usado na capoeira



Mestre Bimba(Manuel dos Reis Machado 1900 – 1974)Fundou em Salvador em 1932 a 1ª Academia de capoeira registrada com o nome de “Centro



capoeiristas se

ública Rio de



JOGO DA CAPOEIRA

Gravura de Rugendas feita em 1830 no livro *Voyage Pittoresque et Historique dans Le Brésil*. Retratada pela primeira vez, o jogo de capoeira em gravura intitulada “jogar capoeira” ou “Danse de la guerre”

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Parafraseando o escritor Fernando Pessoa: *“Tudo vale a pena, quando a alma não é pequena”*. Concluímos esse caderno pedagógico como uma atividade exigida pelo PDE aos professores da Rede Estadual de Ensino do Estado do Paraná. Tarefa árdua, cheia de incertezas sempre pensando em buscar o melhor e escrever aquilo que venha realmente à contribuir com o trabalho de sala de aula, principalmente nas questões que diz respeito a valorização de nossa diversidade cultural enfocando a cultura africana e dos afro-descendentes na proposta do objeto de pesquisa. Procuramos trabalhar dentro uma proposta pedagógica positiva e afirmativa em relação às questões étnico-raciais para começar a desconstruir essa visão eurocêntrica que perdurou por longos anos nos livros didáticos, em relação a matiz africana e aos afro-descendentes. Para isso caros colegas professores(as) precisamos ter a humildade e a coragem de acreditar na mudança de nossa prática pedagógica.

Assim, situar a África como um continente dividido em 53 países com línguas e culturas diversas, como são a Europa, a América e a Ásia, é um dos primeiros passos para desmontar a visão de unilateralidade em relação aos africanos, eles são diferentes em cada região daquele continente, assim como são os outros grupos étnicos. Observar e analisar os mapas do continente africano é um recurso que na disciplina de história pode ser desdobrado em diferentes atividades e projetos em relação às diversas idades e níveis de ensino, pois assim despertará a curiosidade e o questionamento que os levará a levantar argumentações sobre a distribuição do território, riquezas naturais, economia regional, pontos turísticos de determinados países, como por exemplo o Egito, ou mesmo a África das Savanas, levantar hipóteses sobre as mudanças ocorridas e assim fazer uma releitura da questão étnico-cultural.

Uma outra maneira de se trabalhar a história africana é pelo viés cultural, buscando resgatar a participação desse povo nas manifestações populares religiosas culturais, resgatando o folclore, o sincretismo religioso, nas artes, na música, na dança. Resgatar e recuperar a presença de personalidades africanas e afro-descendentes em nossa sociedade é importante que se tenha modelos positivos de identificação, como Zumbi dos Palmares, Nelson Mandela, Marthin Luter King. Adhemar Ferreira da Silva, medalha de ouro em salto triplo nas



Olimpíadas de 1952 e 1956, e João Carlos de Oliveira, o “João do Pulo”, recordista mundial e medalha de ouro em salto triplo nos Jogos Pan-Americanos de 1975, 1977 e 1979.

Ainda entre os desportistas, muitos jogadores de futebol de ascendência africana tornaram-se ídolos nacionais, como aconteceu com Leônidas da Silva, “o **Diamante Negro**”, nos anos 1930; Tomás Soares da Silva, Zizinho, nos anos 1950; Manoel Francisco dos Santos, “o **Garrincha**”, entre os anos 1950 e 1960; Edson Arantes do Nascimento, **Pelé**, que brilhou de 1958 a 1974, eleito o atleta do século XX. Não podemos deixar de lado nesse século XX duas personalidades importantes para o povo brasileiro no desporto os gaúchos: Ronaldinho e a ginasta Dayane dos Santos que, muita alegria já trouxeram para os brasileiros em suas modalidades esportivas.

Portanto, inúmeros exemplos ilustram a presença africana na formação da sociedade brasileira como na culinária, diversos pratos típicos dos portugueses e índios foram modificados pela mão africana, que introduziam o azeite-de-dendê, a pimenta malagueta, típicos da cozinha baiana. No campo do léxico, os africanos deixaram a sua marca incorporando à língua portuguesa uma infinidade de palavras.

Só por esses exemplos citados já daria para pesquisar e escrever um outro caderno pedagógico, com outro enfoque. O importante é trabalhar a lei nº 10639/2003 dentro da caracterização da pluralidade cultural do povo brasileiro, manifestada através da sua espontaneidade enraizada nas origens indígenas, européias e africanas aliada à contribuição de outros povos imigrantes. A brasilidade em a participação de cada uma dessas etnias que aqui aportaram e contribuíram para o crescimento desse país.

Esperamos que a partir desse trabalho tenhamos contribuído para reflexão de uma nova maneira de trabalhar com esse conteúdo transversal “A Cultura Africana e Afro-brasileira” e, que novos trabalhos possam surgir através dos nossos professores do Ensino Fundamental e Médio da Rede Estadual.

**Finalizando, “resgatar a nossa memória significa resgatarmos a nós mesmos das armadilhas da negação e do esquecimento; significa estarmos reafirmando a nossa presença ativa na história pan-americana e na realidade universal dos seres humanos”...**

(Abdias do Nascimento – líder do Movimento de Consciência Negra).

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Luís de. **Introdução à história dos descobrimentos dos portugueses**. 4. ed. Sintra: Publicações Europa- América, 1989.

ALENCASTRO, Luís Felipe de. **O trato dos viventes: formação do Brasil no Atlântico Sul**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ALMEIDA, Claudio Alfredo. **Levantamentos e Danças e Folguedos do Paraná**.

ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: Edusp, 1982.

BATISTA, Maristela Iurk. **Clube Princesa dos Campos - 1897/1997: 100 anos de beneficiência, conquistas e realizações na sociedade ponta-grossense**. Ponta Grossa: INPAG - Indústria Pont. de Artes Gráficas, 1998.

BENJAMIN, Roberto. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Grafset, 2006. vol.1 ao vol 4.

**BOLETIM DA COMISSÃO PARANAENSE DE FOLCLORE**, 1980.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**. São Paulo: T. A. Queiroz/Edusp, 1987.

BRASIL. **Lei nº 9394/96 LDB de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 23 de dezembro de 1996.

BRASIL. **LEI nº 10.639/2003 de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da

temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 10 de janeiro de 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p.

BRINCANTES: Recife: Prefeitura da Cidade, Fundação de Cultura do Recife, 2000. p. 104-107.

**Cadernos do Terceiro Mundo**. nº 201, ago 1997.

COSTA E SILVA, Alberto da. **A manilha e o libambo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/Biblioteca Nacional, 2002.

\_\_\_\_\_ **Um rio chamado Atlântico**: a África no Brasil e o Brasil na África. Rio de Janeiro: Nova Fronteira/UFRJ, 2003.

CERRI, Luís Fernando. A política a propaganda e o ensino da História. **Caderno Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 67, p. 319-331, set/dez 2005. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>.

FELIPE, Carlos; MANZO, Maurizio. **O grande livro do folclore**. Belo Horizonte: Leitura, 2000.

FERNANDES, José Loureiro. **Congadas paranaenses**. Rio de Janeiro: MEC, Fundação Nacional de Arte. FUNARTE, 1977.

FLORES, Êlio Chaves. **Etnicidade e ensino de história**: a matriz cultural africana. Artigo publicado pelo DEHIS da UFPa, 2006.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, Fátima. **Congada**. Secretaria da Cultura do Paraná, 1997.

GIARDELLI, Élsie da Costa. **Ternos de Congos de Atibaia**. Rio de Janeiro: MEC-Sec-FUNARTE, 1981.

HENRIQUES, R. **Raça e gênero no sistema de ensino**. Os limites das políticas universalistas na educação. UNESCO, 2002.

JORNAL GAZETA DO POVO. **Popular or not Popular Caderno G**, 20/02/2000, Pag. 06 e 07.

JORNAL GAZETA DO POVO. **Potiguaras Resgatam Danças Antigas**. 15/05/94, Pag. 03.

LIMA, Ivan et al (orgs). **Os negros, os conteúdos escolares e a diversidade cultural**. Florianópolis: Núcleo de Estudos Negros, 1998. 2 vol.

MELLO, Antônio Brandão de. Breve história da rainha Zinga Mbandi, D. Ana de Sousa. In: **Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa**, Série 63, nº3 e 4, 1945.

MOCELIN, Renato. **Os guerrilheiros do contestado**. São Paulo: Editora do Brasil, 1989.

NEVES, Guilherme Santos. **Cadernos de Folclore – Bandas de Congos**. FUNARTE. 1980.

**Nouvel Atlas Bordas Historique ET Géographique**. Paris: Bordas.

PARREIRA, Adriano. **Economia e sociedade em Angola na época da rainha Jinga**: século XVII. Lisboa: Editorial Estampa, 1977. 247p.

RAMOS, Arthur. **O Folclore Negro no Brasil**. 3. ed. Alagoas: Martins Fontes, 2007. 250 p.

**Revista de História da Biblioteca Nacional.** Ano 1, nº 6, dez de 2005.

**Revista Nova Escola.** Ed. Abril. S. Paulo. Agosto/2005. Disponível em:  
<<http://www.novaescola.com.br>>

**Revista Geográfica Universal.** Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A. set/1976.

**Revista Geográfica Universal.** Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A. jul/1986,  
nº 140.

**Revista Geográfica Universal.** Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A.  
maio/1989, nº 174.

**Revista Geográfica Universal.** Rio de Janeiro: Bloch Editores S. A.  
ago/1996, nº 259.

**Revista Projetos Escolares Especiais:** África. Ano 3, nº 14, 2008 ou  
Disponível em: <<http://www.revistaonline.com.br>>

**Revista Projetos Escolares Especiais:** África. Ano 3, nº 14, 2008 ou  
Disponível em: <<http://www.revistaonline.com.br>>

SANTANA, José Carlos. Pigmeus na floresta. **O Estado de S. Paulo**, de 15  
de janeiro de 1989).

SILVA, Alberto da Costa e. **A enxada e a lança.** Rio de Janeiro Nova  
Fronteira /Biblioteca Nacional, 2001.

SILVA, Petronilha B. Gonçalves. Espaços para as relações interétnicas:  
contribuições da produção científica e da prática docente, entre gaúchos, sobre  
negros e educação. In: **A escola cidadã no contexto da globalização.** SILVA, Luiz  
H. (org). Petrópolis: Vozes, 1999.

SILVA, Valdemar Félix da. **Congada de São Benedito, um auto de conversão na Lapa, música, dança e religiosidade.** Dissertação de Mestrado em Ciências da Religião, PUC. São Paulo, 2002.

TONGU, Maria Izabel de Oliveira. **Alegria de viver.** Educação Religiosa. São Paulo: Moderna, 1997.

VIDAL-NAQUET. **Atlas histórico:** da pré-história aos nossos dias. 1992.

ZICMAN, R. B. **História através da imprensa:** algumas considerações metodológicas. Projeto História, v.4, junho/85, p.89-102.

## SITES

Disponível em:

<<http://dominiopublico.gov.br/download/imagem/pc000445.pdf>>

Disponível em: <<http://www.cineplayers.com/critica.php?id=613>. cinema UOL.com.br/filmes/2005/08/18hotel\_ruanda.jhtm27k. cinemayahoo.com.br/filme12130/sinopse>

Disponível em:

<<http://www.construirnoticias.com.br/asp/materia.asp?id=1019>>

Disponível em:

<[http://www.portalbrasil.net/religiao\\_religioes\\_afrobrasileiras.htm](http://www.portalbrasil.net/religiao_religioes_afrobrasileiras.htm)>

RAMOS, Arthur; VOLPATO, Rosane. Disponível em:

<<http://www.rosanevolpatto.trd.br/deusaiemanja1htm>>

Disponível em:

<<http://br.geocities.com/dependentequimico/religiao.htm#umbanda>>

Disponível em: <[http://pt.wikipedia.org/wiki/senhor\\_do\\_bonfim](http://pt.wikipedia.org/wiki/senhor_do_bonfim)>.

<<http://www.salvadorfoto clube.com.br>>.

<<http://www.flic/crr.com/groups/salvadorfoto clube>>.

Disponível em: <<http://www.igrejadesaojorge.com.br/-2f>>. Acessado em: 24/07/2008.

Disponível em:

<[http://www.laicican.org/laicicanossioni/port\\_saber\\_mais/paginaport/novidades.htm7k](http://www.laicican.org/laicicanossioni/port_saber_mais/paginaport/novidades.htm7k)> Acesso em: 24/07/2008.

Disponível em: <<http://www.salvadorfoto clube.com.br>>

<<http://www.flickrr.com/grupos/salvadorfoto clube>> Acessado em: 27/07/2008.

Disponível em:

<[http://www.arteafricana.usp.br/codigos/artigos/002/notas\\_discursivas.html](http://www.arteafricana.usp.br/codigos/artigos/002/notas_discursivas.html)>

<<http://www.mundoetnico.com.br/mascaras>>

**África.** Projetos Escolares Especiais) ano 3;.....2008. Disponível em:

<<http://www.revistaonline.com.br>>

Disponível em: <<http://www.povo.it/ars/odot11/rolde1.htm-23k>>

Disponível em: <<http://www.lapa.pr.gov.br/lapa-folk1.asp-30k>>

Disponível em:

<<http://www.hemisphericinstitute.org/unirio/studentwork/imperioprojects/betolanza/betolanzawork.htm>>

Disponível em:

<<http://www2.petrobas.com.br/minisite/memoriacultural/post/patrimoniomaterial/congada.asp-11k>>

Disponível em: <<http://www.proex.ufpr.br/mae/mae.htm-44k>>

Disponível em:

<[http://www.bandpenorio.com.br/pazes/index\\_artigos.asp?id=94-36k](http://www.bandpenorio.com.br/pazes/index_artigos.asp?id=94-36k)>

Disponível em:<<http://www.proec.ufpr.br/mae/mae.hmt-44k>>

Disponível em:

<[http://bahiadefato.blogspot.com/2007/06/jos\\_dirceu\\_visita\\_escolaolodum\\_da.html](http://bahiadefato.blogspot.com/2007/06/jos_dirceu_visita_escolaolodum_da.html)

> <<http://cliquemusic.uol.com.br/artistas/olodum.asp>>

<<http://www.mundonegro.com.br/noticias/index.php?noticiaid=388-38k>>

<[http://www.overmundo.com.br/agenda/batuque\\_de\\_umbigada](http://www.overmundo.com.br/agenda/batuque_de_umbigada)>

<<http://www.jangadabrasil.com.br/dezembro40/fe40120b.htm-22k>>

Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/arv>>



Disponível em: <<http://www.amazonia.com.br/folclore/danca5.asp>>  
 <<http://wwwamazonia.com.br/folclore/danca6.asp>>  
 <<http://www.abrasoffa.org.br/eticos/frutosdopara.htm>>  
 <<http://branswer.yahoo.com/question/index?qid=20080610111339AAGMQJB>>  
 <[http://www.capuchinosrsorg.br/sejupe/arquivos\\_site/06\\_01\\_2007\\_09\\_12\\_23](http://www.capuchinosrsorg.br/sejupe/arquivos_site/06_01_2007_09_12_23)>  
 >

Disponível em: <<http://www.portalcapoeira.com/wiki/index.php?>>>

**Os capoeiras:** Representações na Imprensa e na Intelectualidade do Século XIX”

Disponível em: <<http://www.unirio.br/morpheusonline/numero07-2005/samantha.htm>>

Disponível em: <<http://www.capoeiracdp.com/portug/capoeira.htm>>  
 <<http://www.portalcapoeira.com/wiki/index.php?>>>  
 <<http://www.vodeliberdade.hpg.ig.com.br>>  
 <[www.portalcapoeira.com/eventos-agenda/aconteceu-palestra-a-origem-da-capoeira?date=2008-07-01](http://www.portalcapoeira.com/eventos-agenda/aconteceu-palestra-a-origem-da-capoeira?date=2008-07-01)>  
 <<http://newtonmoura.sites.uol.com.br/origens.htm-9k>>

Disponível em: <<http://www.acordacultura.org.br>> África. <<http://www.revistaonline.com.br>>

Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/milton-nascimento/47421/>>  
 Acessado em: 07/08/2008.

Disponível em:  
 <[http://www.overmundo.com.br/blogs/carimbo\\_mobiliza\\_grupos\\_e\\_mestres\\_em\\_santa\\_barbara](http://www.overmundo.com.br/blogs/carimbo_mobiliza_grupos_e_mestres_em_santa_barbara)>

## PARA SABER MAIS:

Sugestões de bibliografias e sites:

- **Sites:**

Disponível em: <[http://www.portalafro.com.br/entidades/entidades.htm](http://www.portalaфро.com.br/entidades/entidades.htm)>

Disponível em:<  
<http://www.revistadehistoria.com.br/v2/home/2go=detalhe&id=1445-39k>>

Disponível em: <<http://www.capoeiratbcom/http/por/historiahtml-43k>>

Disponível em: <<http://www.capoeiradobrasil.com.br>>

Disponível em: <<http://www.revistaonline.com.br>> África. **Revista Projetos Escolares Especiais**. Ano 3, nº 14 2008.

- **Bibliografias**

1 – ALENCAR, Aglaé D'Avila Fontes de. **Danças e folguedos**. Aracaju: Governo de Sergipe, 1988. 320 p.

2 – ALVARENGA, Oneyda. **Música popular brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1950.

3 – AMORIN, Maria Alice; BENJAMIN, Roberto. **Carnaval: cortejos e improvisos**. Recife: Fundação de Cultura Cidade de Recife, 2002.

4 – ANDRADE, Mario de. **Dicionário musical brasileiro**. Belo Horizonte: Itatiaia, INL, 1983. 287 p.

5 – BATISTA, Roser. **As Américas negras**. São Paulo: Difusão Européia do Livro; EDUSP, 1974. 210 p.

6 – BENJAMIN, Roberto; TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A festa do Rosário de pombal**. João Pessoa: UFPB, 1977. 114 p.

7 - \_\_\_\_\_. Combindas da Paraíba. In: **Cadernos de Folclore**, 26. Rio de Janeiro: CDFB, 1978.

8 – BENJAMIN, Roberto. **Folgedos e danças de Pernambuco**. Recife: Fundação da Cultura Cidade do Recife, 1989. 134 p. il.

9 – BENJAMIN, Roberto; RODRIGUES, Janete Lins [et all]. **A África está em nós: história e cultura afro-brasileira**. João Pessoa, PB: Grafset, 2006. Coleção 4 volumes (Ensino Fundamental).

10 – BERCITO, Sonia de Deus Rodrigues. **Nos tempos de Getúlio: da Revolução de 1930 ao fim do Estado Novo**. São Paulo: Atual, 1990. 74 p.

11 – BRANDÃO, Théo. **Folgedos natalinos de Alagoas**. Maceió: Departamento Estadual de Cultura, 1961. 209 p.

12 – CACCIATORE, Olga. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1977. 279 p.

13 – CARNEIRO, Edison. **Candomblé da Bahia**. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 145 p.

14 – CASCUDO, Luis da Câmara. **Antologia do folclore brasileiro**. 9 ed. São Paulo: Global, 2003. Vol 1.

15 – TINHORÃO, José Ramos. **Música popular: um tema em debate**. 3. ed. São Paulo: Ed. 34, 1997. 192 p.